



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

PRINCÍPIOS ÉTICOS DA PEDAGOGIA ROUSSEAUNIANA

ADRIANO MELO MEDEIROS

RECIFE – PE

2008

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

PRINCÍPIOS ÉTICOS DA PEDAGOGIA ROUSSEAUNIANA

ADRIANO MELO MEDEIROS

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Filosofia, Departamento de Filosofia,
Universidade Federal de Pernambuco,
como parte dos requisitos necessários
à obtenção do título de Mestre em
Filosofia sob orientação Prof. Dr.
Washington Martins.

RECIFE – PE

2008

Medeiros, Adriano Melo

**Princípios éticos da pedagogia rousseauiana /
Adriano Melo Medeiros. -- Recife: O Autor, 2008.
111 folhas.**

**Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de
Pernambuco. CFCH. Filosofia, 2008.**

Inclui: Bibliografia.

**1. Filosofia. 2. Educação – Filosofia. 3. Ética. 4.
Sociedade e educação. 5. Direitos humanos. I. Título.**

**1
100**

ed.)

**CDU (2.
CDD (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH2009/120**

TERMO DE APROVAÇÃO

ADRIANO MELO MEDEIROS

Dissertação de Mestrado em Filosofia **aprovada**, pela Comissão Examinadora formada pelos professores a seguir relacionados, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia, pela Universidade Federal de Pernambuco.

Dr. WASHINGTON LUIZ MARTINS DA SILVA




ORIENTADOR

Dr. FERDINAND RÖHR



1º EXAMINADOR

Dr. LUIZ VICENTE VIEIRA



2º EXAMINADOR

RECIFE/2008

AGRADECIMENTOS

Ao colega de graduação Gutemberg Miranda por ter me indicado o *Emílio* como objeto de estudo.

Ao orientador Wasinghton Martins, pela liberdade e confiança, fundamentais para a consecução desta dissertação, bem como, pelo apoio para o futuro Doutorado.

Ao grupo de estudos Rousseau, especificamente: a Angélica, Cristina, Taíza, Elmer e Beto, pelas idéias e debates.

Ao professor Carlos França, pelas aulas de português e pelo esmero na correção desta dissertação.

À Rafaella Roberta Pessoa, pelo incentivo e pela ajuda nas correções.

A todos e todas que de forma direta ou indireta contribuíram para a concretização deste projeto de pesquisa e de vida.

RESUMO

A educação é, ao mesmo tempo, um árduo e privilegiado problema que o Ser Humano se põe pois, trata de como ele se faz e se desfaz. Jean-Jacques Rousseau reconhece o grau de importância desse problema e transforma-o em uma das bases fundamentais de seu sistema filosófico. Ele elabora toda uma teoria sobre o Ser Humano a partir de uma proposta pedagógica capaz de prepará-lo para viver na sociedade corrompida, partindo dos pressupostos seguintes: os primeiros movimentos da natureza são sempre retos; agir bem é agir de acordo com a natureza; o Ser Humano é naturalmente bom – porém foi corrompido pelo processo civilizatório, contudo é possível recuperar a bondade original por meio da educação pois, essa bondade não foi destruída –; a educação funciona como mediação entre o Ser (Homem Natural) e o Dever-Ser (Homem Social) do Homem, que só será feliz e capaz de viver em sociedade se conservar sua bondade original. Em seus dois primeiros discursos – *Sobre as Ciências e as Artes* e *Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade* – Rousseau denuncia e investiga as causas da corrupção da natureza humana e da sociedade e em seu tratado sobre a educação apresenta um dos elementos necessários para reverter este quadro. Seguindo esse caminho, esta dissertação apresentará os princípios éticos que fundamentam essa proposta educativa de recondução do Ser Humano à sua bondade original e analisará sua influência na compreensão de que a educação é um Direito Humano Universal.

Palavras-chave: Educação, Ética, Ser Humano, Sociedade, Direitos Humanos.

RÉSUMÉ

L'éducation est, au même temps, un laborieux et privilégié problème que l'Être Humain se met donc, traite de comme il se fait et se défait. Jean-Jacques Rousseau reconnaît le degré d'importance de cette problème et le transforme en base fondamentale de son système philosophique. Il élabore toute une théorie sur l'Être Humain à partir d'une proposition pédagogique capable de lui donner conditions de vivre chez la société corrompue, en partant des présuppositions suivantes : les premiers mouvements de la nature sont toujours droits ; agir bien est agir en conformité avec la nature ; l'Être Humain est naturellement bon - néanmoins a été corrompue par le processus de formation de la civilisation, mais c'est possible de récupérer la bonté originale par l'éducation donc, cette bonté n'a pas été détruite - ; l'éducation fonctionnent comme médiation entre l'Être (Homme Naturel) et le Devoir-Être (Homme Social) de l'Homme, qui seulement sera heureux et capable de vivre en société se préserver sa bonté originale. Chez leurs deux premiers discours - Sur les Sciences et les Arts et Sur l'Origine et les Fondements de l'Inégalité - Rousseau dénonce et faire des investigations sur la cause de la corruption de la nature humaine et de la société et chez son traité sur l'éducation présente un des éléments nécessaire pour renverser ce tableau. En suivant ce chemin, cette dissertation présentera les principes moraux qui se basent cette proposition éducative de retour de l'Être Humain à leur bonté originale et analysera leur influence dans la compréhension dont l'éducation est un Droit Humain Universel.

Mots-clé : Education, Éthique, Être Humain, Société, Droits de l'Homme

LISTA DE ABREVIATURAS

CGP - Considerations sur le Gouvernement de Pologne

DCQ - Discours sur cette question: Quelle est la vertu la plus nécessaire au héros

DOI - Discours sur l'Origine et les Fondements de l'Inégalité parmi les Hommes

DSA - Discours sur les Sciences et les Arts

CS - Du Contract Social ou Principes du Droit Politique

ES - Emile et Sophie, ou Les Solitaires

E - Emile ou de l'Éducation

EOL - Essai sur l'Origine des Langues

LDV - Le Devin du Village

LC - Les Confessions de J.J. Rousseau

LCB - Lettre à Christophe de Beaumont

LM - Lettre à Malesherbes

LMo - Lettres Morales

PSC - Parallèle de Socrates et de Caton

P - Pygmalion

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. DISCURSO DAS CIÊNCIAS E DAS ARTES OU DA CONDENAÇÃO DA SOCIEDADE SETECENTISTA.....	16
1.1 Algumas considerações sobre a Europa do Século XVIII	16
1.2 O Discurso sobre as Ciências e as Artes	21
2. DISCURSO DA DESIGUALDADE OU DA GENEALOGIA DO MAL	31
2.1 O Homem Natural.....	36
2.2 O Homem do Homem	40
2.3 Da Verdadeira Origem das Misérias Humanas	47
2.3.1 Uma alternativa ao mal: <i>Do Contrato Social</i>	51
3. EMÍLIO OU DA SOCIABILIZAÇÃO DO SER HUMANO SEGUNDO A NATUREZA	54
3.1 A meta	58
3.2 O caminho	60
3.2.1 Do nascer ao falar	64
3.2.2 Do falar à consciência de si	67
3.2.3 Da consciência de si ao pensar	77
3.2.4 Do pensar ao amar.....	76
3.2.5 Do amar ao Cidadão	81
4. A ÉTICA DO CORAÇÃO	86
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A EDUCAÇÃO COMO DIREITO HUMANO, A MORALIDADE COMO NECESSIDADE HUMANA	99
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106

INTRODUÇÃO

Ainda brilhava sob os céus da França o *Roi Soleil*, Luis XIV (1638-1715), quando nasce em Genebra, no dia 28 de junho de 1712, Jean-Jacques Rousseau. Filho do protestante e relojoeiro Isaac Rousseau e de Suzanne Bernard, filha do pastor da localidade. Por consequência do parto, morre sua mãe em 7 de julho do mesmo ano, e ele passa a ser educado por uma tia, Suzanne Rousseau.

Em 1717, Isaac Rousseau é obrigado a mudar-se; com isto, Jean-Jacques passa a ser educado por seu pai. Sua mãe deixara uma pequena biblioteca constituída de romances, e livros de historiadores e moralistas, sendo esta rapidamente consumida por ambos pois, Isaac passava as noites a ler para o filho. Este fato, contribuiu sobremaneira para a educação intelectual e emocional do jovem Rousseau, pois a leitura dos livros representava também um culto rendido, tanto pelo pai quanto pelo filho, à memória de Suzanne.

Contudo, esse período de relativa tranqüilidade tem seu termo em 1722 quando seu pai se expatria, em função de um desentendimento com um certo capitão Gautier. Órfão de mãe morta e de pai vivo, Rousseau passa a ter uma vida multívaga, cheia de contratempos e esperanças frustradas, até seus últimos dias.

Primeiramente, ele é instalado na casa do pastor Lamercier, em Bossey, onde aprende latim. Em 1724, volta para Genebra, passando a viver na casa de um tio, Gabriel Bernard. Nessa ocasião, torna-se aprendiz de advogado e escrivão. Tendo sido demitido, pois o tabelião considerava-o preguiçoso e idiota, torna-se aprendiz de gravador, ofício no qual também não obtém muito sucesso. Frustrado com sua situação, volta a refugiar-se nos livros. Até que em 1728, por encontrar fechadas as portas da cidade ao regressar de um passeio, decide não voltar à casa do seu patrão, passando a vagar de cidade em cidade, de profissão em profissão.

É nesse período que desenvolve seus estudos sobre música e almeja ser um grande compositor. Trabalha por um tempo como músico na capela da catedral de Annecy, como professor de música; compõe peças teatrais e óperas, até que concebe um audacioso projeto: elaborar um novo sistema de notação musical. Quando finalmente está pronto o *Projet concernant de nouveaux signes pour la musique* rumo para Paris, certo de que encontrará o

sucesso. *Não pensava senão em partir para Paris, não duvidando que em apresentando meu projeto à Academia não fizesse uma revolução*¹.

Em 1742 apresenta na Academia das Ciências de Paris seu projeto. Contudo, os comissários dessa sociedade científica julgaram que o novo projeto não era nem novo nem útil. Apesar do fracasso não desiste de buscar o sucesso por meio da música. No ano seguinte conhece Diderot e passa a colaborar com este na *Encyclopédie*, até que em 1748 D'Alembert encarrega-o de escrever artigos sobre música. Antes disso, em 1745, liga-se a Thérèse Levasseur, com quem terá cinco filhos, todos depositados na roda dos enjeitados².

Não obstante suas pretensões como músico, um evento ocorrido em outubro de 1749 irá mudar completamente seu destino. Diderot estava preso no castelo de Vincennes por expressar princípios ateístas. Rousseau visitava-o todos os dias e como não tinha condições de pagar por um transporte percorria o caminho a pé, para distrair-se levava consigo algo para ler. Em uma dessas caminhadas lê no *Mercur de France* a questão que a academia de Dijon havia colocado como tema para seu prêmio de moral: “*O restabelecimento das ciências e das artes terá contribuído para aprimorar os costumes?*”. Ao se deparar com tal questão diz que viu um outro universo e se transformou em um novo homem³. Na segunda carta ao senhor Malesherbes, escrita em 12 de janeiro de 1762, escreve com precisão o que ocorrera doze anos antes.

Se por acaso algo se assemelhou a uma inspiração súbita, foi o movimento que se fez em mim nesta leitura; de repente senti o espírito ofuscado por mil luzes; multidões de idéias vivas se apresentaram ao mesmo tempo com uma força e uma confusão que me lançou numa perturbação inexprimível; senti minha cabeça tomada por um atordoamento semelhante à embriaguez. Uma violenta

¹ Je ne songeai qu'à partir pour Paris, ne doutant pas qu'en présentant mon projet à l'Académie je ne fisse une révolution. (LC, 272). (Observação: todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas pelo autor dessa dissertação)

² A "roda dos enjeitados" foi criada em Marselha, na França, em 1188. Mas foi apenas na década seguinte que seu uso se popularizou. Na ocasião, chocado com o número de bebês mortos encontrados no Rio Tibre, o papa Inocêncio III mandou que o sistema fosse adotado nos territórios da Igreja. No fim do século XIX, o Hospital Santo Spirito, próximo ao Vaticano, um dos primeiros a dispor da "roda dos enjeitados", chegou a receber cerca de 3.000 bebês abandonados por ano. Sobrenomes comuns de famílias italianas teriam origem na "roda dos enjeitados". Entre eles, Esposito, que vem de "exposto" e Innocenti (alusão à inocência infantil). Um dos mais famosos usuários da "roda" foi o filósofo francês Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), que abandonou os cinco filhos que teve com a serviçal Thérèse le Vasseur. (BUCHALLA, Anna Paula. Salvos pela "roda". IN : *VEJA*. Rio de Janeiro, Edição 1998, 07 de março de 2007.)

³ A l'instant de cette lecture je vis un autre univers et je devins un autre homme. (LC, 351)

palpitação me oprimia, agitou meu peito; não podendo mais respirar andando, deixei-me cair sob uma das árvores da avenida, e lá passei uma meia hora em tal agitação que em me restabelecendo percebi toda a frente do meu casaco molhada de minhas lágrimas sem ter sentido que as derramava. Oh! Senhor, se tivesse podido escrever o quarto disto que vi e senti sob aquela árvore, com qual clareza teria feito ver todas as contradições do sistema social, com qual força teria exposto todos os abusos das nossas instituições, com qual simplicidade teria demonstrado que o homem é bom naturalmente e que é por estas instituições apenas que os homens se tornam maldosos!⁴

Qualquer pessoa que queira bem compreender o pensamento rousseauiano deverá necessariamente tentar entender esta revolução íntima, que apesar de súbita deixou sensações que se estenderam por mais de cinco anos⁵, ocorrida com o até então músico que, quase contra sua própria vontade, se tornou um dos mais importantes filósofos modernos. Como disse o próprio: *Todo o resto da minha vida e minhas desgraças foi o efeito inevitável deste momento de desvairio*⁶.

Segundo Henri Gouhier, isso pelo que passou o filósofo genebrino corresponde exatamente ao que Bergson descreve como sendo a *Emoção Criadora*, inclusive o próprio Bergson, em seu livro *As duas Fontes da Moral e da Religião*, cita Rousseau como exemplo de criador de uma emoção nova e original⁷. O que quer que tenha ocorrido na estrada que vai

⁴ Si jamais quelque chose a ressemblé à une inspiration subite, c'est le mouvement qui se fit en moi à cette lecture; tout à coup je me sens l'esprit ébloui de mille lumières; des foules d'idées vives s'y présentèrent à la fois avec une force et une confusion qui me jeta dans un trouble inexprimable; je sens ma tête prise par un étourdissement semblable à l'ivresse. Une violente palpitation m'opresse, soulève ma poitrine; ne pouvant plus respirer en marchant, je me laisse tomber sous un des arbres de l'avenue, et j'y passe une demi-heure dans une telle agitation qu'en me relevant j'aperçois tout le devant de ma veste mouillé de mes larmes sans avoir senti que j'en répandais. Oh ! Monsieur, si j'avais jamais pu écrire le quart de ce que j'ai vu et senti sous cet arbre, avec quelle clarté j'aurais fait voir toutes les contradictions du système social, avec quelle force j'aurais exposé tous les abus de nos institutions, avec quelle simplicité j'aurais démontré que l'homme est bon naturellement et que c'est par ces institutions seules que les hommes deviennent méchants! (LM, 1135)

⁵ Et ce qu'il y a de plus étonnant est que cette effervescence se soutint dans mon cœur, durant plus de quatre ou cinq ans, à un aussi haut degré peut-être qu'elle ait jamais été dans le cœur d'aucun autre homme. (LC, 351)

⁶ Tout le reste de ma vie et de mes malheurs fut l'effet inévitable de cet instant d'égarement. (LC, 351)

⁷ Segundo Bergson a vida é evolução criadora, isto é, ação que continuamente se cria e se enriquece, incessante devir; é duração, impulso e criação. O Homem é capaz de sentir este impulso, que é chamado por Bergson de élan vital, contudo a matéria é um obstáculo à expansão do mesmo. Por vezes, apesar do obstáculo, esse impulso "explode" e se manifesta como uma profusão de sentimentos que dá lugar ao ato criador. "Não nos parece duvidoso que uma emoção nova esteja na origem das grandes criações da arte, da ciência e da civilização em geral. Não apenas porque a emoção é um estimulante, mas porque incita a inteligência a empreender e a vontade a perseverar" (BERGSON, 1978, p. 36). "Criação significa, antes de tudo, emoção" (BERGSON, 1978, p. 37). Como exemplo deste fenômeno Bergson cita Rousseau: "A montanha pôde, desde a eternidade, comunicar aos que a contemplam certos sentimentos comparáveis a sensações e que lhe eram de fato próprios. Mas Rousseau

de Paris a Vincennes fez Rousseau sentir *nascer em sua alma uma espécie de nebulosa afetiva repleta de idéias, visão ao mesmo tempo luminosa e confusa de um mundo novo que se revela em sua verdade antes de qualquer percepção distinta de suas formas*⁸.

As idéias advindas com esta *Emoção Criadora* tomaram uma forma bem acabada e precisa ao longo de todos os escritos posteriores ao evento de Vincennes. Contudo é em seus dois primeiros discursos e no Emílio que se encontra o caráter distintivo desta emoção. Continuando a descrição do ocorrido, Rousseau diz que:

Tudo que pude reter destas multidões de grandes verdades que num quarto de hora me iluminaram sob aquela árvore, foi fracamente bem disperso nos três principais dos meus escritos, a saber o primeiro Discurso, aquele sobre a desigualdade e o Tratado de educação, essas três obras são inseparáveis e formam juntas um mesmo todo. Todo o resto foi perdido, e apenas escrevi sobre o lugar mesmo a Prosopopéia de Fabrício. Aí está como, quando nisto menos pensava, me tornei autor quase contra a minha vontade⁹.

A iluminação de Vincennes mostrou a Rousseau as contradições do sistema social, os abusos das nossas instituições; a bondade natural do ser humano e que é pelas instituições apenas que os homens se tornam maldosos. Seguindo a indicação de Cassirer de que há uma unidade sistemática no pensamento rousseauiano, é possível dizer, como Todorov, que Rousseau estabelece em seus primeiros escritos um *diagnóstico da situação do Homem, da doença que o corrói*. E nas obras posteriores, *propõe remédios para curá-lo*¹⁰. Com o Emílio tem-se um modelo de educação que visa a preservação da natural bondade humana, com o *Contrato Social* tem-se um modelo para a necessária reforma da sociedade.

criou, a propósito dela, uma emoção nova e original. Essa emoção tornou-se corriqueira depois que Rousseau a divulgou” (BERGSON, 1978, p. 34).

⁸ Naître en son âme une espèce de nébuleuse affective gonflée d'idées, vision à la fois lumineuse et confuse d'un monde nouveau qui se révèle dans sa vérité avant toute perception distincte de ses formes (GOUHIER: 1999, CLXXXI)

⁹ Tout ce que j'ai pu retenir de ces foules de grandes vérités qui dans un quart d'heure m'illuminèrent sous cet arbre, a été bien faiblement éparé dans les trois principaux de mes écrits, savoir ce premier Discours, celui sur l'Inégalité et le Traité de l'éducation, lesquels trois ouvrages sont inséparables et forment ensemble un même tout. Tout le reste a été perdu, et il n'y eut d'écrit sur le lieu même que la Prosopopée de Fabricius. Voilà comment, lorsque j'y pensais le moins, je devins auteur presque malgré moi. (LM, 1136)

¹⁰ Dans ses premiers écrits (les deux *Discours*), Rousseau établit un diagnostic de la situation de l'homme, de la maladie qui le ronge ; dans son œuvre postérieure, il propose des remèdes pour le guérir. (TODOROV : 1997, 18)

Apesar de naturalmente bom, o homem, assim como qualquer outro ser, não é originalmente um ser moral, ele apenas se torna moral quando se transforma em um ser social. Disso decorre que a sociedade é necessária ao Ser Humano para que ele se realize enquanto tal, mesmo que as instituições que a compõem corrompam-no. Portanto, faz-se necessário sociabilizá-lo sem que seja desvirtuado.

Entendendo educação como sendo antes de tudo o processo através do qual o Ser Humano é sociabilizado e sua moralidade é constituída, Rousseau se preocupará antes com a formação ética que com a profissional; antes com a formação cognitiva que com a formação intelectual. *Saindo das minhas mãos, não será, convenho, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente homem*¹¹.

Com isso, Rousseau combate a tradição anterior a ele e inaugura uma nova tradição, de modo que é possível dizer que sua obra *é profundamente uma obra de reação*¹² ao mesmo tempo que é uma obra de construção.

Qual é a ética subjacente desta reação-construção que se traduz na proposição de um novo modelo educativo? Responder esta questão é precisamente o objetivo desta dissertação, e seguindo a indicação do próprio Rousseau de que seus dois primeiros discursos e o Emílio formam um mesmo todo¹³, a resposta a ser dada percorrerá este longo percurso.

No primeiro capítulo é apresentado um breve resumo da situação sócio-econômica-cultural da Europa do século XVIII, tendo em vista situar a questão proposta pela academia de Dijon. Em seguida, tem-se a exposição da resposta que Rousseau deu a tal questão, bem como sua argumentação. Nesta exposição é destacada a análise ética que ele desenvolve ao dar sua resposta e a proposta de uma ética do sentimento por ele lançada.

O segundo capítulo se concentra em seu segundo discurso. Nele será apresentada, através da história da evolução do homem natural ao homem social, o processo pelo qual ele foi desnaturado, em outros termos: a genealogia do mal.

¹¹ En sortant de mes mains, il ne sera, j'en conviens, ni magistrat, ni soldat, ni prêtre; il sera premièrement homme. (E, 252)

¹² Est profondément une oeuvre de réaction. (GROSRICHARD: 1967, 43)

¹³ A este todo se juntam todas as demais obras de Rousseau, e de forma especial o *Contrato Social* por estar incluído no Emílio. Vide: CASSIRER, Ernest. *A questão Jean-Jacques Rousseau*. São Paulo: UNESP, 1999.

O terceiro capítulo, cujo foco é o Emílio, abordará a proposta educativa de Rousseau em seu caráter pedagógico: o que ensinar, porque ensinar tais assuntos e outros não, como ensinar.

No capítulo seguinte tem-se a atitude filosófica propriamente dita: analisar. Nele será examinada a ética do coração, que apenas no Emílio encontra-se plenamente desenvolvida: de que se trata, quais seus fundamentos e conseqüências?

Por fim, serão apresentadas as considerações finais decorrentes da análise precedente, relacionando os princípios éticos da pedagogia rousseuniana com a concepção de que a educação é um Direito Humano Universal.

A educação é uma arte, é quase impossível que obtenha êxito, pois que a ação necessária a seu sucesso não depende de ninguém. Tudo o que se pode fazer a força de cuidados é se aproximar mais ou menos do objetivo, porém é preciso felicidade para o atingir¹⁴.

Por mais difícil que seja atingir o objetivo ao qual se propõe todo educador, e a educação em geral, a consciência dessa dificuldade; o conhecimento, o mais claro e preciso possível, das causas dessa dificuldade; e uma boa dose de esperança, com certeza, ajudam a diminuir as dificuldades pois, se é verdade que a educação não é a solução para os problemas do mundo, também é verdade que seja qual for a solução ela não pode prescindir da educação.

¹⁴ l'éducation est un art, il est presque impossible qu'elle réussisse, puisque le concours nécessaire à son succès ne dépend de personne. Tout ce qu'on peut faire à force de soins est d'approcher plus ou moins du but, mais il faut du bonheur pour l'atteindre. (E, 247). (Observação: Apesar de ter sido usada na elaboração desta dissertação a obra de Rousseau em língua francesa há uma boa tradução do Emílio para a língua portuguesa da editora da DIFEL, vide: referências.)

1 DISCURSO DAS CIÊNCIAS E DAS ARTES OU DA CONDENAÇÃO DA SOCIEDADE SETECENTISTA¹⁵

A sociedade ocidental contemporânea tem sua origem em um lento processo iniciado no século XII, quando, através das cruzadas e do contato com o mundo árabe, a Europa reencontrou a filosofia Greco-romana; quando, através de Marco Pólo, o Ocidente “descobriu” o Oriente; e quando, através dos burgos, a vida urbana começou a ser retomada. Foram cinco séculos de gestação de um outro modo de conceber o Mundo, do Ser Humano olhar a si mesmo. Essas novas idéias começaram a mudar de fato a sociedade a partir da primeira revolução burguesa, a Revolução Puritana, ocorrida na Inglaterra em 1640.

Passando pelo Renascimento, pela Reforma e Contra-Reforma; pelo restabelecimento da ciência por Descartes, Locke e Newton; pela Revolução Gloriosa, ocorrida em 1688 na Inglaterra; pela disputa de hegemonia entre Inglaterra e França; pela Revolução Tecnológica da segunda metade do século XVIII, base da Revolução Industrial do Século XIX; pelo Iluminismo; pela independência dos Estados Unidos em 1776, pela Revolução Francesa de 1789, o mundo só foi efetivamente “novo” quando a Burguesia assumiu de fato o poder político e econômico da sociedade. Fim desse processo, o Século XVIII é um marco fundamental para a compreensão do mesmo.

1.1 Algumas considerações sobre a Europa do Século XVIII

A Europa do século XVIII é geograficamente maior em relação a do século anterior. Com a reincorporação de parte das terras que pertenciam ao império Turco e com a expansão em direção ao leste – cujos limites são: o leste polaco, o norte escandinavo, a Pomerânia, a Prússia oriental, a Hungria, a Rússia do tchernoziom, os Urais e a Sibéria – a Europa dobra de

¹⁵ o termo *setecentista* é equivalente ao termo *Século XVIII*.

tamanho. É também uma Europa mais populosa em virtude da duplicação do seu conjunto de habitantes entre os anos de 1700 a 1800¹⁶ e do aumento da expectativa de vida¹⁷.

O aumento populacional e geográfico, juntamente com o aperfeiçoamento das técnicas agrícolas e a melhoria no armazenamento das colheitas, irão promover um ligeiro aumento na produção e, conseqüentemente, nos rendimentos e na qualidade daquilo que se come.

Pela primeira vez, um homem que trabalha fornece alimento a três homens que trabalham, um homem que trabalha na terra fornece comida a doze ou quinze de seus semelhantes (CHAUNU: 1995, v. II, 17). Com isso, mais homens são liberados do trabalho agrícola e podem se dedicar a outros setores de produção, além de promover a urbanização dos estados europeus¹⁸. Situação que repercute profundamente em toda a economia.

Essa nova Europa é espacialmente e temporalmente imensa. O mesmo tempo que se gasta para ir até a América gasta-se para atravessá-la de norte a sul e de leste a oeste. Contudo, mesmo sem uma mudança significativa nos meios de transporte e apenas com aperfeiçoamentos nas vias de transporte na Europa Central, houve uma redução de 10% a 20% na relação distâncias-tempo. Redução que pode parecer insignificante nos dias de hoje, porém bastante expressiva para um tempo em que uma viagem poderia durar até 120 dias. Essa diminuição provocou uma melhoria nas comunicações e uma redução nos custos das viagens.

Tais conquistas forneceram as condições necessárias para a verdadeira revolução ocorrida no século XVIII: a *Civilização Escrita*. A partir de 1730, uma fração não desprezível da população, incluindo-se aí as classes mais baixas, adquire um nível de leitura eficaz. A Inglaterra, por exemplo, em 1675 já atingia o nível de 45% da população alfabetizada. A *Europa das Luzes ganhou à civilização escrita dez vezes mais homens do que o século XVI*

¹⁶ A nova Europa do Leste conta com um crescimento de 200% (Sic.). A população da Noruega passou de 440mil habitantes em 1665 para 883 mil em 1801; a Suécia passou de 1.450.000 em 1720 para 2.347.000 habitantes em 1800; A Finlândia passa de 305.500 para 833mil habitantes em 1800; Os estados da velha Áustria passam de 5,5 milhões em 1725 para 8,5 milhões em 1789; A Hungria passa de 1,8 milhões em 1850 para 8,5 milhões em 1789. Na Europa Mediterrânea o crescimento é de 90% na península ibérica (7 milhões de habitantes em 1700, um pouco mais de 13 milhões em 1800) e de 35% na itálica (13,4 milhões em 1700, 18,1 milhões em 1800). A Europa Central, incluindo a Grã-Bretanha, cresceu 70%, (passa de 33 milhões de habitantes entre 1680 e 1700 para 55 milhões em 1800), Segundo dados retirados de CHAUNU.

¹⁷ Em 1680 a expectativa de vida era de 33 anos para os homens e 33,6 para as mulheres; em 1730 era de 44,8 para os homens e 48,2 para as mulheres; em 1780 era de 47,8 para os homens e 55,4 para as mulheres. Nestes dados incluem-se as mortes violentas (Dados retirados de CHAUNU).

¹⁸ A Flandres e o Brabante ultrapassam a marca de 50% de povoamento urbano. A Espanha tem uma média de população urbana entre 20% e 25. A Inglaterra no início do século tem 30% e no final entre 40% e 50%. A França é a única que se mantém rural: apenas 16% da população vive nas cidades (Dados retirados de CHAUNU).

tinha conseguido (CHAUNU: 1995, v.I, 145). Sem isso, impossíveis seriam tanto o Iluminismo quanto a Revolução Industrial.

Rousseau foi um dos beneficiários dessa nova situação. Filho de um humilde relojoeiro, aos seis anos de idade fora apresentado ao universo das letras. Fato que lhe marcou profundamente.

Não sei como aprendi a ler; só me lembro de minhas primeiras leituras e do efeito que tiveram sobre mim: é daquele tempo que eu dato, sem interrupção, a consciência que tenho de mim mesmo. Minha mãe havia deixado alguns romances. Meu pai e eu começamos a lê-los depois do jantar, inicialmente apenas com a idéia de utilizar alguns livros divertidos para eu praticar a leitura. Mas logo nos interessamos tanto por eles que líamos sem cessar, revezando-nos, durante a noite inteira. Não conseguíamos jamais parar antes de chegar ao fim de um volume. E, algumas das vezes, meu pai, escutando as andorinhas ao romper da aurora, dizia com uma expressão encabulada: Vamos para a cama; sou mais criança que você.¹⁹

O crescente número de pessoas alfabetizadas potencializa as conquistas do século XVIII. Antes desse fato, toda inovação em qualquer que fosse a área, levava anos, até séculos, para ser difundida. Com a civilização da escrita, esse tempo é reduzido para meses, no máximo décadas. Outra mudança significativa, decorrente da difusão da leitura, é a alteração no tradicional modo de aprendizagem, o ‘ver-fazer’, ‘ouvir-dizer’ cede lugar ao ‘ler-aprender’. O artesão ainda aprende seu ofício vendo seu mestre, mas é com a leitura que ele torna suas mãos mais hábeis e eficazes.

A leitura é o novo veículo da aprendizagem, em pouco tempo será o principal. Veja-se o caso de Jean Ranson²⁰, próspero comerciante do século XVIII da cidade de La Rochelle que buscou nos livros, e mais especificamente em Rousseau, a melhor forma de lidar com sua vida pessoal.

¹⁹ Je ne sais comment j'appris à lire; je ne me souviens que de mes premières lectures et de leur effet sur moi: c'est le temps d'où je date sans interruption la conscience de moi-même. Ma mère avait laissé des romans; nous nous mîmes à les lire après souper, mon père et moi. Il n'était question d'abord que de m'exercer à la lecture par des livres amusants; mais bientôt l'intérêt devint si vif que nous lisions tour à tour sans relâche, et passions les nuits à cette occupation. Nous ne pouvions jamais quitter qu'à la fin du volume. Quelquefois mon père, entendant le matin les hirondelles, disait tout honteux: allons nous coucher; je suis plus enfant que toi. (LC, 08.)

²⁰ Todas as informações sobre Ranson foram tiradas do livro de DARNTON.

Nos arquivos da *Société Typographique de Neuchâtel* (STN), importante editora suíça de livros franceses no período pré-revolucionário, foram encontradas quarenta e sete cartas de autoria de Ranson destinadas ao editor da STN Frédéric-Samuel Ostevald, seu antigo professor na escola secundária de Neuchâtel, a quem se ligara fortemente. Segundo Darnton, em tais cartas, além das encomendas de livros, Ranson falava de seus interesses literários e de sua vida pessoal, sendo possível, desta maneira, formar uma idéia geral dos gostos e hábitos de leitura do jovem comerciante.

Dentre os autores mais lidos por Ranson, Rousseau ocupa lugar de grande destaque. Ranson era o que hoje chamaríamos de *fã número um*. Lia tudo de Rousseau e sobre Rousseau, até mesmo boatos e fofocas; conhecia a vida pessoal dele e chamava-o de *l'Ami Jean-Jacques*, apesar de apenas conhecê-lo por seus escritos. Em uma das cartas diz ele a Ostevald:

Embora eu lhe tenha implorado repetidas vezes, *Monsieur*, para me enviar notícias de *l'Ami Jean-Jacques*, por quem me interessa tanto, o senhor é tão cruel a ponto de nada dizer a seu respeito. Não teve a oportunidade de vê-lo e de se beneficiar de algumas poucas palavras com ele, em Paris? Insisto em que me conte tudo, assim que for possível, do contrário ficarei ressentido.²¹

Quando da morte de Rousseau, escreveu ele:

Então, *Monsieur*, perdemos o sublime Jean-Jacques. Como me dói jamais o haver visto nem o ouvido falar. Fiquei com a mais extraordinária admiração por ele, lendo seus livros. Se, algum dia, eu viajar até as proximidades de Ermenonville, não deixarei de visitar seu túmulo e, talvez, derramar algumas lágrimas sobre ele.²²

Para Ranson, Rousseau era muito mais que um autor ao qual ele tinha uma extraordinária admiração, era através de seus livros que aprendia a agir. Após casar-se escreveu:

Envio-lhe meus mais calorosos agradecimentos por seus bons votos referentes ao meu novo estado. [...] Tudo que l'Ami Jean-Jacques

²¹ RANSON, in: DARNTON, pág 302.

²² Op. cit, 304.

escreveu sobre os deveres dos maridos e esposas, de mães e pais, teve um profundo efeito sobre mim; e confesso-lhe que me servirá como norma, em qualquer destes estados que eu deva ocupar.²³

Depois do nascimento de sua filha, escreveu: *Minha esposa me fez pai de uma menina, que passa muito bem e **está sendo amamentada pela mãe**, com o maior sucesso* (RANSON, in: DARNTON, p. 304. Destaque nosso). Em outra carta, afirmou: *quanto prazer sinto em observar esta jovem criatura crescer! Quanta felicidade terei, se ela continuar a viver e se, pela boa educação, eu puder **extrair o máximo de bondade de sua natureza***. (RANSON, in: DARNTON, 307. Destaque nosso.). Claras referências aos princípios constantes no Emilio.

Ranson entrou no casamento e na paternidade através da leitura dos livros e era através da leitura que ele acreditava fazer seus filhos outros Emiles e Emilies.

Essa situação era uma grande novidade, e aos poucos se tornava algo comum. Outro fã de Rousseau, após a leitura de *La Nouvelle Héloïse*, escreveu para o mesmo o seguinte: *Sinto-me uma pessoa melhor, desde que li seu romance, que espero não seja um romance*.²⁴ Um outro, também após a leitura do mesmo romance, redigiu uma carta dirigida a Rousseau, na qual se lêem praticamente as mesmas idéias que nas de Ranson.

Sinceramente comprometido com uma jovem esposa, aprendi com o senhor, e ela também, , que estamos unidos pelo mais terno amor – e não, como pensávamos, por uma simples ligação baseada no hábito de vivermos juntos. Com a idade de vinte e oito anos, sou pai de quatro filhos e seguirei suas lições para transformá-los em homens – não o tipo de homem que se vê por toda parte, em torno, mas o tipo que vemos apenas no senhor.²⁵

Enfim, numa Europa geograficamente maior, economicamente mais próspera, habitada por um número maior de pessoas, que vivem mais e melhor e que são cada vez mais “esclarecidas”, nada tão natural quanto a existência de um profundo e largamente difundido otimismo.

²³ Extraído de *Correspondance complete de Jean-Jacques Rousseau*. In : DARNTON, 303.

²⁴ Op. cit, 318.

²⁵ Op. cit, 317.

É neste clima que, em 1749, a Academia de Dijon, para seu prêmio de moral, propôs a seguinte questão: *O restabelecimento das ciências e das artes terá contribuído para aprimorar os costumes?*

1.2 O Discurso propriamente dito

Rousseau toma conhecimento da questão proposta pela academia de Dijon quando se dirigia a Vincennes, no intuito de visitar seu amigo Diderot que lá se encontrava preso. Possuído por um intenso entusiasmo, escreve a lápis, ainda na estrada, sentado sob um carvalho, a prosopopéia de Fabrício²⁶. Ao chegar a seu destino, narra ao amigo o ocorrido, este o aconselha a concorrer ao prêmio. Sobre a composição do que será mais tarde chamado de *Discours sur les Sciences et les Arts*, diz:

Com a mais inconcebível rapidez, os meus sentimentos puseram-se em uníssono com as minhas idéias. Todas as minhas paixões foram abafadas pelo entusiasmo da verdade, da liberdade, da virtude [...] Trabalhei o discurso de uma maneira bastante singular, que quase sempre segui nas minhas outras obras. Consagrei-lhe as insônias das minhas noites. Na cama, meditava de olhos fechados, e com incrível dificuldade moía e remoía na cabeça os meus períodos: depois, quando conseguia achar-me satisfeito com eles, alojava-os na memória até que pudesse transladá-los ao papel²⁷.

²⁶ Oh Fabrício que pensaria vossa grande alma, se, por desgraça vossa, chamado novamente à vida, vísseis a face pomposa dessa Roma salva por vosso braço, e que vosso nome respeitável ilustrou mais do que todas as suas conquistas? "Deuses! - diríeis, - em que se transformaram aqueles tetos de colmo e os lares rústicos outrora habitados pela moderação e a virtude? Que esplendor funesto sucedeu à simplicidade romana? Que linguagem estranha é essa? Que costumes efeminados são esses? Que significam essas estátuas, esses quadros, esses edifícios? Insensatos, que fizestes? Vós, senhores das nações, vos tornastes escravos dos homens frívolos que vencestes! São os retóricos que vos governam! Foi para enriquecer os arquitetos, os pintores, os estatuários e os histriões que regastes com o vosso sangue a Grécia e a Ásia! Os despojos de Cartago são a presa de um tocador de flauta! Romanos, apressai-vos a derrubar esses anfiteatros; quebrai esses mármore, queimai esses quadros, expulsai esses escravos que vos subjugam, e cujas artes funestas vos corrompem. Que outras mãos se ilustrem por vãos talentos; o único talento digno de Roma é o de conquistar o mundo e nele fazer reinar a virtude. Quando Cinéias tomou o nosso senado por uma assembléia de reis, não o deslumbrou uma pompa vã nem a eloquência rebuscada; não ouviu essa eloquência frívola, estudo e encanto dos homens fúteis. Que viu, pois, Cinéias de tão majestoso? Oh cidadãos! viu um espetáculo que jamais poderão dar as vossas riquezas e as vossas artes, o mais belo espetáculo que jamais foi visto sob es céus a assembléia de duzentos homens virtuosos, dignos de comandar em Roma e de governar a terra." (ROUSSEAU: 1978, 341)

²⁷ Mes sentiments se montèrent, avec la plus inconcevable rapidité, au ton de mes idées. Toutes mes petites passions furent étouffées par l'enthousiasme de la vérité, de la liberté, de la vertu [...] Je travaillai ce discours

Em bem pouco tempo o discurso ficou pronto. Rousseau entrega-o na academia e com ele consegue nada menos que o primeiro lugar, obtendo, assim, a fama e a notoriedade que tanto almejava. Não obstante todo o sucesso alcançado e toda crítica favorável ao seu primeiro trabalho de cunho filosófico, as impressões que o jovem escritor tem sobre ele não são muito boas:

A esta obra, cheia de valor e de força, falta, porém, em absoluto lógica e ordem; de todas as que me saíram da pena, é a de mais fraco discernimento e a mais pobre em número e harmonia; contudo, por mais talento com que se nasça, a arte de escrever não se aprende de golpe²⁸.

Se por um lado a obra em questão apresenta tais características, por outro, a reação tempestuosa ao aparecimento inopinado da questão, o entusiasmo apaixonante com o qual é escrita a resposta, os princípios – verdade, liberdade e virtude – que a fazem surgir e seu conteúdo “fraco” e “pobre” revelam muito sobre a personalidade de seu autor e conferem força e calor a este discurso que, segundo François Bouchardy, é uma declaração pública de ruptura e engajamento consecutivos a uma revolução interior²⁹.

No prefácio, Rousseau diz ser a questão uma das mais belas e importantes, jamais proposta. Que ela não trata das sutilezas metafísicas que invadiram todas as partes da literatura, das quais as academias nem sempre estão isentas; mas de uma dessas verdades que se relacionam com a felicidade do gênero humano. Que sua resposta será universalmente

d'une façon bien singulière, et que j'ai presque toujours suivie dans mes autres ouvrages. Je lui consacrais les insomnies de mes nuits. Je méditais dans mon lit à yeux fermés, et je tournais et retournais mes périodes dans ma tête avec des peines incroyables; puis, quand j'étais parvenu à en être content, je les déposais dans ma mémoire jusqu'à ce que je pusse les mettre sur le papier: mais le temps de me lever et de m'habiller me faisait tout perdre; et quand je m'étais mis à mon papier. (LC, 351)

²⁸ Cependant cet ouvrage, plein de chaleur et de force, manque absolument de logique et d'ordre; de tous ceux qui sont sortis de ma plume c'est le plus faible de raisonnement, et le plus pauvre de nombre et d'harmonie: mais avec quelque talent qu'on puisse être né, l'art d'écrire ne s'apprend pas tout d'un coup. (LC, 352)

Na nota de advertência que abre o discurso, Rousseau é ainda mais duro em sua avaliação sobre o mesmo: Qu'est-ce que la célébrité? Voici le malheureux ouvrage à qui je dois la mienne. Il est certain que cette pièce qui m'a valu un prix et qui m'a fait un nom est tout au plus médiocre et j'ose ajouter qu'elle est une des moindres de tout ce recueil. Quel gouffre de misères n'eût point évité l'auteur, si ce premier livre n'eût été reçu que comme il méritait de l'être? Mais il fallait qu'une faveur d'abord injuste m'attirât par degrés une rigueur qui l'est encore plus. (DCA, 1237)

²⁹ il lui [le discours] a reconnu cependant une importance considérable, À certains égards exceptionnelle, parce qu'il y déclarait publiquement une rupture et un engagement consécutifs à une bouleversement intérieur qui sana conférer au style toutes qualités lui donnait du moins force e chaleur. (BOUCHARDY: 1996, XXVII)

censurada, visto que, se chocará com tudo aquilo que é admirado pelos homens. Contudo, não é de seu interesse escrever para agradar aos belos espíritos nem à gente da moda.

O Discurso principia justamente com um esclarecimento cauteloso sobre a posição tomada. Perguntando-se qual partido deveria tomar, responde: *Aquele, senhores, que convém a um homem de bem que nada sabe e que como tal não se estima menos.*³⁰ – que é estar ao lado da verdade. Que apesar de ser uma censura à ciência, o que se faz não é maltratá-la, mas defender a virtude perante homens virtuosos.

Essa explicação visa também deixar claro os princípios nos quais irá se fundamentar para responder a questão de Dijon. Em sua réplica ele não toma por base os princípios racionalistas, técnicos e científicos do iluminismo, que de certa forma ele até desdenhará. Para alcançar seus objetivos tomará como fundamento uma ética do sentimento de inspiração greco-romana. Inspiração que é bem demonstrada com a prosopopéia de Fabrício e as constantes referências a Esparta, bem como pelo fato de ele adotar Sócrates e Catão³¹ como modelos dessa virtude.

Tomadas as devidas precauções, afirma ser um grande e belo espetáculo ver o homem dissipar, com as luzes de sua razão, as trevas nas quais a natureza o envolvera; elevando-se, dessa forma, acima de si mesmo; percorrendo a passos de gigante a vasta extensão do universo; e, o que ainda é mais importante e difícil, entrar dentro de si e conhecer sua natureza, seus deveres e seu fim.

Tal elogio não representa uma mera adulação aos que serão censurados nem constitui uma tirada irônica; é antes o ponto de partida para sua resposta negativa. O bem que o saber promoveu demonstra, antes de qualquer coisa, a existência de um saber verdadeiro, capaz de promover a felicidade. Cabe, pois, fazer a distinção entre o saber verdadeiro e o não verdadeiro. Como fazer tal distinção? A essa pergunta, responde com uma metáfora:

³⁰ Quel parti dois-je prendre dans cette question? Celui, messieurs, qui convient à un honnête homme qui ne sait rien, et qui ne s'en estime pas moins. (DCA : 05)

³¹ Sobre Sócrates e Catão, além das constantes referências presentes no Discurso das Ciências e das Artes, há dois textos de autoria do próprio Rousseau muito pouco conhecidos: *O Discours sur cette question: Quelle est la vertu la plus nécessaire au héros* e *Parallèle de Socrates et de Caton* que fora escrito entre os anos de 1750 e 1752, mas que só foram publicados pela primeira vez em 1972. Neste último diz: « Si vous êtes Philosophe, vivez como Socrate, si vous n'êtes qu'homme d'Etat vivez comme Caton » (PSC, 1897). [Se és filósofo, viva como Sócrates, se não és senão um homem de estado viva como Catão]

O habitante de alguma região afastada que procurasse formar uma idéia dos costumes europeus sobre o estado das ciências entre nós, sobre a perfeição das nossas artes, sobre a afabilidade dos nossos discursos, sobre as nossas perpétuas demonstrações de benevolência, e sobre essa multidão tumultuosa de homens de toda idade e de todo estado que parecem ter pressa, desde o amanhecer até ao pôr-do-sol, de se obsequiareem reciprocamente; esse estrangeiro repito, adivinharia exatamente nos nossos costumes o contrário do que eles são.³²

Rousseau preconiza que há uma cisão entre os costumes e o caráter de cada indivíduo. Neste *rebanho chamado sociedade*³³ ninguém segue o próprio gênio, ninguém ousa parecer tal como se é; há uma total falta de transparência nas relações interpessoais. *Que ser e parecer sejam diversos, que um véu dissimule os verdadeiros sentimentos, esse é o escândalo inicial com que Rousseau se choca, esse é o dado inaceitável de que buscará a explicação e a causa, essa é a infelicidade de que deseja ser libertado.* (STAROBINSKI: 1991, 17). O saber verdadeiro é, portanto, aquele que é capaz de promover a unidade entre os costumes e o gênio de cada indivíduo, de modo que não haja uma distinção entre *Ser e Parecer*.

As ciências e as artes estariam apartadas desse saber verdadeiro e, além disso, ambas, cada vez mais, estariam aumentando a distância que separa o caráter dos costumes. Partindo dessa idéia, Rousseau desenvolve uma extensa argumentação para afirmar que nossas almas se corromperam à medida que as ciências e as artes progrediam.

Como advertiu o próprio autor, sua argumentação tem mais força e valor que lógica e ordem. Os argumentos apenas se sucedem, sem no entanto terem um encadeamento lógico entre si. Sendo o primeiro argumento o do *papel ideológico das ciências e das artes*.

*A necessidade elevou os tronos, as ciências e as artes consolidaram-nos*³⁴. Enquanto o papel do Governo e das Leis é atender à segurança e ao bem-estar, as ciências e as artes fazem com que aqueles sejam amados. Dessa maneira, o sentimento original de liberdade é abafado e os homens tornam-se *Escravos Felizes*.

³² C'est qu'un habitant de quelque contrée éloignée qui chercherait à se former une idée des mœurs européennes sur l'état des sciences parmi nous, sur la perfection de nos arts, sur la bienséance de nos spectacles, sur la politesse de nos manières, sur l'affabilité de nos discours, sur nos démonstrations perpétuelles de bienveillance, et sur ce concours tumultueux d'hommes de tout âge et de tout état qui semblent empressés depuis le lever de l'aurore jusqu'au coucher du soleil à s'obliger réciproquement; c'est que cet étranger, dis-je, devinerait exactement de nos mœurs le contraire de ce qu'elles sont. (DCA, 9)

³³ Ce troupeau qu'on appelle société. (DCA, 8)

³⁴ Le besoin éleva les trônes; les sciences et les arts les ont affermis. (DCA, 7)

O segundo argumento é uma indução fraca, que poderíamos chamar de o argumento *histórico*. Enquanto o Egito, Atenas, Roma e a China se mantiveram como povos simples e ignorantes sua grandeza e riqueza aumentavam, mas, na medida em que passaram a cultuar o Saber, tornavam-se cada vez mais decadentes, até a derrocada final com seu desaparecimento ou subjugação. Por outro lado, os persas, os citas, os germanos e espartanos, por rejeitarem o Saber, sempre se mantiveram gloriosos.

Em defesa desse raciocínio, Rousseau lança mão de um argumento de autoridade ao citar Sêneca – *Depois que os sábios começaram a aparecer entre nós os homens de bem desapareceram* (SÊNECA, In: ROUSSEAU: 1978, 340) – e Sócrates e sua conclusão sobre a afirmação do oráculo de Delfos³⁵.

O terceiro argumento é o da *origem nos vícios*. Para Rousseau a ciência não nasce de qualquer virtude nem do desejo desinteressado de conhecer, ela tem sua origem em nossos vícios em especial o da vaidade.

De fato, seja folheando os anais do mundo, seja suprimindo crônicas incertas com pesquisas filosóficas, não se encontra uma origem dos conhecimentos humanos que corresponda à idéia que a respeito gostamos de formar. A astronomia nasceu da superstição; a eloquência, da ambição, do ódio, da adulação, da mentira; a geometria, da avariza; a física, de uma vã curiosidade; todas, e a própria moral, do orgulho humano. As ciências e as artes devem seu nascimento aos nossos vícios: duvidaríamos menos das suas vantagens, se o devessem às nossas virtudes³⁶.

Dessa argumentação deriva seu quarto e último argumento o da *consequência da origem viciosa*. Tendo uma origem viciosa, a ciência apenas produz vícios, tais como: o luxo, a corrupção do gosto e a debilidade da coragem.

³⁵ Para saber se o oráculo estava com a razão ao afirmar que ele era o mais sábio dos homens, Sócrates sai às ruas perguntando a todos, do General ao cidadão comum, sobre seus conhecimentos. Dessa investigação percebeu que todos os cidadãos atenienses apenas possuíam a aparência do saber e muito se orgulhavam disto, isto o levou a concluir que de fato o oráculo falara a verdade, pois ele realmente era o mais sábio, não porque soubesse mais que os outros, mas por ser o único a saber que não sabia de nada. Vide: Platão. *Apologia de Sócrates; Críton*. Lisboa: Edições 70, 2002.

³⁶ En effet, soit qu'on feuillette les annales du monde, soit qu'on supplée à des chroniques incertaines par des recherches philosophiques, on ne trouvera pas aux connaissances humaines une origine qui réponde à l'idée qu'on aime à s'en former. L'astronomie est née de la superstition; l'éloquence, de l'ambition, de la haine, de la flatterie, du mensonge; la géométrie, de l'avarice; la physique, d'une vaine curiosité; toutes, et la morale même, de l'orgueil humain. Les sciences et les arts doivent donc leur naissance à nos vices: nous serions moins en doute sur leurs avantages, s'ils la devaient à nos vertus. (DCA, 17)

Só existindo nas sociedades onde a ciência e a arte é cultuada, o luxo, apesar de ser a representação material do esplendor de um Estado, é antes uma demonstração da decadência moral desse Estado, pois, em situações como esta, o indivíduo não vale pelo que ele ‘É’, mas pelo que ele é capaz de consumir, pelo que ‘Parece Ser’.

Em uma sociedade de aparência o gosto é corrompido, pois os artistas não produzem segundo a inspiração das musas, mas segundo a inspiração da vaidade; o desejo de aplausos e riqueza é o que move e inspira os artistas, e aquele que por seu espírito se recusa a seguir os modismos de sua época morreria a míngua.

O luxo e as comodidades que a ciência oferece debilita a coragem, essa natural disposição para enfrentar os perigos, as dores e as adversidades é enfraquecida. Como diria Bezerra da Silva: *Você com revólver na mão é um bicho feroz, sem ele anda rebolando e até muda de voz*³⁷.

Além desses vícios, a ciência e as artes produzem outros de maior gravidade. Na sociedade do *Parecer Ser*, a educação é insensata, pois orna o pensamento sem dar-lhe uma verdadeira capacidade de Julgar. Tal educação apenas ensina o que devemos esquecer.

Desde os nossos primeiros anos, uma educação insensata orna o nosso espírito e corrompe o nosso julgamento. Vejo, por toda parte, imensos estabelecimentos onde se educa a juventude por preços exorbitantes, para lhe ensinar todas as coisas, exceto os seus deveres. Vossos filhos ignoram a sua própria língua, mas falarão outras que não se usam em parte alguma; saberão fazer versos que mal poderão compreender; sem saber separar o erro da verdade, Possuirão a arte de os tornar irreconhecíveis aos outros por meio de argumentos especiosos; mas, as palavras magnanimidade, equidade, temperança, humanidade, coragem, eles não saberão o que são; o doce nome de pátria jamais lhes impressionará os ouvidos; e, se ouvirem falar de Deus, será menos por apreendê-lo do que por temê-lo. Eu preferiria que meu aluno passasse o tempo a jogar a péla pelo menos, o corpo se sentiria mais bem disposto. Sei que é preciso ocupar as crianças e que a ociosidade é para elas o perigo que mais se deve temer. Que é necessário, então, que aprendam? Eis aí uma bela questão. Que aprendam o que devem fazer sendo homens, e não o que devem esquecer³⁸.

³⁷ SILVA, Bezerra da. *Bicho Feroz*. Disponível em <<http://portalamazonia.globo.com/letrasdemusica.php?idM=2795>>, acessado em 30/10/2006.

³⁸ C'est dès nos premières années qu'une éducation insensée orne notre esprit et corrompt notre jugement. Je vois de toutes parts des établissements immenses, où l'on élève à grands frais la jeunesse pour lui apprendre toutes choses, excepté ses devoirs. Vos enfants ignoreront leur propre langue, mais ils en parleront d'autres qui ne sont

Em nossa sociedade, os indivíduos que praticam as ciências e as artes gozam de privilégios que a grande maioria não tem, gerando uma profunda desigualdade social; desigualdade esta que é ainda maior se levarmos em consideração não apenas os indivíduos, mas os Estados. O que pensar das nações Européias frente aos povos africanos e americanos na época em que Rousseau escreveu este discurso?

Esse privilégio de que gozam as pessoas ligadas à ciência causa *o vício da preferência dos talentos agradáveis aos úteis*. Com essa vantagem tem-se um número cada vez maior de especialistas, em detrimento do número de cidadãos. Se por um lado a especialização permite maiores avanços nos conhecimentos científicos e artísticos, por outro diminui a capacidade do indivíduo perceber algo além daquilo em que se especializa, diminuindo sua capacidade de julgar o mais útil que é sua dimensão coletiva, uma vez que vivemos em sociedade.

Deixando de lado as inconsistências existentes na argumentação, há em todos os argumentos um ponto em comum: o distanciamento do Ser Humano da Virtude promovido pelas ciências e pelas artes, e a conseqüente promoção de um *Parecer Ser*. Elas fortalecem o Poder e não a Liberdade; promovem vícios e não virtudes; com o luxo estimulam o desejo do aparente; com a corrupção do gosto não promovem a pessoa, mas o personalismo; enfraquecem a coragem; a educação é ornamental; corrompem a igualdade natural e, por fim, diminuem a capacidade de julgar e a autonomia do Ser Humano. Em resumo, as ciências e as artes afastam o Ser Humano de sua Natureza, tiram-lhe a Liberdade, a Igualdade e a Autonomia, e, em troca, lhe dá apenas vícios.

Após essa argumentação, é difícil não supor uma condenação absoluta das ciências e das artes por parte de Rousseau. Aliás, a imagem de pensador avesso ao progresso e à sociedade é ainda a imagem mais comum que se tem do filósofo genebrino.

Todavia, essa reprovação não se dá, nem neste discurso, nem em toda sua obra. No final da primeira parte do discurso ele se pergunta se a ciência e a virtude seriam

en usage nulle part: ils sauront composer des vers qu'à peine ils pourront comprendre: sans savoir démêler l'erreur de la vérité, ils posséderont l'art de les rendre méconnaissables aux autres par des arguments spécieux: mais ces mots de magnanimité, de tempérance, d'humanité, de courage, ils ne sauront ce que c'est; ce doux nom de patrie ne frappera jamais leur oreille; et s'ils entendent parler de Dieu, ce sera moins pour le craindre que pour en avoir peur. J'aimerais autant, disait un sage, que mon écolier eût passé le temps dans un jeu de paume, au moins le corps en serait plus dispos. Je sais qu'il faut occuper les enfants, et que l'oisiveté est pour eux le danger le plus à craindre. Que faut-il donc qu'ils apprennent? Voilà certes une belle question! Qu'ils apprennent ce qu'ils doivent faire étant hommes; et non ce qu'ils doivent oublier. (DCA, 24)

incompatíveis e propõe, como forma de responder a este questionamento, que as ciências e as artes sejam consideradas em si mesmas.

Ora, se as ciências e as artes têm origem em nossos vícios, como foi dito, a causa primeira da corrupção de nossas almas deve-se aos nossos vícios. As ciências e artes seriam apenas um reforço para uma corrupção já existente, como bem demonstram tanto o argumento do *papel ideológico* quanto o argumento *histórico*. A corrupção não é um privilégio da sociedade setecentista, ela se deu, em todos os tempos, em toda sociedade que preferiu o saber à simplicidade. Dessa forma, conclui-se que a incompatibilidade entre Saber e Virtude é aparente.

Com isso, ele retoma sua idéia inicial de que há um saber verdadeiro, capaz de conduzir os Seres Humanos à Felicidade. Isto ele faz através de mais uma metáfora:

A providência eterna, colocando ao lado de diversas plantas nocivas outras salutares, e na substância de muitos animais malfeitores o remédio a suas feridas, ensinou aos soberanos, que são seus ministros, a imitar sua sabedoria. Foi graças ao seu exemplo que do próprio seio das ciências e das artes, fontes de mil desregramentos, esse grande monarca cuja glória, de idade em idade, adquirirá novo brilho, tirou essas sociedades célebres encarregadas, ao mesmo tempo, do perigoso depósito dos conhecimentos humanos e do depósito sagrado dos costumes, pela atenção que têm em manter em si mesmas toda pureza, e em exigi-la nos membros que recebem ³⁹.

Se por um lado ciência e arte são a causa de mil desregramentos, por outro são também o remédio para tais males, como é ensinado pela natureza. Podem elas, ao invés de afastar da Virtude o Ser Humano, conduzir este àquela. Por que isso não ocorre? Por que há na sociedade uma separação entre Poder, Saber e Virtude.

Enquanto o poder estiver de um só lado, as luzes e a sabedoria sozinhas do outro, os sábios raramente pensarão grandes coisas, os

³⁹ La prévoyance éternelle, en plaçant à côté de diverses plantes nuisibles des simples salutaires, et dans la substance de plusieurs animaux malfaisants le remède à leurs blessures, a enseigné aux souverains qui sont ses ministres à imiter sa sagesse. C'est à son exemple que du sein même des sciences et des arts, sources de mille dérèglements, ce grand monarque dont la gloire ne fera qu'acquérir d'âge en âge un nouvel éclat, tira ces sociétés célèbres chargées à la fois du dangereux dépôt des connaissances humaines, et du dépôt sacré des mœurs, par l'attention qu'elles ont d'en maintenir chez elles toute la pureté, et de l'exiger dans les membres qu'elles reçoivent. (DCA, 26)

príncipes mais raramente farão belas, e os povos continuarão a ser vis, corruptos, e infelizes ⁴⁰.

Com tais investigações, conclui-se que o Saber não iluminado pela Virtude é antes trevas que luz, e trevas mais espessas que as da ignorância e da superstição, pois o Saber apartado da Virtude corrompe o Ser Humano. Porém, o verdadeiro responsável pela corrupção da alma humana não é o Saber em si mesmo, mas o modo como a sociedade, e em particular quem detém o poder, lida com o Saber.

Retomando sua inspiração greco-romana, afirma que os antigos políticos falavam, sem cessar, de costumes e de virtude enquanto que os de sua época só falam de comércio e de dinheiro. Com isso, fica claro quem pretende maltratar. Através da censura às ciências e às artes, em especial às ciências, pois quase tudo o que distingue a sociedade nascente deve-se às conquistas científicas⁴¹, Rousseau tacitamente condena a Sociedade que estava em formação, fruto da aliança entre a burguesia e o esclarecimento. Se por um lado a sociedade do século XVIII representava um avanço em relação às anteriores, por outro o rumo que estava tomando não fazia dela uma sociedade efetivamente melhor, visto que continuava a promover o aparente, tirava do Ser Humano sua liberdade e fazia dele um ser infeliz.

Ainda fiel a sua inspiração, Rousseau procurou viver como Sócrates⁴², dando testemunho vivo de seus princípios. Se é verdade que ele foi contraditório por ter colocado seus cinco filhos na roda dos enfeitados e depois ter escrito o *Emílio*, também é verdade que viveu segundo a iluminação de Vincennes, pois enquanto todos os outros *Philosophes* viviam sob os auspícios de governantes e/ou mecenas, ele guardou, na medida do possível, sua liberdade, mantendo-se independente dos poderes constituídos.

⁴⁰ Tant que la puissance sera seule d'un côté; les lumières et la sagesse seules d'un autre, les savants penseront rarement de grandes choses, les princes en feront plus rarement de belles, et les peuples continueront d'être vils, corrompus et malheureux. (DCA, 30)

⁴¹ Quase tudo que distingue o mundo moderno dos séculos anteriores é atribuível à ciência, que obteve os seus triunfos mas espetaculares no século XVII. A renascença italiana, embora não seja medieval, não é moderna; tem mais afinidade com a melhor época da Grécia. O século XVI, com sua preocupação com a teologia, é mais medieval do que o mundo de Maquiavel. O mundo moderno, quanto ao que se refere à perspectiva mental, começa no século XVII. Nenhum italiano da Renascença teria sido ininteligível a Platão ou Aristóteles; Lutero teria horrorizado Santo Tomás de Aquino, mas não lhe teria sido difícil entendê-lo. Quanto ao século XVII, é diferente: Platão e Aristóteles, Aquino e Occam, não conseguiriam ver pés nem cabeça em Newton. (RUSSEL: 1957, 45)

⁴² Ver nota de rodapé nº31.

Após condenar a sociedade, Rousseau encerra sua primeira obra filosófica com uma bela e apaixonante louvação à Virtude, colocando-se definitivamente em oposição aos princípios do esclarecimento e mostrando por qual caminho seu pensamento seguirá.

Oh virtude, ciência sublime das almas simples, será preciso então tanto trabalho e tantos aparelhos para te conhecer? Teus princípios não estão gravados em todos os corações? e não bastaria, para ensinar tuas leis, penetrar em si mesmo e escutar a voz da consciência no silêncio das paixões! Eis a verdadeira filosofia, saibamos nos contentar com ela; e, sem invejar a glória desses homens célebres que se imortalizam na república das letras, tratemos de pôr entre eles e nós esta distinção gloriosa que se notava outrora entre dois grandes povos: um sabia dizer bem, o outro bem fazer ⁴³.

A verdadeira ciência, não está na Luz da Razão, está no coração. E a verdadeira Filosofia consiste, pois, na investigação dos sentimentos, Luz que ilumina a Luz. Tendo feito ver isso e tendo apontado a depravação da sociedade, do poder e do Ser Humano é preciso conhecer as causas dessa depravação. É precisamente isso que Rousseau faz em seu próximo discurso.

⁴³ O vertu! Science sublime des âmes simples, faut-il donc tant de peines et d'appareil pour te connaître? Tes principes ne sont-ils pas gravés dans tous les coeurs, et ne suffit-il pas pour apprendre tes lois de rentrer en soi-même et d'écouter la voix de sa conscience dans le silence des passions? Voilà la véritable philosophie, sachons nous en contenter; et sans envier la gloire de ces hommes célèbres qui s'immortalisent dans la république des lettres, tâchons de mettre entre eux et nous cette distinction glorieuse qu'on remarquait jadis entre deux grands peuples; que l'un savait bien dire, et l'autre, bien faire. (DCA, 30)

2 DISCURSO DA DESIGUALDADE OU DA GENEALOGIA DO MAL

Em novembro de 1753, a Academia de Dijon publica no *Le Mercure de France* o tema de seu novo concurso : *Quelle est l'origine de l'inégalité parmi les hommes, et si elle est autorisée par la loi naturelle?*⁴⁴. Após tomar conhecimento deste novo concurso, Rousseau decide passar de sete a oito dias em Saint-Germain, para meditar sobre o tema.

Embrenhado na floresta, aí procurava, aí encontrava a imagem dos primeiros tempos, cuja história traçava orgulhosamente; abatia as pequenas mentiras dos homens; ousava pôr a nu a sua natureza, seguir o progresso dos tempos e das coisas que o desfiguravam, e comparando o homem do homem com o homem natural, ousava mostrar-lhe no seu pretensão aperfeiçoamento a verdadeira origem das suas misérias. A minha alma, na exaltação destas sublimes contemplações, elevava-se até junto da Divindade, e vendo daí os meus semelhantes seguirem, na cega estrada dos seus preconceitos, a dos seus erros, das suas desgraças, dos seus crimes, gritava-lhes com uma voz fraca que eles não podiam ouvir: Insensatos, que vos queixais permanentemente da natureza, sabeis que todos os vossos males provêm de vós mesmos⁴⁵.

Ao retornar à Paris inicia a redação do *Discours sur l'origine de l'inégalité parmi les hommes*. Em Outubro de 1754, envia ao editor Marc-Michel Rey de Amsterdã o manuscrito do seu segundo Discurso, que seria publicado em 24 de Abril de 1755.

Com esse discurso deu-se exatamente o contrário do que ocorreu com o primeiro. Enquanto o discurso das ciências e das artes foi premiado e Rousseau dele não se agradava, o Discurso da Desigualdade era um dos seus escritos que mais apreciava, contudo foi mal recebido pela opinião pública. O Discurso da Desigualdade não foi premiado pela Academia de Dijon, a dedicatória à república de Genebra não agradou aos genebrinos e em 30 de agosto

⁴⁴ Qual é a origem da desigualdade entre os homens, e si ela é autorizada pela lei natural?

⁴⁵ Enfoncé dans la forêt, j'y cherchais, j'y trouvais l'image des premiers temps, dont je traçais fièrement l'histoire; je faisais main basse sur les petits mensonges des hommes; j'osais dévoiler à nu leur nature, suivre le progrès du temps et des choses qui l'ont défigurée, et comparant l'homme de l'homme avec l'homme naturel, leur montrer dans son perfectionnement prétendu la véritable source de ses misères. Mon âme, exaltée par ces contemplations sublimes, s'élevait auprès de la Divinité; et voyant de là mes semblables suivre, dans l'aveugle route de leurs préjugés, celle de leurs erreurs, de leurs malheurs, de leurs crimes, je leur criais d'une faible voix qu'ils ne pouvaient entendre: Insensés, qui vous plaignez sans cesse de la nature, apprenez que tous vos maux vous viennent de vous!(LC, 388)

do mesmo ano da publicação Voltaire escreveu uma carta para Rousseau, onde pode-se ler o seguinte:

Ninguém jamais empregou tanta vivacidade em nos tornar novamente animais: pode-se querer andar com quatro patas, quando lemos vossa obra. Entretanto, como já faz mais de sessenta anos que perdi este costume, percebo, infelizmente, que é impossível recomençar, e deixo essa maneira natural àqueles que são mais dignos que vós e eu ⁴⁶.

Neste discurso, Rousseau irá ampliar a crítica feita no primeiro discurso. Se antes ele condenou a sociedade setecentista e exaltou as antigas sociedades, neste ele irá condenar toda e qualquer sociedade que se formou ao longo da história. Situação que gerou essa má compreensão, da qual Voltaire é o maior exemplo. Se é fato que Rousseau condena toda sociedade também o é o de que não condena toda forma de sociabilização, postulando mesmo que a sociedade é algo necessário para o homem. E ao acreditar-se nele, sabia de antemão que seu discurso não seria premiado e que poucos o entenderiam. Sua única decepção deu-se em relação à dedicatória, que o mais puro patriotismo lhe ditara, e que só atraiu inimigos no conselho e ciúme na burguesia⁴⁷.

O tema da desigualdade era extremamente pertinente à época, visto que uma das principais propostas da sociedade que estava em formação era justamente ter seu fundamento na natural igualdade dos homens, eliminando assim, a desigualdade social que caracterizava fortemente o antigo regime. Todavia, o que de fato estava acontecendo era um recrudescimento da desigualdade. O próprio Rousseau já havia atentado para esse fato em seu primeiro discurso.

Como a desigualdade crescia, era necessário buscar os meios para ou efetivamente promover o fim da desigualdade ou legitimá-la. Como a burguesia emergente não iria abrir mão de suas conquistas frente à nobreza e ao clero, optou por uma legitimação da

⁴⁶ On n'a jamais employé tant d'esprit à vouloir nous rendre bêtes; il prend envie de marcher à quatre pattes, quand on lit votre ouvrage. Cependant, comme il y a plus de soixante ans que j'en ai perdu l'habitude, je sens malheureusement qu'il m'est impossible de la reprendre, et je laisse cette allure naturelle à ceux qui en sont plus dignes que vous et moi. (VOLTAIRE. *Lettre a Rousseau*. Disponível em: <http://www.consciencia.org/wiki/index.php/Voltaire_Lettre_30_08_1755>. Acessado em 22 de julho de 2007.)

⁴⁷ Comme cet ouvrage était dédié à la république, et que cette dédicace pouvait ne pas plaire au conseil, je voulais attendre l'effet qu'elle ferait à Genève, avant que d'y retourner. Cet effet ne me fut pas favorable; et cette dédicace, que le plus pur patriotisme m'avait dictée, ne fit que m'attirer des ennemis dans le conseil, et des jaloux dans la bourgeoisie. (LC, 395)

desigualdade. Contudo, isto não poderia ser feito através dos mesmos argumentos usados pela nobreza. Para tanto, a burguesia encontrou no *jusnaturalismo antropológico* o arcabouço teórico para justificar a desigualdade existente. Fato que o próprio subtítulo do concurso proposto pela academia de Dijon demonstra – *é a desigualdade autorizada pela lei natural?*

Que se entende por lei natural? A sociedade ocidental tem como uma das principais heranças dos primeiros filósofos gregos a busca por uma regra universal e imutável que oriente o agir humano. Tal regra seria imanente à natureza, constituindo-se desta forma numa lei da natureza, ou natural, e que seria condição *sine qua non* para a verdadeira felicidade e para a constituição do direito civil. Dessa lei emanariam outras leis, chamadas leis positivas, de âmbito mais prático e que seriam diretamente aplicadas à conduta humana. Segundo Bobbio:

As leis positivas derivam dos princípios éticos naturais por obra do legislador de duas maneiras; ou por conclusão ou por determinação. Na primeira situação a lei positiva deriva de um processo lógico semelhante à conclusão de um silogismo. Na segunda situação a lei positiva deriva por determinação, isto é, quando a lei natural é muito geral exigindo do direito positivo o modo concreto de aplicação desse princípio geral ⁴⁸.

Os primeiros filósofos buscaram na *physis* tais princípios éticos, e buscaram os meios para dotar a *polis* de leis em harmonia com a ordem cósmica, esta teoria ficou conhecida como *jusnaturalismo cosmológico*. Com o advento do cristianismo, o *jusnaturalismo cosmológico* foi substituído pelo *jusnaturalismo teológico* – sendo Deus o criador de todas as coisas é ele também o criador dos princípios éticos naturais. Era justamente neste modelo de *jusnaturalismo* que a nobreza se fundamentava.

Em 1625 surge a Escola de Direito Natural de Grotius com a intenção da emancipação da teologia medieval e do feudalismo. Com essa escola desponta o *jusnaturalismo antropológico*, que, de acordo com Gouveia⁴⁹, seria a teoria segundo a qual a fonte do direito natural é a natureza humana.

⁴⁸ BOBBIO, In: GHIDOLIN, 04.

⁴⁹ GOUVEIA, Alexandre Grassano F.. Direito Natural e Direito Positivo. *Jus Navigandi*, Teresina, ano 3, n. 27, dez. 1998. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=6>>. Acesso em: 30 jul. 2007.

Não é sem razão que Rousseau inicia o prefácio do Discurso sobre a Desigualdade fazendo uma referência à máxima de Delfos e se pergunta como é possível conhecer a origem da desigualdade sem antes conhecer o que o Ser Humano é de fato. Ao fazer tais colocações, ele se põe dentro do campo teórico que fundamenta a questão que se propôs a responder.

Apesar de se pôr ao lado do jusnaturalismo, ao partir de um estado de natureza para responder à questão de Dijon, adotará postura diversa de todas as posturas até então tomadas, pois, para ele, o conhecimento sobre a natureza humana é o menos avançado de todos os conhecimentos e nenhum filósofo até então conseguira formular uma clara idéia sobre esta natureza. Eis o grande desafio, encontrar a verdadeira natureza humana. Mas... como?

O primeiro passo é definir o objeto que se pretende investigar. Neste caso o homem, mais precisamente a natureza humana ou sua essência. Ainda no prefácio, Rousseau se pergunta como o homem se verá tal qual a natureza o formou, e como separar o que pertence à sua essência daquilo que as circunstâncias e progressos acrescentaram a seu estado primitivo ou nele modificaram.

Desse pensamento decorre que haveria um estado primitivo no qual o Ser Humano se apresentaria tal qual a natureza o havia formado, em outros termos, tal qual ele ‘É’, independente de toda e qualquer característica adquirida por meio do processo histórico de sociabilização ocorrido. Dessa forma, *reconstruir a condição primitiva do homem equivale a reconstruir a essência da subjetividade*.⁵⁰ Eis um dos pontos cruciais e mais polêmicos do pensamento Rousseauiano, que ainda hoje suscita muita controvérsia: a reconstrução da condição primitiva do Ser Humano.

Ao escolher como epígrafe de *A Peste* uma frase de Daniel Defoe que diz ser válido representar qualquer coisa que de fato existe por alguma coisa que não existe⁵¹, Albert Camus esclarece os objetivos de seu romance. Através da fictícia invasão de ratos ocorrida na cidade de Oran em um ano qualquer da década de 40 do século XX, vencida pela solidariedade de três de seus personagens: Rieux, Tarrou e Rambert, Camus conta a história da resistência européia contra o nazismo e faz de sua obra um manifesto de resistência contra toda e qualquer tirania.

⁵⁰ Reconstruir la condición primitiva del hombre equivale a reconstruir la esencia de la subjetividad. (MEDINA: 1998, 109).

⁵¹ Il est aussi raisonnable de représenter une espèce d’emprisonnement par une autre que de représenter n’importe quelle chose qui existe réellement par quelque chose qui n’existe pas. (DEFOE, In : CAMUS, 5)

A Química conseguiu *explicar, de forma convincente, as leis empíricas dos gases*⁵² mediante a Teoria Cinética dos Gases. Esta teoria tem por objetivo *descrever o comportamento deste estado de agregação*⁵³ e ela o faz utilizando um modelo físico-matemático chamado de gás perfeito, por meio do qual é possível obter valores quantitativos para as propriedades termodinâmicas e de transporte dos gases. Em outros termos, a Química explica o comportamento dos gases que existem através da comparação destes com o comportamento de um gás que não existe.

A exemplo do que fez Camus em seu romance e da ficção elaborada pela Química, Rousseau cria sua fábula para falar do real.

Oh homem, de qualquer região que sejas, quaisquer que sejam tuas opiniões, ouve-me: eis tua história como acreditei tê-la lido não nos livros de teus semelhantes, que são mentirosos, mas na natureza, que jamais mente. Tudo o que estiver nela será verdadeiro; só será falso aquilo que, sem o querer, tiver misturado de meu. Os tempos de que vou falar são muito distantes; como mudaste! É, por assim dizer, a vida de tua espécie que vou descrever de acordo com as qualidades que recebeste, que tua educação e teus hábitos puderam falsear, mas que não puderam destruir⁵⁴.

Tal qual Descartes, em seu *Meditações Metafísicas*, Rousseau rejeita todo o conhecimento anterior, e seguindo sua própria intuição elabora um romance sobre a humanidade, no qual ele apresenta seu modelo teórico: o *Homem Natural*, por meio do qual ele avalia o homem real; e a hipotética história da formação da sociedade: o *Homem do Homem*, através da qual ele apresenta as causas e a origem do fracasso da sociedade real, do ponto de vista ético-político.

⁵² NETTO, João Cardoso Pereira. Gás Perfeito ou Ideal, Dúvida Fatal!. *Revista de Graduação da Engenharia Química*, ano I n. 2, Jul-Dez 1998. Disponível em: <http://www.hottopos.com/regeq2/gas_perfeito_ou_ideal.htm>. Acessado em: 30 jul 2007.

⁵³ NUNES, Valentim M. B. *Introdução à teoria cinética de gases*. Tomar, Portugal: Departamento de Engenharia Química e do Ambiente do Instituto Politécnico de Tomar, 2002. Disponível em <<http://ccmm.fc.ul.pt/vnunes/ensino/itcg.pdf>>. Acessado em 02 de agosto de 2007.

⁵⁴ O homme, de quelque contrée que tu sois, quelles que soient tes opinions, écoute. Voici ton histoire, telle que j'ai cru la lire, non dans les livres de tes semblables qui sont menteurs, mais dans la nature qui ne ment jamais. Tout ce qui sera d'elle sera vrai. Il n'y aura de faux que ce que j'y aurai mêlé du mien, sans le vouloir. Les temps dont je vais parler sont bien éloignés. Combien tu as changé de ce que tu étais! C'est pour ainsi dire la vie de ton espèce que je te vais décrire d'après les qualités que tu as reçues, que ton éducation et tes habitudes ont pu dépraver, mais qu'elles n'ont pu détruire. (DOI, 132)

2.1 O Homem Natural

Como todo bom romance o discurso começa por uma caracterização dos personagens. Neste caso, do único personagem: O *Homem Natural*. Supondo o homem andando sobre dois pés e a utilizar-se de suas mãos como fazemos com as nossas, diferentemente de algumas teorias ainda hoje em voga, segundo as quais o ser humano primitivo se locomovia utilizando mãos e pés, Rousseau inicia a construção de seu modelo teórico do homem no estado de natureza pela organização física deste.

Solitário, sem domicílio fixo, destituído de linguagem, adoecendo pouco, disperso pela terra que lhe oferece tudo o que necessita para sobreviver, contando apenas com seu corpo como instrumento para suprir suas necessidades e, apesar de menos forte que alguns animais e menos ágil que outros, é em conjunto mais bem organizado que todos.

Tendo unicamente o manter-se vivo como ocupação e pré-ocupação, essa será praticamente sua única necessidade, e com isso desenvolverá apenas as faculdades e os sentidos necessários para alcançar tal objetivo. No confronto com as adversidades naturais passará a ter uma habilidade superior a dos outros animais e um temperamento robusto e quase inalterável. Numa interessante antecipação à teoria da evolução de Charles Darwin, diz Rousseau que a natureza faz precisamente com os homens o mesmo que a lei de Esparta fazia com os filhos dos cidadãos: *torna forte e robusto os que são bem constituídos e faz morrer todos os outros*⁵⁵.

Com tais características o Homem Natural não passaria de um animal. O que distinguiria aquele deste? Rompendo com a tradição aristotélica que afirma ser o Homem um animal racional, Rousseau distinguirá o homem do animal não pela racionalidade, mas pela capacidade de acatar ou rejeitar as determinações da natureza e agir segundo sua própria vontade. Em outros termos, o ser humano se diferencia do animal pela liberdade, ele não é o *Rationalis Animalis* da tradição, ele é um *Liber Animalis*.

Vinculando-se ao empirismo, afirma que os animais têm idéias, posto que têm sentidos, sendo capazes mesmo de combinar certas idéias; diferenciando-se dos homens apenas pela intensidade com que fazem essas combinações.

⁵⁵ Elle rend forts et robustes ceux qui sont bien constitués et fait périr tous les autres. (DOI, 135)

Por outro lado, enquanto *um pombo morre de fome perto de uma vasilha cheia das melhores carnes, e um gato sobre uma porção de frutas ou de grãos, embora ambos pudessem nutrir-se com os alimentos que desdenham, se procurassem experimentá-lo*⁵⁶, o ser humano, mesmo sofrendo a mesma influência, pode livremente, porém não sem conseqüências, afastar-se dessa regra natural. Isso demonstra que o homem, diferentemente do animal, é capaz de fugir à regra imposta pela natureza.

Contudo, essa não é a única característica do Homem Natural que o distingue dos animais. Enquanto *um animal é, no fim de alguns meses, o que será toda a vida, e sua espécie, ao cabo de mil anos, o que era no primeiro desses mil anos*⁵⁷, o ser humano e sua espécie são capazes de se aperfeiçoarem. O Homem Natural é um animal capaz de humanizar-se, atualizando certas faculdades, dentre elas a razão, que nele se encontram em potência. Essa faculdade Rousseau chama de *perfectibilité* (perfectibilidade).

Neste ponto, poder-se-ia objetar que o Homem Natural é capaz de escolher e de aperfeiçoar-se justamente por ser ele capaz de combinar idéias de forma mais intensa que os animais.

Rousseau não negará que o homem pensa, mas atribuirá à sua razão um estatuto diferente do tradicional (SALINAS: 1989, 54). O Homem Natural não passa *de um animal inicialmente limitado às sensações puras*⁵⁸, nele a capacidade de combinar idéias não se encontra plenamente desenvolvida, nesse estado original ela se encontra em potência. É apenas através do longo processo histórico que provocou o aperfeiçoamento do ser humano que houve a atualização da razão e ele passou a se utilizar dela plenamente, *Ele não é de início um animal racional; ele se torna racional cessando de ser animal*⁵⁹. Com isto, Rousseau dá à razão um caráter histórico, fato que será posteriormente desenvolvido por outros filósofos⁶⁰.

⁵⁶ Un pigeon mourrait de faim près d'un bassin rempli des meilleures viandes, et un chat sur des tas de fruits, ou de grain, quoique l'un et l'autre pût très bien se nourrir de l'aliment qu'il dédaigne, s'il s'était avisé d'en essayer. (DOI, 141)

⁵⁷ Un animal est, au bout de quelques mois, ce qu'il sera toute sa vie, et son espèce, au bout de mille ans, ce qu'elle était la première année de ces mille ans. (DOI, 142)

⁵⁸ d'un animal borné d'abord aux pures sensations. (DOI, 164)

⁵⁹ Il n'est pas d'emblée um animal raisonnable; il devient raisonnable en cessant d'être animal. (STAROBINSKI : 1996, LVI)

⁶⁰ Entre os quais se encontra Marx. Vide: DELLA VOLPE, Galvano. *Rousseau e Marx a liberdade igualitária*. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 1982.

Não sendo capaz de combinar idéias para poder escolher, o que orienta o Homem Natural em sua capacidade de agir livremente? Mais uma vez, Rousseau se afasta da tradição ao colocar como guia natural, a orientar as escolhas humanas, as paixões.

Mau grado o que dizem os moralistas, o entendimento humano deve muito às paixões, que, de comum acordo, também lhe devem muito: é pela sua atividade que a nossa razão se aperfeiçoa; só procuramos conhecer porque desejamos gozar; e não é possível conceber porque aquele que não tivesse desejos nem temores se desse ao trabalho de raciocinar ⁶¹.

Dessas paixões, as mais simples e primeiras por serem inatas, espontâneas e pré-reflexivas, são: o instinto de conservação, ou o *amour de soi-même* (amor de si mesmo), paixão que empurra o indivíduo para a busca dos meios necessários para sua sobrevivência e seu bem-estar e que tem a si mesmo como foco de interesse; a comiseração, ou *pitié* (piedade), paixão, também observável nos animais, que lhe dá uma natural repugnância por ver sofrer qualquer ser sensível e principalmente seus semelhantes, tem o outro como foco de interesse e serve de freio ao instinto de conservação.

Entregue exclusivamente ao instinto de conservação, o homem original não passaria de um animal feroz, que coloca a busca pelos meios para sobreviver acima de qualquer coisa. Tal situação levaria de fato a uma guerra de todos contra todos, visto que todos os outros seriam obstáculos a sua própria sobrevivência, o que daria a Hobbes razão para identificar o Estado de Natureza com o Estado de Guerra.

Além do que, sendo um ser livre e perfectível o ser humano é um ser paradoxal. Se por um lado ele pode desenvolver faculdades que lhe dão poder sobre a própria natureza, por outro, essas mesmas faculdades podem fazer com que ele perca tudo e se coloque abaixo dos animais.

Contudo o ser humano não é nem bom nem mal⁶². No estado de natureza o homem é um ser solitário que não possui relação moral alguma com seus semelhantes, e as poucas

⁶¹ Quoi qu'en disent les moralistes, l'entendement humain doit beaucoup aux passions, qui, d'un commun aveu, lui doivent beaucoup aussi: c'est par leur activité que notre raison se perfectionne; nous ne cherchons à connaître que parce que nous désirons de jouir, et il n'est pas possible de concevoir pourquoi celui qui n'aurait ni désirs ni craintes se donnerait la peine de raisonner. (DOI, 143)

⁶² Il paraît d'abord que les hommes dans cet état n'ayant entre eux aucune sorte de relation morale, ni de devoirs connus, ne pouvaient être ni bons ni méchants, et n'avaient ni vices ni vertus, à moins que, prenant ces mots dans

relações que tem são casuais e motivadas pela necessidade. Além disso, não possui habilidade para desenvolver qualquer noção do que seja certo e errado. Simplesmente, por ser livre é capaz do pior⁶³.

Porém, por meio da moderação exercida pela piedade, a natureza oferece como guia uma lei, anterior às leis ditadas pela razão, muito mais simples e eficaz. Trata-se pois, *da escritura natural, a escritura do coração* (DERRIDA: 2004, 212): *Alcança teu bem com o menor mal possível para outrem*⁶⁴. Como o homem vive em uma unidade absoluta com a natureza, ele jamais se afasta dessa lei, agindo sempre em conformidade com os desígnios naturais. É em decorrência desse princípio que Rousseau afirma ser o Homem naturalmente bom⁶⁵.

Como poucas são suas necessidades, e poucos são os esforços necessários para supri-las, o Homem Natural poucos motivos tem para ver seus semelhantes como inimigos. Numa terra tão vasta que oferece tão poucos obstáculos para a sobrevivência, busca-se a satisfação das necessidades sem que seja preciso provocar o sofrimento dos demais.

vejo-o saciando-se debaixo de um carvalho, matando a sede no primeiro regato, encontrando o seu leito ao pé da mesma árvore que lhe forneceu o repasto; e eis satisfeitas as suas necessidades⁶⁶.

Seus únicos bens são a alimentação, o repouso e a satisfação dos instintos sexuais, enquanto que seus únicos males são a dor e a fome. Dependendo unicamente de si para encontrar a satisfação de suas necessidades, bastando-se a si mesmo para evitar seus temores e tendo poucos obstáculos para alcançar tais fins, vive o Homem Natural em um estado que pode ser considerado o da plena felicidade.

Quem não vê que tudo parece afastar do homem selvagem a tentação e os meios de cessar de o ser? Sua imaginação nada lhe pinta; seu

un sens physique, on n'appelle vices dans l'individu les qualités qui peuvent nuire à sa propre conservation, et vertus celles qui peuvent y contribuer; auquel cas, il faudrait appeler le plus vertueux celui qui résisterait le moins aux simples impulsions de la nature. (DOI, 152)

⁶³ L'être humain n'est ni bon ni méchant, il est libre, et donc capable (surtout) du pire. (TODOROV: 1997, 20)

⁶⁴ Fais ton bien avec le moindre mal d'autrui qu'il est possible. (DOI, 156)

⁶⁵ Les hommes sont méchants; une triste et continuelle expérience dispense de la preuve; cependant l'homme est naturellement bon, je crois l'avoir démontré. (DOI, 202)

⁶⁶ Je le vois se rassasiant sous un chêne, se désaltérant au premier ruisseau, trouvant son lit au pied du même arbre qui lui a fourni son repas, et voilà ses besoins satisfaits. (DOI, 135)

coração nada lhe pede. Suas módicas necessidades encontram-se tão facilmente à mão, e ele está tão longe do grau de conhecimento necessário para desejar adquirir maiores, que não pode ter nem previdência nem curiosidade⁶⁷.

Não tendo nada em sua própria natureza que o fizesse desejar sair do estado original no qual se encontrava, ou seja, tendo seus desejos limitados a suas necessidades e sendo incapaz de conceber um outro estado diferente do qual vivia, como e por que se deu esta saída em direção à sociedade que hoje temos?

2.2 O Homem do Homem

Nos tempos primitivos o homem é apenas um animal, diferente dos demais pela capacidade de se autodeterminar e de se aperfeiçoar. Limitado a suas necessidades físicas e bastando-se a si mesmo para satisfazê-las, habita em um mundo que para ele é *apenas um magma silencioso de impressões*⁶⁸ no qual encontra tudo o que necessita para satisfazer seus desejos e com o qual vive em perfeita identidade, sem dentro e sem fora, sendo mesmo incapaz de se diferenciar dele, por lhe faltar uma razão capaz de fazer tal distinção.

Contudo, essa mesma natureza que é pródiga em oferecer aos seres vivos tudo que lhes é necessário para sobreviverem, mesmo fazendo isso de forma fácil, não o faz sem obstáculos. A concorrência com todos os outros na busca do alimento e abrigo, a diversidade dos climas e das estações, as alterações naturais de todos os tipos, fazem com que os seres busquem os meios para superar tais obstáculos. No caso do Homem Natural, desenvolve-lhe as faculdades que estão em estado virtual. Cedo aprendeu a utilizar-se de paus e pedras como instrumentos facilitadores para o enfrentamento das adversidades.

Nesse confronto pela sobrevivência, surgem as primeiras comparações entre coisas percebidas, conseqüentemente, surge uma certa espécie de reflexão. Desta, a primeira noção que o Homem Natural desenvolveu fora a de sua própria existência e conseqüentemente a

⁶⁷ Qui ne voit que tout semble éloigner de l'homme sauvage la tentation et les moyens de cesser de l'être? Son imagination ne lui peint rien; son coeur ne lui demande rien. Ses modiques besoins se trouvent si aisément sous la main, et il est si loin du degré de connaissances nécessaires pour désirer d'en acquérir de plus grandes qu'il ne peut avoir ni prévoyance, ni curiosité. (DOI, 144)

⁶⁸ es sólo un magma silencioso de impresiones. (MEDINA: 1998, 116)

idéia de que é diferente dos outros seres e da própria natureza. Contudo, ao perceber-se mais hábil que os demais nesse enfrentamento pela sobrevivência, *o primeiro olhar que lançou sobre si mesmo produziu-lhe o primeiro movimento de orgulho*⁶⁹.

Além dessa consciência-de-si, os apelos do instinto de conservação conduziu o Homem Natural a uma consciência-de-espécie. À medida que aumentou a população, aumentaram as relações entre os seres humanos. Se a princípio as relações entre homens não se diferenciavam das relações que estes tinham com os animais, a consciência-de-si e esse aumento das relações fizeram-nos verem-se como seres semelhantes e fizeram com que surgisse a primeira convenção: a linguagem.

Desde que um homem foi reconhecido por outro como um ser sensível, pensante e semelhante a ele próprio, o desejo ou a necessidade de comunicar-lhe seus sentimentos e pensamentos fizeram-no buscar os meios para isso⁷⁰.

Por muito tempo, esse foi o estado do Homem Natural. Tal situação apenas se modificaria quando, desenvolvendo ainda mais a capacidade de raciocinar o homem tornou-se capaz de produzir seus próprios instrumentos. Segundo Rousseau a primeira grande invenção foram as habitações, pois em decorrência do sedentarismo que elas provocaram, surge a primeira sociedade, a família⁷¹. Única sociedade que é natural pois apenas ela se funda na liberdade e igualdade naturais, e as relações entre seus membros se fundam no amor.

Com o surgimento das famílias surge a divisão dos trabalhos pelo sexo, os seres humanos perderam um pouco de sua animalidade e se tornaram mais capazes de resistir às adversidades naturais por estarem juntos. Porém, é também nesse período que surge a idéia de posse – aquilo que alguém usufrui por ter produzido mas que não está interdito aos outros – que posteriormente se transformará na idéia de propriedade – aquilo que é “meu”⁷², que está interdito aos outros e que não necessariamente é produto do trabalho.

⁶⁹ C'est ainsi que le premier regard qu'il porta sur lui-même y produisit le premier mouvement d'orgueil. (DOI, 166)

⁷⁰ Sitot qu'un homme fut reconnu par un autre pour un Être sentant, pensant et semblable á lui, le desir ou le besoin de lui communiquer ses sentimens et ses pensées lui en fit chercher les moyens. (EOL, 375)

⁷¹ Cf. Livro I, capítulo II do Contrato Social: as primeiras sociedades.

⁷² Le premier qui, ayant enclos un terrain, s'avisa de dire: *Ceci est à moi*, et trouva des gens assez simples pour le croire, fut le vrai fondateur de la société civile. (DOI, 164) [O primeiro que, tendo cercado um terreno, se

Tendo que despendar menos força para a sobrevivência, o homem primitivo passou a ter mais tempo livre. Com esse tempo livre, passou a dedicar-se a outras atividades que não a própria sobrevivência, e nessas atividades acabou produzindo outros artefatos que lhe deram maiores comodidades. Eis uma das primeiras fontes de males, pois a privação de tais comodidades *se tornou mais cruel do que doce fora sua posse, e os homens sentiam-se infelizes por perdê-las, sem terem sido felizes por possuí-las*⁷³.

Esse teria sido o estado definitivo dos seres humanos se não fosse a intervenção da providência divina.

Aquele que quis que o homem fosse sociável pôs o dedo no eixo do globo e o inclinou sobre o eixo do universo. Com esse leve movimento, vejo a face da terra mudar-se e decidir-se a vocação do gênero humano; ouço ao longe os gritos insensatos de uma louca multidão; vejo construírem-se os palácios e as cidades; vejo nascerem as artes, as leis, os comércios; vejo os povos formarem-se, espalharem-se, sucederem-se como ondas do mar; vejo os homens reunidos em alguns pontos de seu território para aí se devorarem mutuamente e transformarem o resto do mundo num tremendo deserto, monumento digno da união social e da utilidade das artes ⁷⁴.

Enquanto no Discurso sobre a Desigualdade Rousseau fala apenas de catástrofes naturais que obrigaram os seres humanos a viver em grupo e deixar de lado a figura de Deus, no *Ensaio Sobre a Origem das Línguas* ele deixa claro o papel central que Deus exerce em seu pensamento.

Não tendo o homem em sua própria natureza nada que o levasse à sociedade, era preciso que a esse estado fosse conduzido, pois é apenas nele que deixa de ser apenas um animal⁷⁵. Deus, portanto, conduz o homem a sua humanidade ao transformar este ser solitário

lembrou de dizer: Isto é meu, e encontrou pessoas bastante simples para o acreditar, foi o verdadeiro fundador da sociedade civil.]

⁷³ Devint beaucoup plus cruelle que la possession n'en était douce, et l'on était malheureux de les perdre, sans être heureux de les posséder. (DOI, 168)

⁷⁴ Celui qui voulut que l'homme fut sociable toucha du doigt l'axe du globe et l'inclina sur l'axe de l'univers. À ce léger mouvement je vois changer la face de la terre et décider la vocation du genre humain : j'entens au loin les cris de joye d'une multitude insensée ; je vois édifier les Palais et les Villes ; je vois naître les arts, ces loix, le commerce ; je vois les peuples se former, s'étendre, se dissoudre, se succéder comme le flots de la mer : je vois les hommes rassemblés sur quelque points de leur demeure pour s'y dévorer mutuellement, faire un affreux desert du reste du monde ; digne monument de l'union sociale et de l'utilité des arts. (EOL, 401)

⁷⁵ Cf. Livro I, Capítulo VIII do Contrato Social: Do estado civil.

em um ser social. Porém, sendo a sociedade um mal para o homem, como fora mostrado no primeiro discurso, seria Deus a causa do mal.

A Providência fez com que o homem vivesse em sociedade: correu esse risco – se é que podemos dar algum significado a esta expressão – para que a vontade livre pudesse guiar lhe. [...] A catástrofe do eixo terrestre, toda a cena de sismos que lhe sucederam não tem outra função na história mitológica, pois só graças às dificuldades e obstáculo que a natureza opõe ao viver se liberam as potências em letargia ⁷⁶.

Eis o homem lançado em um novo estado, totalmente desconhecido e ao qual deve se adaptar. Antes um ser solitário, depois um ser ligado apenas aos seus familiares por liames de afeto, agora se vê unido a outros seres humanos por necessidade, tendo por única alternativa o aprender a conviver com os mesmos.

Nessas condições, a passagem do Estado de Natureza para o Estado Civil é algo inevitável, porém não era necessário que se desse do modo como se deu, negando a liberdade e a igualdade, sufocando a piedade e transformando o amor de si mesmo em amor próprio ⁷⁷. Em suma, rompendo a unidade existente entre ser humano e natureza.

De uma condição de integração com a natureza circundante e de independência de seus semelhantes, o homem evoluirá para uma situação de independência da natureza e de dependência de outro homem ⁷⁸.

Nas regiões em que várias famílias foram reunidas, formaram-se espécies de nações particulares, cuja união se mantinha não por regulamentos e leis, mas por costumes e

⁷⁶ La Providencia há hecho que el hombre viva en sociedad: corrió ese riesgo – si es que podemos dar algún significado a esta expresión – para que la voluntad libre pudiera guiarle. [...] La catástrofe del eje terrestre toda la escena de seísmos que le sucedieron no tienen otra función en la historia mitológica, pues solo gracias a las dificultades y al obstáculo que la naturaleza opone al vivir se liberan las potencias aletargadas. (MEDINA: 1998, 395)

⁷⁷ Em nota Rousseau esclarece que o amor próprio se diferencia do amor de si por ser: “*um sentimento relativo, factício e nascido na sociedade, que leva cada indivíduo a fazer mais caso de si do que de qualquer outro, que inspira aos homens todos os males que se fazem mutuamente, e que é a verdadeira fonte da honra.*” [un sentiment relatif, factice et né dans la société, qui porte chaque individu à faire plus cas de soi que de tout autre, qui inspire aux hommes tous les maux qu’ils se font mutuellement et qui est la véritable source de l’honneur. (DOI, 219)]

⁷⁸ SALINAS : 1989, 58.

caracteres. De um constante convívio de umas famílias com as outras surgem ligações entre elas, tanto pela necessidade quanto pela afetividade. Porém, é esta última que vai determinar, de forma mais acentuada, este novo gênero de vida.

Os jovens de sexos diferentes, de cabanas vizinhas, se procuram e se comparam, adquirindo aos poucos as idéias de mérito e de beleza. Pelo desejo de se verem, em seus corações se insinua o amor; assim como os obstáculos a este desejo despertam ódios e ciúmes.

Reunidos em suas horas de lazer, os homens e mulheres cantavam, dançavam, se distraíam. Nessas distrações olhavam e desejavam serem olhados. Disso surge o desejo de ser estimado publicamente e com ele o primeiro passo tanto para a desigualdade quanto para o vício. A desigualdade física que não fazia diferença alguma no gênero de vida que o homem levava anteriormente, agora passa a fazer uma certa diferença, na medida em que os indivíduos passam a se medirem por elas. *Aquele que cantava e dançava melhor, o mais belo, o mais forte, o mais astuto ou o mais eloquente passou a ser o mais considerado*⁷⁹.

Tais relações exigiam do homem qualidades diferentes das que possuía, posto que *a bondade conveniente ao puro estado de natureza não era mais a que convinha à sociedade nascente*⁸⁰. Com elas surgem os primeiros deveres de civilidade e a moralidade começa a ser introduzida nas ações humanas.

Ao mesmo tempo em que os homens se consideram e se apreciam mutuamente, que ampliam e confirmam suas relações, são formadas, em busca de reconhecimento e de vantagens sobre os outros, (situação nociva em suas conseqüências) as primeiras *máscaras sociais*⁸¹.

Mesmo sendo esse o momento em que o homem passa a agir por convenção e deixa de lado os impulsos naturais essa teria sido a época mais feliz e duradoura de sua história, pois:

Não há nada tão doce como ele em seu estado primitivo, quando, colocado pela natureza a distâncias iguais da estupidez dos brutos e das luzes funestas do homem civilizado, e limitado, igualmente, pelo instinto e pela razão, a se preservar do mal que o ameaça, é impedido

⁷⁹ Celui qui chantait ou dansait le mieux; le plus beau, le plus fort, le plus adroit ou le plus éloquent devint le plus considéré. (DOI, 169)

⁸⁰ la bonté convenable au pur état de nature n'était plus celle qui convenait à la société naissante. (DOI, 170)

⁸¹ AYRES: 1996, 75. Destaque do autor.

pela piedade natural de fazer mal a quem quer que seja, não sendo por nada levado a isso, mesmo depois de o ter recebido ⁸².

Nessa época de ouro o homem se encontra na posição média entre o Estado da Natureza e o Estado Civil. Nele, as faculdades que antes estavam em letargia, já despertaram, sem que ele tenha perdido suas características naturais. E apesar de a piedade e o amor de si já terem sofrido alguma alteração, a unidade com a natureza ainda não fora desfeita. Esse momento é para Rousseau a juventude do mundo, dele o homem jamais deveria ter saído. Porém, uma nova revolução tecnológica tira o homem de sua feliz mocidade.

Neste período, não se sabe por meio de que acaso, surgem a metalurgia e a agricultura, e com elas a sociedade. *Foram o ferro e o trigo que civilizaram os homens e perderam o gênero humano* ⁸³. Com elas surge um tipo de divisão de trabalho que se por um lado gera mais riqueza, por outro conduz os indivíduos a uma dependência mútua, pondo fim à autonomia que até então cada um gozava.

Na medida em que as ferramentas de metal se tornaram indispensáveis à agricultura, passaram os agricultores a depender dos metalúrgicos; e estes, não dispendo de tempo para se dedicarem a produção do próprio alimento passaram a depender da troca de alimento por ferramentas, e, conseqüentemente, passaram a depender dos agricultores para sobreviverem.

Além da divisão do trabalho que pôs fim à autonomia do indivíduo, surge com a agricultura a noção de propriedade. Do cultivo da terra surge a necessidade de sua partilha. Da posse contínua da terra partilhada surge finalmente a idéia de propriedade privada ⁸⁴. É deste momento em diante, que todos os passos em direção ao aperfeiçoamento do indivíduo representaram efetivamente, a decrepitude da espécie.

Com a instituição da propriedade privada, mais por costume que por lei, a desigualdade natural, decorrente das desigualdades físicas, que até então não faziam diferença alguma – no estado de natureza – ou pouca diferença – como no período em que os homens

⁸² Rien n'est si doux que lui dans son état primitif, lorsque placé par la nature à des distances égales de la stupidité des brutes et des lumières funestes de l'homme civil, et borné également par l'instinct et par la raison à se garantir du mal qui le menace, il est retenu par la pitié naturelle de faire lui-même du mal à personne, sans y être porté par rien, même après en avoir reçu. (DOI, 170)

⁸³ Ce sont le fer et le blé qui ont civilisé les hommes et perdu le genre humain. (DOI, 171)

⁸⁴ É curioso como essa prática ainda hoje se repete, só que de forma legal, através da lei do usucapião.

foram obrigados, em decorrência das catástrofes naturais, a formarem nações particulares – passa a fazer uma enorme diferença.

Os agricultores mais fortes, mais hábeis, mais astutos, assim como os ferreiros mais engenhosos, encontraram formas de produzir mais, de tirar melhor proveito de suas produções. Tal situação começa a gerar o acúmulo de riquezas e, em consequência disso, passam a existir duas espécies diferentes de seres humanos: os ricos e os pobres.

Eis o ponto de origem do problema constatado por Rousseau em seu primeiro discurso: *a diferença entre Ser e Parecer*. Pois é a partir deste instante que os homens passam a valer não pelo que eles são, mas pelo que têm, e, conseqüentemente, pelo que aparentam ser.

É neste ponto que se instala o verdadeiro estado de guerra de todos contra todos; um estado muito mais hobbesiano que o concebido por Hobbes. Os ricos passam a se invejarem; os pobres, levados ou à escravidão ou ao roubo, passam a amedrontar os ricos.

O gênero humano, aviltado e desolado, não podendo mais voltar sobre seus passos, nem renunciar às aquisições infelizes que havia feito e não trabalhando senão para a sua vergonha, pelo abuso das faculdades que o honram, se colocou ele mesmo às vésperas de sua ruína⁸⁵.

É quando, forçado pela necessidade, o rico concebe o mais excogitado de todos os projetos que até então havia se passado pela mente humana: utilizar em seu favor as forças dos que o atacavam e fazê-los acreditar que esta era a situação mais conveniente para todos, constituindo mesmo um dever.

Pelo temor decorrente do estado de guerra, fácil fora convencer a todos que o melhor a ser feito era a instituição de regras de convivência, poder supremo ao qual estariam todos submetidos. E em consequência da fragilidade desse pacto, fácil fora convencer a todos da necessidade da constituição de um corpo político que zelasse pela observância deste contrato.

⁸⁵ Le genre humain avili et désolé, ne pouvant plus retourner sur ses pas ni renoncer aux acquisitions malheureuses qu'il avait faites et ne travaillant qu'à sa honte, par l'abus des facultés qui l'honorent, se mit lui-même à la veille de sa ruine. (DOI, 176)

A historia começou com o fortuito encontro entre um esperto e alguns imbecis ⁸⁶, desse encontro surgem as leis e conseqüentemente a sociedade. Estas dão novos entraves aos fracos e novas forças aos ricos, e:

destruíram sem retorno a liberdade natural, fixaram para sempre a lei da propriedade e da desigualdade, de uma astuta usurpação fizeram um direito irrevogável, e para proveito de alguns ambiciosos, sujeitaram doravante todo o gênero humano ao trabalho, à servidão e à miséria ⁸⁷.

2.3 Da Verdadeira Origem das Misérias Humanas

Três anos antes da publicação do Discurso sobre a Desigualdade, durante a primavera de 1752, Rousseau compõe aquela que será sua obra musical de maior sucesso, a ópera *Le Devin du Village* ⁸⁸. Tendo sido representada pela primeira vez em 18 de outubro do mesmo ano, em Fontainebleu, diante da corte e do próprio rei. Em conseqüência do sucesso desta ópera o rei concedeu a Rousseau uma pensão, que foi por este rejeitado por acreditar que assim perderia sua liberdade para escrever.

A ópera conta a história de dois camponeses, Colin e Collete, enamorados um do outro. Colin, apesar de amar sinceramente Colette, traiu sua amada com uma rica e elegante Dama da cidade. Desesperada por pensar ter perdido seu amado, Colette decide procurar o Adivinho da aldeia. Este lhe diz que Colin, apesar de ter sido infiel, a ama e que irá socorrê-la, fala-lhe:

Conte com meu socorro.
Pretendo aos vossos pés reconduzir o volúvel;
Colin quer ser bravo, gosta de se vangloriar:
Sua vaidade vos fez um ultraje,
Que seu amor deve reparar ⁸⁹.

⁸⁶ La historia há empezado con el fortuito encuentro de un bribón y unos cuantos imbéciles (GOUHIER, In: MEDINA: 1998, 103)

⁸⁷ Détruiraient sans retour la liberté naturelle, fixèrent pour jamais la loi de la propriété et de l'inégalité, d'une adroite usurpation firent un droit irrévocable, et pour le profit de quelques ambitieux, assujettirent désormais tout le genre humain au travail, à la servitude et à la misère. (DOI, 178)

⁸⁸ O Adivinho da Aldeia. Informações históricas retiradas de *Biobibliografia de Rousseau* de autoria de Olga Pombo.

⁸⁹ Comptez sur mon secours.

Propõe-lhe que encontre Colin e neste encontro finja que não mais o ama, hesitante ela aceita. Neste instante o adivinho sai em busca de Colin e diz consigo mesmo:

Soube tudo de Colin e essas pobres crianças
Admiram todos os dois a ciência profunda
Que me faz adivinhar tudo isto que elas me informaram.
Seu amor oportuno neste dia me ajuda;
Para fazê-los felizes, é preciso que eu desmascare
Da Dama do lugar os ares e o desprezo⁹⁰.

Ao deparar-se com Colin, o Adivinho percebe-o arrependido, a lamentar-se de seus atos. Aproveitando o estado de espírito no qual Colin se encontra, diz que ele não tem tempo a perder, pois através de sua arte descobriu que Colette está apaixonada por um belo Senhor da Cidade. Ao ouvir as palavras do Adivinho Colin desespera-se e pede-lhe que ajude a reconquistar Colette. O Adivinho faz um encantamento e diz a Colin que Colette irá encontrá-lo e que durante a conversa seja ele terno e fiel.

Orientada pelo Adivinho sobre o que dizer e a fingir-se apaixonada por outro, Colette encontra Colin. Num diálogo tenso e terno acabam os dois enamorados se reunindo, e após a promessa de Colin de ser sempre fiel a Colette, ambos decidem se unirem em casamento e terem o amor como lei eterna. Felizes por terem conseguido a tão desejada união, perguntam ao Adivinho como poderiam pagar por tal serviço, este lhes responde que está bem pago se forem felizes.

Na última cena da ópera é representada a celebração do amor de Colin e Collete. O Adivinho convidara todos os jovens da aldeia para que, festejando a alegria do jovem casal, aprendam imitá-los, cantando a felicidade deles, aprendam a sentir. A ópera encerra-se com uma canção composta pelo adivinho; Collete canta a última estrofe e os aldeões repetem o refrão:

Je prétends à vos pieds ramener le volage;
Colin veut être brave, il aime à se parer:
Sa vanité vous a fait un outrage,
Que son amour doit réparer. (LDV, 1101)
⁹⁰ J'ai tout su de Colin et ces pauvres enfants
Admirent tous les deux la science profonde
Qui me fait deviner tout ce qu'ils m'ont appris.
Leur amour à propos en ce jour me seconde;
En les rendant heureux, il faut que je confonde
De la dame du lieu les airs et les mépris. (LDV, 1102)

COLETTE.

Na Cidade se faz bem mais estardalhaço,
Mas são tão felizes em seus folguedos?
Sempre contentes,
Sempre cantando;
Prazer sem artifício,
Beleza sem cosmético;
Todos seus concertos valem nossas musetas?
Vamos dançar sob os olmos, etc.

OS ALDEÕES.

Vamos dançar sob os olmos, etc ⁹¹.

Valendo-se da licença poética que a própria arte concede, é possível, numa interpretação bastante despretensiosa de *O Adivinho da Aldeia*, afirmar que, em sua ópera mais famosa, Rousseau antecipa as conclusões presentes no Discurso sobre a Desigualdade, sobre a origem do mal e da infelicidade dos seres humanos.

Colin é a representação do Ser Humano, que envolvido pelas ilusões da Dama rica e elegante – a Sociedade da aparência: do luxo, da riqueza, da desigualdade – trai sua amada Colette – A natureza – rompendo a unidade que existia entre ambos. O Adivinho é o próprio Rousseau, que desfazendo os ardis da grande Dama, retira-lhe os cosméticos, revela sua verdadeira face e reconduz o Ser Humano aos pés da Natureza, através do sagrado e eterno laço do amor. E por fim convida os jovens, aqueles que ainda não estão completamente envolvidos pelas ilusões da grande Dama, para celebrarem as verdadeiras alegrias.

Tudo é certo em saindo das mãos do Autor das Coisas, tudo degenera nas mãos dos homens ⁹². A primeira coisa a degenerar nas mãos do homem foi ele próprio. Mas como um ser originariamente bom pode degenerar? Como algo que é bom pode ser a causa do mal?

⁹¹ COLETTE.

A la ville on fait bien plus de fracas,
Mais sont-ils aussi gais dans leurs ébats?
Toujours contents,
Toujours chantants;
Beauté sans fard,
Plaisir sans art;
Tous leurs concerts valent-ils nos musettes?
Allons danser sous les ormeaux, etc.

LES VILLAGEOISES.

Allons danser sous les ormeaux, etc. (LDV, 1114)

Em seu estado primitivo o Homem não passa de um animal, cuja relação com a natureza se dá de forma imediata e dentro de um perfeito equilíbrio com a mesma. Desse equilíbrio decorre uma correlação harmoniosa entre desejo, necessidade e a própria natureza:

O desejo, circunscrito ao estreito limite do instante, não ultrapassa jamais a estrita medida da necessidade, e esta, inspirada unicamente pela natureza, é tão rapidamente saciada que não se surge a consciência da falta⁹².

Além disso, para suprir desejos e necessidades, o indivíduo basta-se a si mesmo. Dispondo de uma plena autonomia, o Homem Natural não necessita dos outros para ter o necessário a sua sobrevivência; ao mesmo tempo, ninguém representa empecilho na busca do necessário. Essa situação tira-lhe toda e qualquer disposição para ver o outro como inimigo, e conseqüentemente causar-lhe algum mal.

Não obstante ser um animal, o Homem Natural é também a possibilidade de deixar de sê-lo, visto ser portador de características que o diferenciam do animal, dentre elas a virtual faculdade de raciocinar. É a própria natureza, instrumento da providência divina, que estimula o desenvolvimento dessas faculdades, e conseqüentemente a saída do homem da condição de animal.

Porém, na exata medida em que as faculdades superiores do Homem Natural vão se desenvolvendo, este vai perdendo a sua unidade original com a natureza. Até o instante em que, com o pleno desenvolvimento da razão, a ordem natural é substituída por uma ordem racional. Mesmo assim:

Enquanto os homens se contentaram com as suas cabanas rústicas, enquanto se limitaram a coser suas roupas de peles com espinhos ou arestas de pau, a se enfeitarem com plumas e conchas, a pintar o corpo de diversas cores, a aperfeiçoar ou embelezar os seus arcos e flechas, a talhar com pedras cortantes algumas canoas de pesca ou grosseiros instrumentos de música; em uma palavra, enquanto se aplicaram exclusivamente a obras que um só podia fazer, e a artes que não necessitavam o concurso de muitas mãos, viveram livres, sãos, bons e

⁹² Tout est bien sortant des mains de l'Auteur des choses, tout dégénère entre les mains de l'homme. (E, 245)

⁹³ Le désir, circonscrit dans la limite étroite de l'instant, n'outrepasse jamais la stricte mesure du besoin, et celui-ci, inspiré par la seule nature, est trop vite assouvi pour que s'élève la conscience d'un manque. (STAROBINSKI : 1996, LVI)

felizes, tanto quanto podiam ser pela sua natureza, e continuaram a gozar entre si das doçuras de uma convivência independente ⁹⁴.

É apenas com o pacto dos ricos, que transformou a posse em propriedade, usurpações em direitos, costumes em leis; legitimou a desigualdade e fez surgir a sociedade, que a disparidade entre a ordem racional e a natural se transforma em antagonismo.

Com a sociedade surge o desequilíbrio entre desejo, necessidade, natureza e autonomia. Os desejos ultrapassam as necessidades, pois os homens não querem apenas usufruir, agora desejam ter o que usufruem; a natureza não é mais capaz de fornecer aquilo que o homem necessita; e para atender desejos e necessidades, os homens se tornaram escravos uns dos outros. É de estruturas sociais ilegítimas e desiguais como estas que surge o mal.

Ao longo do processo histórico em que o Homem hominizou-se e humanizou-se muito ganhou, porém muito perdeu. Ao criar a cultura, e fazer dela uma segunda natureza, tornou-se superior à própria natureza. Contudo, ao opor esta segunda natureza à primeira converteu-se no mais infeliz dos seres. Eis a contradição fundamental da qual o *Homem do Homem* não pode fugir. Situação ainda mais agravada pelo fato de que o retorno ao estado de natureza é impossível: apesar de a felicidade está atrás, a única direção que o *Homem do Homem* pode seguir é em frente, eis a angústia original com a qual é preciso conviver.

2.3.1 Uma alternativa ao mal: *Do Contrato Social*

Tendo denunciado a existência do mal e investigado as causas de sua existência resta então oferecer uma alternativa ao mesmo. Sendo o mal uma decorrência das estruturas sociais que contrariam a natureza humana e sendo esta originariamente boa, a alternativa já está dada nas próprias premissas: elaborar um modelo de sociedade cujas relações estejam em

⁹⁴ Tant que les hommes se contentèrent de leurs cabanes rustiques, tant qu'ils se bornèrent à coudre leurs habits de peaux avec des épines ou des arêtes, à se parer de plumes et de coquillages, à se peindre le corps de diverses couleurs, à perfectionner ou à embellir leurs arcs et leurs flèches, à tailler avec des pierres tranchantes quelques canots de pêcheurs ou quelques grossiers instruments de musique, en un mot tant qu'ils ne s'appliquèrent qu'à des ouvrages qu'un seul pouvait faire, et qu'à des arts qui n'avaient pas besoin du concours de plusieurs mains, ils vécurent libres, sains, bons et heureux autant qu'ils pouvaient l'être par leur nature, et continuèrent à jouir entre eux des douceurs d'un commerce indépendant. (DOI, 171)

conformidade com a boa natureza do Ser Humano. Eis precisamente o objetivo do *Contrato Social*.

Quero pesquisar se na ordem civil pode existir alguma regra de administração legítima e segura, tomando os homens tais como eles são, e as leis tais como podem ser ⁹⁵.

Em sua pesquisa sobre a sociedade ideal estabelece como fundamento que: 1) Nenhum homem possui uma autoridade natural sobre seus semelhantes, conseqüentemente, nenhuma autoridade é legítima se ela é instituída sem o consentimento daqueles que a ela estarão submetidos. 2) A autoridade política reside essencialmente no povo. A soberania é inalienável: assim como um homem que renuncia a liberdade renuncia a sua qualidade de homem, um povo que renuncia a sua soberania, por um pacto de submissão, se aniquila. 3) O poder legislativo estando nas mãos do soberano, o Governo de Estado não é senão um poder subordinado, a ele cabe simplesmente administrar o Estado, sob as ordens do soberano. Desses princípios, Rousseau extrai as regras de administração legítima. Ele *expõe seus princípios de legislação com a esperança de que eles possam [...] preservar os povos modernos da depravação* ⁹⁶.

Contudo, por melhor que seja essa sociedade ideal, existe uma série de obstáculos para que tais idéias se concretizem. Dentre as várias dificuldades que Rousseau reconhece, uma ele coloca como sendo a principal e da qual todas as outras decorreriam: *o que torna penosa a obra da legislação é menos o que é preciso estabelecer do que aquilo que é preciso destruir* ⁹⁷. Isso que precisa ser destruído, para que seja possível reconstruir a sociedade, é justamente aquilo que foi denunciado no primeiro discurso: o hábito de *Parecer-Ser* ao invés de *Ser* o que se é, e os vícios.

Com isso, tem-se precisamente a base sobre a qual se orienta o Emílio: evitar que as crianças adquiram tal hábito e tais vícios – que será definido como Educação Negativa. A esta se seguirá a parte construtiva: aquisição de uma moral fundamentada nos princípios naturais –

⁹⁵ Je veux chercher si dans l'ordre civil il peut y avoir quelque règle d'administration légitime et sûre, en prenant les hommes tels qu'ils sont, et les lois telles qu'elles peuvent être. (CS, 351)

⁹⁶ Expose ses principes de législations avec l'espoir qu'ils pourront, au contraire, préserver les peuples modernes de la dépravation. (DERATHÉ : 1996, XCVI)

⁹⁷ Ce qui rend pénible l'ouvrage de la législation est moins ce qu'il faut établir que ce qu'il faut détruire. (CS, 390)

que será definida como Educação Positiva. Com essa educação, o homem estaria preparado para viver na sociedade corrompida sem se corromper, dessa forma, seria desfeito *aquilo que é preciso destruir* para que se realize a obra da legislação.

3 EMÍLIO OU DA SOCIABILIZAÇÃO DO SER HUMANO SEGUNDO A NATUREZA

Em 27 de maio de 1762⁹⁸ o *Emílio* é posto à venda. Em 3 de junho é confiscado pela polícia; no dia sete do mesmo mês, é denunciado na Sorbone; condenado pelo parlamento no dia nove, é queimado em Paris no dia onze.

Junto com a condenação do livro é expedida uma ordem de prisão, o que obriga Rousseau, na mesma tarde do dia nove, a fugir para a Suíça. Contudo, o ambiente não era melhor que em Paris. No dia 19 de junho, tanto o *Emílio* quanto o *Contrato Social* são queimados em Genebra e novamente é decretada sua prisão. Em 10 de julho, refugia-se em Môtiers, no principado Prussiano de Neuchâtel. Nesse refúgio permanecerá até setembro de 1765, quando numa noite tem a casa apedrejada por paroquianos. Desde esse último episódio até o fim de sua vida levará uma vida errante, sucumbindo à mania de perseguição.

Durante o refúgio em Môtiers, escreve sua versão do mito de *Pigmalião*⁹⁹. Nesta cena lírica é possível perceber seu estado de alma nesse período. Assim como no *Adivinho da Aldeia*, no *Pigmalião* o personagem principal é a imagem do próprio Rousseau. Porém, enquanto naquela se vê a alegria e satisfação, nesta se tem um Rousseau incerto e angustiado com os resultados de sua obra. É precisamente com as lamentações de *Pigmalião* que inicia a peça.

Não há aqui alma nem vida; não é senão pedra. Não farei nada de tudo isto.

Oh meu gênio, onde estás? Meu talento que te tornaste? Todo meu fogo se fora, minha imaginação gelou; o mármore sai frio de minhas mãos.

⁹⁸ Todos os fatos e as respectivas datas foram tirados da *biobibliografia de Rousseau* de autoria de Olga Pombo.

⁹⁹ A versão mais conhecida da lenda de pigmalião é a de Ovídio: Pigmalião era um exímio escultor da ilha de Chipre. Revoltado com o comportamento indecente das mulheres, vivia sem esposa e por muito tempo não se deitara com mulher alguma. Contudo, como não era insensível à beleza feminina, esculpiu uma estatua cuja forma nenhuma mulher tinha recebido da natureza. A figura esculpida era de tão rara beleza, que o escultor apaixonou-se por sua obra. Chamou-a de Galatéia e com ela conversava, acreditando-a sensível acariciava-lhe o corpo, beijava-a, dava-lhe roupas e jóias. Durante as festas em homenagem à deusa Vênus, enquanto toda a cidade comemorava, Pigmalião fazia suas oferendas à deusa e pedia-lhe uma esposa semelhante a sua estátua de marfim. Ao retornar a sua casa percebe que seu pedido havia sido atendido, Vênus deu vida a Galatéia. (adaptado de OVIDIO: [19--], 99)

Pigmalião não faz mais Deuses: tu não és senão um artista vulgar ¹⁰⁰.

Por que tão estranha revolução? – pergunta-se Pigmalião. – Por que não se interessa por mais nada? Qual a causa desta agitação interna que lhe devora? Percebe que se sente desta maneira desde o instante que decidiu esconder Galatéia. Mas por que esconder aquela que é sua mais bela obra? Será porque ela tem algum defeito? Não, pois seu único defeito é ser perfeita, *Divina Galatéia! Menos perfeita, não te faltaria nada....!* ¹⁰¹

Porém, falta-lhe uma alma. Ele pensa: *Como a alma feita por animar tal corpo deve ser bela!* ¹⁰². Deseja ardentemente que Galatéia possua uma alma. Acha-se insensato por desejar tal coisa. Contudo, imediatamente diz que não há insensatez, pois o que de fato deseja não é que o mármore viva, mas contemplar a imagem que sua obra oferece aos olhos, que sua única loucura é ser capaz de discernir a beleza. Num arrebatamento apaixonante, ora a Vênus, e em sua prece pede:

Não espero prodígio; existe, deve cessar; a ordem é perturbada, a natureza ultrajada; restitua seu império em suas leis, restabeleça seu curso que benfazejo e espalha igualmente tua divina influencia [...] Deusa da beleza, poupa esta afronta à natureza; que um tão perfeito modelo seja a imagem do que não é! ¹⁰³

Após a oração, sente-se mais calmo, porém torna a se angustiar ao pensar que a esperança que sente é mais insensata que o desejo que antes sentia. Neste instante de tormento, percebe Galatéia mover-se e dizer: *Eu!*. Inebriado com tal visão simplesmente repete o que Galatéia falara. Tocando-se, Galatéia diz: *Sou eu!*, tocando uma outra estatua, diz: *Não sou eu!*, tocando-se novamente, diz: *Ainda eu!* Ao ouvir isso, exclama Pigmalião: *Sim, caro e*

¹⁰⁰ Il n'y a point-là d'ame ni de vie; ce n'est que de la pierre. Je ne ferai jamais rien de tout cela. (P, 1224)
O mon génie , ou es - tu ? Mon talent qu'es tu devenu ? Tout mon feu s'est éteint , mon imagination s'est glacée; le marbre sort froid de mes mains.

Pygmalion ne fais plus des Dieux : tu n'es qu'un vulgaire ArtisteVils instrumens qui n'êtes plus ceux de ma gloire , allez , ne déshonorez point mes mains. (P, 1224)

¹⁰¹ Divine Galathée! moins parfaite, il ne te manqueroit rien....! (P, 1227)

¹⁰² Que l'ame faite pour animer un tel corps doit être belle! (P, 1227)

¹⁰³ Je n'attends point un prodige; il existe, il doit cesser; l'ordre est trouble, la nature est outragée; rends leur empire à ses loix, rétablis son cours bienfaisant et verse également ta divine influence. [...] Déesse de la beauté, épargne cet affront à la nature; qu'un si parfait modele soit l'image de ce qui n'est pas! (P, 1228)

*encantador objeto; sim, digna obra-prima das minhas mãos, de meu coração e dos Deuses: é você, é você unicamente: te dou todo meu ser; não viverei senão por ti*¹⁰⁴.

Enquanto o Pigmalião de Ovídio é o amante de sua obra, o de Rousseau é o adorador que não deseja tê-la apenas para si, mas partilhá-la com todos; deseja que seja vista e que todos sejam capazes de perceber as belezas que percebe. Angustiado por não poder mostrá-la, deseja que sua obra tenha vida própria e assim possa mostrar-se por si só. Ao perceber que ela tem vida própria, declara tacitamente que, aconteça o que acontecer, viverá apenas por ela. Rousseau quer que sua obra prima – o *Emílio* e o *Contrato Social* – seja vista por todos. Que percebam o que ele percebe – a decadência moral da sociedade. Talvez por isto pareça-lhe incompreensível a condenação que ambas receberam.

Por que uma tenaz perseguição a um simples tratado sobre a educação, cujos princípios já haviam sido apresentados em obras anteriores? É o que ele próprio se pergunta na carta dirigida ao arcebispo de Paris, Christophe de Beaumont, que em 28 de agosto de 1762 havia publicado um édito condenando Emílio.

Meu *Discurso sobre a Desigualdade* correu vossa diocese, e vós não destes o édito de proibição. Minha *Carta ao Senhor D'Alembert* correu vossa diocese, e vós não destes o édito de proibição. A *Nova Heloisa* correu vossa diocese, e vós não destes o édito de proibição. Contudo todos os livros, que lestes, dado que os julga, respiram as mesmas máximas; as mesmas maneiras de pensar nele não são mais disfarçadas: se o assunto não as tornou susceptível do mesmo desenvolvimento, elas ganham em força isto que perdem em extensão, e vê-se nele a profissão de fé do autor expressa com menos reserva que a do vigário saboiano. Por que pois não dissestes nada então?¹⁰⁵

¹⁰⁴ GALATHÉE se touche et dit: Moi.

PYGMALION transporte: Moi!

GALATHÉE se touchant encore: C'est moi.

PYGMALION: Ravissante illusion qui passes jusqu'a mes oreilles, ah.! n'abandonne jamais mes sens.

GALATHÉE, fait quelques pas et touche un marbre: Ce n'est plus moi.

GALATHÉE avec un soupir: Ah! encore moi.

PYGMALION: Oui, cher et charmant objet; oui, digne chef-d'oeuvre de mes mains, de mon cœur et des Dieux: c'est toi, c'est toi seule: je t'ai donne tout mon être; je ne vivrai plus que par toi. (P, 1230)

¹⁰⁵ Mon discours sur l' inégalité a couru votre diocese, et vous n' avez point donné de mandement. Ma lettre à Mr. D' Alembert a couru votre diocese, et vous n' avez point donné de mandement. La nouvelle Héloïse a couru votre diocese, et vous n' avez point donné de mandement. Cependant tous ses livres, que vous avez lus, puisque vous les jugez, respirent les mêmes maximes; les mêmes manieres de penser n' y sont pas plus déguisées: si le sujet ne les a pas rendu susceptibles du même développement, elles gagnent en force ce qu'elles perdent en étendue, et l'on y voit la profession de foi de l' auteur exprimée avec moins de réserve que celle du vicaire savoyard. Pourquoi donc n'avez-vous rien dit alors ? (LCB, 933)

De fato, se por um lado o *Emílio* é apenas o desenvolvimento do que fora intuído no *Discurso sobre as ciências e as artes* – a educação é ornamental, corrompe a capacidade de julgar e não ensina as virtudes pessoais, sociais e religiosas; com ela aprende-se o que se deve esquecer e não o que se deve fazer em se tornando Homem – a partir da idéia do *Discurso da desigualdade* de que há uma Natureza Humana, que é boa, porém foi alterada durante a história pelos hábitos e pela educação sem ter sido destruída; por outro, não se trata apenas de um simples tratado sobre educação. Qualquer um que tenha paciência para ler as mais de quinhentas páginas do *Emílio*, mesmo que numa leitura despreziosa, perceberá, através da multiplicidade de assuntos nele tratados – desde o aleitamento materno, as críticas à medicina, se é melhor viajar a pé ou a cavalo até as mais profundas reflexões sobre a natureza humana – que ele é um tratado sobre o Ser humano.

Diferente da tradição surgida com Comenius¹⁰⁶, Rousseau compreende a educação como sendo *a arte de formar homens*¹⁰⁷. Disso decorre que, para escrever sobre essa arte, é preciso abordar o homem em todos os seus aspectos. Abordando quase todos os temas caros ao iluminismo e articulando todas as áreas de conhecimentos necessárias para tratar da Natureza Humana, ele acaba elaborando uma nova resposta às questões: *Que é o Homem? Como educá-lo?*. E pela resposta dada à segunda questão, pode-se dizer de forma sintética, como fez Yves Vargas em seu artigo *Emile: pour en finir avec l'éducation*, que, no *Emílio*, Rousseau estuda fundamentalmente por quais mecanismos a natureza humana se desenvolve no sentido da sociabilidade. O que faz esta obra ser, antes de qualquer coisa, um romance sobre a sociabilização do Ser Humano.

Ainda assim, por que tal perseguição a uma obra que não quer senão que a humanidade seja eticamente melhor, que a sociedade seja menos desigual? Além dessa nova visão sobre o Homem e sobre o modo como este deve ser educado, Rousseau não oferece com o *Emílio*, e o *Contrato Social*, apenas críticas sobre a sociedade, como havia feito em seus primeiros discursos; com suas novas obras, oferece uma alternativa para o mal que corrói a alma humana, decorrente da falta de transparência provocada pelo processo civilizatório. Com

¹⁰⁶ No prefácio da Didática Magna, cujo subtítulo é: *Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos*, Comenius diz que sua obra tem por objetivo *investigar e descobrir o método segundo o qual os professores ensinem menos e os estudantes aprendam mais*. Dessa tradição decorre a compreensão de que educar é sinônimo de instruir. (COMENIUS: 1954, 32)

¹⁰⁷ *l'art de former des hommes*. (E, 241)

seus escritos anteriores ele ataca a sociedade, o que poderia facilmente ser tolerado; porém, com estes últimos, ele apresenta um outro modelo de sociedade, fato que não é mais passível de tolerância; eis o motivo da perseguição que lhe traria tanto desgosto: a sociedade por ele concebida não agrada nem ao clero, nem à nobreza e nem à burguesia. Que alternativa é esta que a todos desagradou?

Antes de responder a tal questão, faz-se necessário esclarecer o método empregado para a elaboração dessa alternativa. Rousseau repete o mesmo caminho percorrido no segundo discurso, porém desta vez se referindo ao indivíduo e não à humanidade. O discurso mostra como ocorreu a Humanização do Ser Humano através da hipotética evolução da humanidade do Estado de Natureza ao surgimento da sociedade. O Emílio apresenta, desde o nascimento até o momento em que o indivíduo será membro da sociedade, o desenvolvimento das forças físicas e psíquicas do indivíduo, os meios para educá-las e fazer dele um Homem, um Cidadão e um Devoto. Enquanto o discurso mostra como o Ser Humano se desnaturou nesse processo de humanização, o Emílio oferece os meios para o indivíduo ser capaz de reconhecer sua natureza, julgar e agir segundo ela, evitando assim que se repita a separação que houve entre o homem e a natureza.

3.1 A meta

Através de Pigmalião, Rousseau deixa claro qual é sua meta: *Restituir o império da natureza*. Tal idéia foi, e ainda é, muito mal compreendida. Restabelecer o império da natureza não significa voltar a viver como os índios, nos quais Rousseau se inspirou para elaborar sua teoria sobre o Estado de Natureza. No *Contrato Social*, ele deixa claro aquilo que ficou subentendido em seus discursos anteriores e que gerou tanta confusão e incompreensão em relação ao seu pensamento.

A passagem do estado natural ao estado civil produziu no homem uma mudança considerável, substituindo em sua conduta a justiça ao instinto, e imprimindo às suas ações a moralidade que anteriormente lhes faltava. Foi somente então que a voz do dever, sucedendo ao impulso físico, e o direito ao apetite, fizeram com que o homem, que até esse momento só tinha olhado para si mesmo, se visse forçado a

agir por outros princípios e consultar a razão antes de ouvir seus pendoros. Embora se prive, nesse estado, de diversas vantagens recebidas da Natureza, ganha outras tão grandes, suas faculdades se exercitam e desenvolvem, suas idéias se estendem, seus sentimentos se enobrecem, toda a sua alma se eleva a tal ponto, que, se os abusos desta nova condição, não o degradassem com freqüência a uma condição inferior àquela de que saiu, deveria abençoar incessantemente o ditoso momento em que foi dali desarraigado para sempre, o qual transformou um animal estúpido e limitado num ser inteligente, num homem ¹⁰⁸.

Apesar de todas as vantagens que o Homem Natural possuía, ele não passava de um animal. É somente com a sociedade que atualiza suas faculdades virtuais, adquire moralidade e conseqüentemente sai da condição de animal e se torna um Ser Humano. Se por um lado o homem não é por natureza um ser social, por outro é indispensável que ele se sociabilize para ser considerado como um Ser Humano, portanto a sociedade mesmo sendo uma contingência é algo que lhe é necessário.

Rousseau não é avesso à sociedade, muito pelo contrário, ele a vê como algo necessário e bom para o homem. O problema não estaria na sociedade em geral mas, na sociedade atual, pois esta corrompe a natureza humana, fazendo dele um ser imoral. Entre um ser imoral e outro que seja amoral, é preferível o estado do segundo. Contudo, o melhor a ser feito é reformar a sociedade, impedindo que esta corrompa o ser humano – objetivo do *Contrato Social*; ou ao menos, fazer com que o homem seja capaz de ser moral, mesmo que a sociedade faça dele um ser imoral – objetivo do *Emílio*.

No livro terceiro do *Emílio* Rousseau afirma que *Emílio não é um selvagem para ser relegado nos desertos, é um selvagem feito para habitar as cidades. É preciso que ele saiba*

¹⁰⁸ Ce passage de l'état de nature à l'état civil produit dans l'homme un changement très remarquable, en substituant dans sa conduite la justice à l'instinct, et donnant à ses actions la moralité qui leur manquait auparavant. C'est alors seulement que la voix du devoir succédant à l'impulsion physique et le droit à l'appétit, l'homme, qui jusque-là n'avait regardé que lui-même, se voit forcé d'agir sur d'autres principes, et de consulter sa raison avant d'écouter ses penchants. Quoiqu'il se prive dans cet état de plusieurs avantages qu'il tient de la nature, il en regagne de si grands, ses facultés s'exercent et se développent, ses idées s'étendent, ses sentiments s'ennoblistent, son âme tout entière s'élève à tel point que si les abus de cette nouvelle condition ne le dégradent souvent au-dessous de celle dont il est sorti, il devrait bénir sans cesse l'instant heureux qui l'en arracha pour jamais, et qui, d'un animal stupide et borné, fit un être intelligent et un homme. (CS, 364.)

nelas encontrar o necessário, tirar partido de seus habitantes, e viver, senão como ele, ao menos com eles¹⁰⁹.

A sociedade é necessária ao indivíduo, porém esta o corrompe. Tendo apenas como alternativa viver em sociedade, como não ser corrompido? Segundo Rousseau, desfazendo a ruptura entre cultura e natureza; sendo capaz de conservar a natureza original em meio aos apelos da aparência, em suma, sendo um selvagem capaz de habitar na cidade. Para isso é necessário que o homem tenha constantemente diante de si um modelo que *seja a imagem do que não é* – O Emílio.

3.2 O caminho

Para alcançar tal fim, a via a ser percorrida é o *restabelecimento do curso benfazejo da natureza*. É precisamente com uma demonstração do quanto se está longe de tal curso – demonstração que também serve de alerta para as conseqüências de não segui-lo – que Rousseau inicia o *Emílio*.

Tudo é certo saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem. Ele força uma terra a nutrir as produções de outra, uma árvore a dar os frutos de outra; mistura e confunde os climas, os elementos, as estações; mutila seu cão, seu cavalo, seu escravo; perturba tudo, desfigura tudo, ama a deformidade, os monstros; não quer nada tal como o fez a natureza, nem mesmo o homem; é necessário adestrá-lo para si, como um cavalo picadeiro; é necessário conformá-lo a seu modo, como uma árvore do seu jardim¹¹⁰.

Ainda aqui, restabelecer o curso da natureza não significa um retorno ao estado primitivo. Significa apenas que todas as ações não contradigam os parâmetros naturais, que o

¹⁰⁹ Emile n'est pas un sauvage à reléguer dans les déserts, c'est un sauvage fait pour habiter les villes. Il faut qu'il sache y trouver son nécessaire, tirer parti de leurs habitants, et vivre, sinon comme eux, du moins avec eux. (E, 483)

¹¹⁰ Tout est bien sortant des mains de l'Auteur des choses, tout dégénère entre les mains de l'homme. Il force une terre à nourrir les productions d'une autre, un arbre à porter les fruits d'un autre; il mêle et confond les climats, les éléments, les saisons; il mutila son chien, son cheval, son esclave; il bouleverse tout, il défigure tout, il aime la difformité, les monstres; il ne veut rien tel que l'a fait la nature, pas même l'homme; il le faut dresser pour lui, comme un cheval de manège; il le faut contourner à sa mode, comme un arbre de son jardin. (E, 245)

homem não force a terra, não altere seus elementos; que ele respeite-a, aprenda com ela e com ela saiba viver em harmonia. Idéia que apenas hoje percebemos em sua totalidade, em decorrência das tragédias provocadas pelas alterações no meio-ambiente. Por tudo o que atualmente vem ocorrendo, em especial as catástrofes e as previsões de mais e maiores tragédias, percebe-se que restituir o império da natureza através do restabelecimento de seu curso benfazejo é uma necessidade mais que imperiosa e urgente.

Claro estão meta e caminho, porém como pôr em prática tais idéias? Reformando o ser que deformou a natureza. Para reformar o Ser Humano é preciso formar cada homem segundo os princípios da própria natureza, em outros termos, educá-lo segundo a natureza, pois *Tudo o que não temos ao nascer e que temos necessidade sendo adultos, nos é dado pela educação*¹¹¹.

O que se entende por *educar o homem segundo a natureza*? Chegado a esse ponto, uma outra questão, sem a qual é impossível prosseguir, se impõe: O que Rousseau entende por natureza? Da leitura do Discurso da Desigualdade decorre que a natureza além de ser o meio ambiente ao qual o homem está intimamente ligado, do qual é dependente e incapaz de se diferenciar – diferenciação que se dá a medida que o homem desenvolve suas faculdades potenciais – é também a essência do homem antes de ser alterada pelo progresso. No Emílio, a essa idéia acrescenta a do hábito.

A natureza, dizem-nos, não é senão o hábito. Que significa isso? Não há hábitos que se adquirem apenas pela força, e que não asfixiam jamais a natureza? Tal é, por exemplo, o hábito das plantas cuja direção vertical obstrui-se. A planta posta em liberdade guarda a inclinação que a forçaram tomar; mas a seiva não alterou por isto sua direção primitiva; e, se a planta continua a vegetar, seu prolongamento voltará a ser vertical. É nisto igual as inclinações dos homens. Enquanto permanecemos no mesmo estado, podemos conservar as que resultam do hábito, e que nos são menos naturais; mas, tão logo a situação mude, o hábito cessa e o natural retorna¹¹².

¹¹¹ Tout ce que nous n'avons pas à notre naissance et dont nous avons besoin étant grands, nous est donné par l'éducation. (E, 247)

¹¹² La nature, nous dit-on, n'est que l'habitude. Que signifie cela? N'y a-t-il pas des habitudes qu'on ne contracte que par force, et qui n'étouffent jamais la nature? Telle est, par exemple, l'habitude des plantes dont on gêne la direction verticale. La plante mise en liberté garde l'inclinaison qu'on l'a forcée à prendre; mais la sève n'a point changé pour cela sa direction primitive; et, si la plante continue à végéter, son prolongement redevient vertical. Il en est de même des inclinations des hommes. Tant qu'on reste dans le même état, on peut garder celles qui résultent de l'habitude, et qui nous sont le moins naturelles; mais, sitôt que la situation change, l'habitude cesse et le naturel revient. (E, 247)

O Ser Humano possui características anteriores às adquiridas com o hábito, ou como contemporaneamente diríamos, às adquiridas com a cultura. Pela analogia com a planta, poder-se-ia inferir que tais características são essencialmente de ordem biológica, contudo vê-se ao longo do Emílio que Rousseau trata essas características como sendo de ordem bio-psíquicas¹¹³. Tais características podem ser alteradas pelo hábito, contudo conservariam sua disposição original, o que de certa forma implica numa relação de mútua determinação entre o hábito e a natureza.

Sendo a educação o meio através do qual o indivíduo adquire aquilo que lhe falta, educar segundo a natureza seria promover tal aquisição em conformidade com as características naturais, sem, contudo, alterá-las; em outros termos, tornar-se homem sem se desnaturar. Nessas condições, o papel de quem educa é antes de tudo ensinar conforme o desenvolvimento bio-psíquico do indivíduo. Não é pequena a dívida que a psicologia da educação, em especial Piaget, tem com Rousseau.

Retomando a idéia presente no *Contrato Social* de que a família é a única sociedade natural¹¹⁴, Rousseau postula que é por meio dela que o indivíduo será bem sociabilizado, cabendo aos pais e às mães, antes que a qualquer pessoa, impedir que seus filhos sejam desnaturados e fazer deles homens e cidadãos. E numa espécie de autoconfissão diz que: *Leitores, podem crer-me. Predigo à quem quer tenha entranhas e negligencie tão santos deveres, que verterá por muito tempo sobre sua falta lágrimas amargas, e não será jamais consolado*¹¹⁵.

O processo educativo *se confunde com a vida, e há muitos lugares onde aprendemos e muitos mestres que nos ensinam*¹¹⁶. Para Rousseau, três são os mestres: A natureza, os homens, as coisas.

O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e a aquisição de nossa

¹¹³ No discurso da desigualdade Rousseau fala de características físicas, psíquicas e morais.

¹¹⁴ Do Contrato Social: Livro Primeiro, Capítulo II.

¹¹⁵ Lecteurs, vous pouvez m'en croire. Je prédis à quiconque a des entrailles et néglige de si saints devoirs, qu'il versera longtemps sur sa faute des larmes amères, et n'en sera jamais consolé. (E, 263)

¹¹⁶ STRECK : 2004, 34.

própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas ¹¹⁷.

Para que o indivíduo esteja sempre de acordo consigo mesmo e seja bem educado, é necessário que as lições desses três mestres estejam de acordo entre si. Contudo, como a educação dos homens é a única de que é possível se ter um relativo controle, ela é a que mais contraria as lições da natureza e, portanto, a educação a qual Rousseau dedicará seus cuidados.

Uma outra importante consequência do pressuposto da educação natural foi a descoberta da infância.

Para não correr após quimeras, não esqueçamos o que convém à nossa condição. A humanidade tem seu lugar na ordem das coisas; a infância tem o seu na ordem da vida humana: é necessário considerar o homem no homem, e a criança na criança. Atribuir a cada um o seu lugar e nele fixá-lo, ordenar as paixões humanas de acordo com a constituição do homem, é tudo que podemos fazer para o seu bem-estar. O resto depende de causas estranhas que não estão em nosso poder ¹¹⁸.

A partir do Emílio, a criança deixa de ser um homem em miniatura que deve ser tirado o mais rápido possível desse estado, para ter um estatuto próprio e uma utilidade na formação do homem. A infância continua sendo o sono da razão, porém deixa de ser um estado deplorável para se tornar um estado extremamente importante para o bom desenvolvimento da razão. Essa obra *descobre a infância nomeando-a e normatizando sua existência; situando-a naquela posição das coisas que merecem um nome e portanto ser estudadas e respeitadas* (NORODOWSKI: 2001, 31). Sendo também o Emílio a obra em que a ética do coração, intuída no *Discurso das Ciências e das Artes*, é desenvolvida, outra não poderia ser a proposta para a formação do novo homem senão a via do amor:

¹¹⁷ Le développement interne de nos facultés et de nos organes est l'éducation de la nature; l'usage qu'on nous apprend à faire de ce développement est l'éducation des hommes; et l'acquis de notre propre expérience sur les objets qui nous affectent est l'éducation des choses. (E, 247)

¹¹⁸ Pour ne point courir après des chimères, n'oublions pas ce qui convient à notre condition. L'humanité a sa place dans l'ordre des choses; l'enfance a la sienne dans l'ordre de la vie humaine: il faut considérer l'homme dans l'homme, et l'enfant dans l'enfant. Assigner à chacun sa place et l'y fixer, ordonner les passions humaines selon la constitution de l'homme, est tout ce que nous pouvons faire pour son bien-être. Le reste dépend de causes étrangères qui ne sont point en notre pouvoir. (E, 303)

Amai a infância; favorecei seus jogos, seus prazeres, seu amável instinto. Quem de vós não lamentou alguma vez esta idade onde o riso está sempre nos lábios, e onde a alma está sempre em paz?¹¹⁹

3.2.1 Do nascer ao falar

Uma educação que se pretende conforme a natureza é uma educação que olha o indivíduo de forma global e não privilegia nenhuma de suas faculdades, como, por exemplo, a Razão que sempre foi tida como a mais importante faculdade humana e ainda hoje é o foco central da educação, seja ela escolar ou não. Além disso, tal educação visa ao desenvolvimento das faculdades que o indivíduo já possui ao nascer e das que se encontram em estado latente, bem como a formação daquelas que não possui. E como o indivíduo já possui determinadas faculdades ao nascer, a educação começa no primeiro dia de vida.

Repito-o, a educação do homem começa em seu nascimento; antes de falar, antes que de entender, já se instrui. A experiência adianta-se às lições; no momento que conhece sua ama, já adquiriu muito¹²⁰.

Que educação é possível nesta idade? Como é possível o aprender antes mesmo que a criança dê demonstrações de capacidade para tal? Eis mais um dos traços inovadores da filosofia da educação de Rousseau; e para bem compreender essas idéias, é preciso antes conhecer a visão que ele tem do Ser Humano e de suas faculdades neste período da vida.

Desde o nascimento, o homem é constantemente afetado por uma infinidade de coisas; e mesmo sem a devida consciência, procura ou foge de tais coisas segundo a impressão que causam. *As primeiras sensações das crianças são puramente afetivas, não percebem senão o prazer e a dor*¹²¹. É a repetição de tais sensações que aos poucos vai afastando o homem da natureza e o submete ao império do hábito. É precisamente esta capacidade de produzir

¹¹⁹ Aimez l'enfance; favorisez ses jeux, ses plaisirs, son aimable instinct. Qui de vous n'a pas regretté quelquefois cet âge où le rire est toujours sur les lèvres, et où l'âme est toujours en paix? (E, 302)

¹²⁰ Je le répète, l'éducation de l'homme commence à sa naissance; avant de parler, avant que d'entendre, il s'instruit déjà. L'expérience prévient les leçons; au moment qu'il connaît sa nourrice, il a déjà beaucoup acquis. (E, 281)

¹²¹ Les premières sensations des enfants sont purement affectives; ils n'aperçoivent que le plaisir et la douleur. (E, 282)

conhecimento a partir das sensações que faz do homem um ser capaz de aprender desde o nascimento.

Apesar dessa capacidade de acumular conhecimento desde o nascimento, a memória, assim como a imaginação, é uma faculdade ainda inativa. A criança apenas presta atenção àquilo que afeta seus sentidos no momento, é apenas com o desenvolvimento físico que ela adquire a capacidade de recordar as sensações vividas, bem como a de imaginar outras coisas a partir dessa recordação. A isso se junta o fato de que o homem nasce sem nada saber ou conhecer, nem mesmo a noção de que existe ele tem.

Em decorrência disso, a educação da criança neste período consiste apenas em estimular seus sentidos, tendo-se o cuidado de oferecer-lhe os estímulos em uma ordem conveniente ao posterior desenvolvimento do entendimento. Essa ordem segue a própria ordem natural, que a princípio é a de procurar os estímulos ou deles se afastar pela relação agradável-desagradável, em seguida pela conveniência-inconveniência e, finalmente, segundo os juízos decorrentes da idéia de felicidade ou perfeição que a razão fornece. Com isso, Rousseau coloca como base dos juízos a primitiva relação prazer-desprazer, tão cara à psicanálise, e postula que a liberdade depende da capacidade de elaborar juízos, e esta depende diretamente do modo como o educador provoca as primeiras sensações da criança. Em última análise, pode-se afirmar que o indivíduo será livre ou não segundo tenha sido bem estimulado ou não em seus dois primeiros anos de vida. *Preparai de longe o reino de sua liberdade e o uso de suas forças, deixando a seu corpo o hábito natural, em o colocando em estado de ser sempre mestre de si mesmo*¹²².

Todavia, preparar bem a capacidade de julgar não é suficiente, é preciso evitar que a criança assimile o *Parecer-Ser* do mundo dos adultos, para que assim seja capaz de julgar segundo seu próprio entendimento, eis a famosa e tão discutida educação negativa proposta por Rousseau.

Logo o desejo não virá mais da necessidade, mas do hábito, ou antes o hábito adiciona uma nova necessidade àquela da natureza: eis o que é

¹²² Préparez de loin le règne de sa liberté et l'usage de ses forces, en laissant à son corps l'habitude naturelle, en le mettant en état d'être toujours maître de lui-même. (E, 282)

preciso prevenir. O único hábito que se deve deixar a criança adquirir é o de não contrair nenhum¹²³.

Impossível não adquirir hábitos, esse é mais um dos paradoxos rousseauiano, pois como não adquirir hábitos se é por meio deles que se dá a aprendizagem, como foi dito anteriormente? Tomando-se a precedente afirmação isoladamente, cai-se em contradição, porém, observando o todo da obra, tal contradição se desfaz. Não é todo e qualquer hábito que deve ser evitado, mas aqueles que contrariam a natureza, mais especificamente aqueles que criam novos desejos, em particular desejos contrários a natureza. É evidente aqui a inspiração epicurista¹²⁴.

Disso decorre que o papel do educador neste período se limita apenas a administrar as experiências a serem vividas por seu pupilo, seja estimulando-lhe os sentidos, seja evitando que adquira hábitos contrários à natureza. Para cumprir esse importante papel é preciso que o educador seja capaz de ler a gramática infantil, em outros termos, ser capaz de compreender as necessidades da criança e visualizar os sinais de sua personalidade. Para tanto, o choro e os primeiros balbucios da criança são as vias de acesso.

Destes choros, que se acreditavam tão pouco dignos de atenção, nasce a primeira relação do homem com tudo que está a sua volta: aqui se forja o primeiro elo dessa grande cadeia cuja ordem social é formada¹²⁵.

Retomando a idéia principal do *Ensaio sobre a origem das Línguas* de que a origem, a evolução e a decadência da sociedade têm estreita relação com a origem, evolução e decadência das línguas, Rousseau traça, mais uma vez, um paralelo entre a formação do indivíduo e a formação da sociedade. A natural e pré-social linguagem das crianças revela aquilo que elas essencialmente são; na medida exata em que vão aprendendo uma língua, vão assimilando as convenções sociais e esquecendo suas naturais tendências. Um educador que

¹²³ bientôt le désir ne vient plus du besoin, mais de l'habitude, ou plutôt l'habitude ajoute un nouveau besoin à celui de la nature: voilà ce qu'il faut prévenir. La seule habitude qu'on doit laisser prendre à l'enfant est de n'en contracter aucune. (E, 282)

¹²⁴ Segundo Epicuro: *Alguns dos desejos são naturais e necessários; outros são naturais e não necessários; outros nem naturais nem necessários, mas nascidos apenas de uma vã opinião.* (Epicuro: 1980, 18)

¹²⁵ De ces pleurs, qu'on croirait si peu dignes d'attention, naît le premier rapport de l'homme à tout ce qui l'environne: ici se forge le premier anneau de cette longue chaîne dont l'ordre social est formé. (E, 286)

não saiba ler esta gramática, fatalmente fracassará em seu projeto. Não é por acaso que Rousseau põe o falar como marco da nova fase da evolução individual.

3.2.2 Do falar à consciência de si

Quando a criança se torna apta a expressar seus desejos e necessidades, sua satisfação e insatisfação por meio da palavra, eis que ela se encontra em um novo período de seu desenvolvimento, no qual efetivamente começa sua vida enquanto indivíduo. Com a capacidade de designar de forma específica cada uma das sensações por meio da palavra, desenvolve-se, dentre outras, a habilidade de reconhecer, distinguir, comparar e relacionar tais sensações. Com isso tem-se a faculdade de elaborar idéias simples, que é chamada por Rousseau de *Razão Sensitiva* ou *pueril*, por ser própria das crianças, limitada às sensações e incapaz de abstrações. Ele a distingue da *Razão Intelectual*, que é a faculdade de elaborar idéias complexas a partir das idéias simples e é própria dos adultos.

É também nessa época que, com o desenvolvimento da memória, a criança adquire o sentimento de identidade, ou melhor, a consciência de si mesmo e doravante será considerada um ser moral. Porém, ela tomará contato com o mundo moral sem a necessária capacidade de compreender as convenções que o caracterizam; tem-se, dessa forma, a porta aberta ao vício, o que faz deste período o mais perigoso intervalo do desenvolvimento humano.

Em sendo assim, educar a criança utilizando-se dos raciocínios próprios da *Razão Intelectual* é antes conduzi-la ao erro que desenvolver nela as virtudes morais. Lembrando que para Rousseau a infância não se caracteriza apenas como um lugar de passagem, que ela é uma etapa fundamental no desenvolvimento do homem ético e para tanto *precisa ser considerada como uma etapa com valor próprio* (STRECK: 2004, 42), o educador antes de tudo precisa conhecer como se caracteriza esta *Razão Sensitiva*.

Antes de tudo, para Rousseau, a razão seria uma faculdade resultante da combinação de todas as outras e, por conseguinte, a última a se desenvolver e a mais complexa de todas. Assim, uma criança não possui verdadeiramente essa faculdade, *a criança retém as palavras*,

*as idéias são refletidas; os que a ouvem entendem-na, só ela não as entende*¹²⁶, ela pode até reproduzir os mais profundos pensamentos, contudo, o que faz não passa de mera reprodução, nada faz de si mesma¹²⁷.

Apesar disso, ele não afirma que as crianças sejam incapazes de raciocinar. Elas possuem um modo próprio de ver, sentir e pensar; os adultos é que sobre as faculdades infantis fazem idéias errôneas.

Uma criança é menor que um homem; não tem nem sua força nem sua razão: mas vê e entende tão bem quanto ele, ou quase tão bem; ela tem o paladar tão sensível, embora menos delicado, e distingue tão bem os odores, embora não coloque neles a mesma sensualidade. As primeiras faculdades que se formam e se aperfeiçoam em nós são os sentidos. São as primeiras que seriam preciso cultivar; são as únicas que esquecemos, ou aquelas que negligenciamos mais¹²⁸.

Uma criança não raciocina tão bem quanto um adulto, mas sobre aquilo que ela é capaz de pensar ela o faz tão bem quanto. Segundo a natureza, nossa conservação e nosso bem-estar são nossas primeiras, e por muito tempo as únicas, preocupações; disso decorre que uma criança é capaz de bem raciocinar sobre seu interesse presente e sensível. Conjugando essa idéia com a fórmula aristotélica – que apenas em parte foi adotada, pois, o sentimento de justiça seria inato – de que não há nada em nosso juízo que antes não tenha passado pelos sentidos, Rousseau põe como máxima fundamental para a educação infantil que *para aprender a pensar é preciso exercitar nossos membros, nossos sentidos e nossos órgãos*¹²⁹.

Como em Descartes, é preciso duvidar do conhecimento advindo de nossas sensações. Porém, sendo unicamente por meio delas possível construir qualquer conhecimento, é necessário saber distinguir as ilusões que os sentidos provocam; para ser capaz das mais profundas abstrações é preciso antes ser capaz de julgar as sensações. Com isso, cultivar a

¹²⁶ L'enfant retient les mots, les idées se réfléchissent; ceux qui l'écoutent les entendent, lui seul ne les entend point. (E, 344)

¹²⁷ Em nota de roda-pé, para reforçar sua argumentação, Rousseau dá como exemplo o caso de Mozart. *Um garçom de sept ans en a fait depuis ce temps-là de plus étonnans encore.* (E, 1398)

¹²⁸ Un enfant est moins grand qu'un homme; il n'a ni sa force ni sa raison: mais il voit et entend aussi bien que lui, ou à très peu près; il a le goût aussi sensible, quoiqu'il l'ait moins délicat, et distingue aussi bien les odeurs, quoiqu'il n'y mette pas la même sensualité. Les premières facultés qui se forment et se perfectionnent en nous sont les sens. Ce sont donc les premières qu'il faudrait cultiver; ce sont les seules qu'on oublie, ou celles qu'on néglige le plus. (E, 380)

¹²⁹ Pour apprendre à penser, il faut donc exercer nos membres, nos sens, nos organes. (E, 370)

inteligência é antes cultivar as forças que ela deve governar. E para tanto há apenas um meio: perder tempo criando um moleque.

Para uma sociedade cujo fundamento principal é o acúmulo de riqueza, é fundamental que os indivíduos comecem a se instruir o mais cedo possível, pois para atender as injunções do mercado é preciso que as pessoas possuam uma vasta instrução. Tal situação exige mais anos de formação, portanto é preciso ganhar tempo. Propondo uma sociedade cujo fundamento principal seja o próprio homem, Rousseau inverte a lógica anterior e propõe que não se instrua as crianças, que apenas se perca tempo.

Aquilo que é entendido pela maioria como ganhar tempo, seria antes perder tempo, pois sacrifica-se o presente por um futuro incerto, além do que *enfia na cabeça das crianças palavras sem nenhum sentido ao seu alcance, imaginam entretanto as ter muito bem instruído*¹³⁰. Se o que se quer é ganhar tempo, é preciso então perdê-lo, deixando a criança livre para apenas brincar e se divertir, além de não dar lição alguma que a criança não seja capaz de compreender, e isso significa tudo aquilo que envolve abstrações. A primeira educação é portanto negativa.

Uma educação negativa não significa que nada será ensinado à criança, significa que só será ensinado o que ela é capaz de compreender. Por exemplo, como ensinar uma criança a fazer o Bem se a noção de Bem é simplesmente incompreensível à criança? Para Rousseau, não tem como, porém é possível ensinar-lhe a não fazer o Mal, pois as penas e dores que uma criança sente dão-lhe perfeitamente a noção de Mal.

O mesmo se daria com a liberdade. Para Rousseau o homem verdadeiramente livre é aquele que apenas quer o que pode e tem autonomia suficiente para realizar esse desejo.

Oh homem! encerra tua existência no interior de ti, e tu não serás mais miserável. Permaneça no lugar que a natureza te assinala na cadeia dos seres, nada te poderá fazer dele sair; não te revoltes contra a dura lei da necessidade, e não esgotes, ao querer-lhe resistir, forças que o céu não te deu para estender ou prolongar a tua existência, mas apenas para conservá-la como lhe agrada e enquanto lhe agrada. Tua liberdade, teu poder, não se estendem senão tão distante quanto tuas

¹³⁰ Fourrant dans la tête des enfants des mots qui n'ont aucun sens à leur portée, on croit pourtant les avoir fort bien instruits. (E, 330)

forças naturais, e não além; todo o resto não é senão escravidão, ilusão, prestígio¹³¹.

Não existe maior ilusão que acreditar que ser livre é poder fazer o que *der na telha*. Aqueles que se acreditam livres por possuírem riqueza ou poder são tão escravos quanto aqueles que nada possuem, pois dependem destes para manterem aquilo que acreditam ter. O ser humano é um ser limitado à própria natureza; querer ultrapassar tais limites é insanidade e estar sempre distante da felicidade. E nada é mais insano que querer ensinar a uma criança tais idéias.

Para ensinar a uma criança quais são seus limites e a eles se circunscrever, para ensinar-lhe a não depender de outro senão dela mesma, bastaria deixá-la brincar em jogos competitivos. Por meio de tais jogos, ela, além de desenvolver suas forças físicas, adquiriria as noções de liberdade e autonomia, bem como a de felicidade e infelicidade, conforme saísse vitoriosa ou não das competições.

Com a coragem não seria diferente. Nada de histórias de grandes heróis, como Hércules; basta que a criança aprenda a sofrer. Que ela corra e brinque, e que, ao se machucar, aquele que dela cuida não se apresse em socorrê-la, desde que sua vida não esteja em risco, que aja com a maior naturalidade possível, que a estimule a suportar a dor. Sofrer bem é uma das coisas que mais necessitamos, afinal todos sabem quanto é penoso viver, além do que sofremos muito mais quando não sabemos sofrer. Ademais, a dor ensina a criança a ser virtuosa, pois aquele que não conhece a dor *não conhece nem a ternura da humanidade, nem a doçura da comiseração; seu coração não seria comovido por nada, ele não seria sociável, seria um monstro entre seus semelhantes*¹³².

O ensino das idéias de justiça e propriedade privada segue esse mesmo modelo. Após ter cultivado favas, Emílio teve sua plantação revirada por alguém. Ele e seu preceptor se puseram a procurar o autor dessa grande injustiça. Descobriram que fora o jardineiro. Tendo

¹³¹ O homme! resserre ton existence au dedans de toi, et tu ne seras plus misérable. Reste à la place que la nature t'assigne dans la chaîne des êtres, rien ne t'en pourra faire sortir; ne regimbe point contre la dure loi de la nécessité, et n'épuise pas, à vouloir lui résister, des forces que le ciel ne t'a point données pour étendre ou prolonger ton existence, mais seulement pour la conserver comme il lui plaît et autant qu'il lui plaît. Ta liberté, ton pouvoir, ne s'étendent qu'aussi loin que tes forces naturelles, et pas au delà; tout le reste n'est qu'esclavage, illusion, prestige. (E, 308)

¹³² l'homme qui ne connaîtrait ni l'attendrissement de l'humanité, ni la douceur de la commisération; son coeur ne serait ému de rien, il ne serait pas sociable, il serait un monstre parmi ses semblables. (E, 313)

ido falar-lhe, acabaram sabendo que, no mesmo lugar, o jardineiro havia plantado melões e que ele apenas fizera com a plantação de favas aquilo que antes haviam feito com a de melões. Após terem se entendido com o jardineiro e pedido-lhe desculpas, terminam por fazer um acordo, o jardineiro cede um pedaço do terreno para ser cultivado por Emílio e este entrega ao jardineiro metade da produção.

Por todos esse exemplos percebe-se que é apenas através da vivência de fatos reais e sem discursos que algo é ensinado à criança, é apenas da experiência que a criança deve ter lições.

Juntando-se a isso o fato de que a criança é incapaz de compreender abstrações, conclui-se, naturalmente, que o ensino da geografia através de mapas, da história através de narrativas, da geometria através de figuras, da moral através das fábulas; bem como a leitura e o ensino de línguas, além de não serem possíveis, são perniciosos, pois ensinam às crianças a não pensarem por si mesmas, ensinam-nas a pensar pelas idéias dos outros e por representações, e não através das coisas mesmas. Então, que tudo lhe seja ensinado por meio da vivência. Em relação à leitura, *Os livros devem vir tarde, quando eles podem ser compreendidos, e não repetidos por crença – mas eles vêm* ¹³³.

Com esse método, Rousseau acreditava que uma criança, mesmo sem ter noção alguma do que seja Virtude, seria virtuosa e teria a mente preparada para os mais profundos raciocínios quando o tempo da *Razão Intelectual* chegar, enquanto que aquelas que aprendem os mais belos conceitos das mais belas virtudes, além de não saberem elaborar idéias simples, agem como símios.

3.2.3 Da consciência de si ao pensar

O Ser Humano não nasce pronto, *somos aprendizes de homem* ¹³⁴. Ao longo de sua existência, o Ser Humano vai se constituindo como tal, e, sendo dotado de Liberdade e Perfectibilidade, encerra em si uma infinidade de possibilidades, podendo ser desde um animal

¹³³ les livres doivent venir tard, lorsqu'ils peuvent être compris, et non répétés par croyance – mais ils viennent . (MILLET : 1966, 32)

¹³⁴ nous sommes apprentis hommes (E, 478)

inferior aos outros animais até um êmulo do autor das coisas. Contudo, esse processo de auto-formação é limitado pela natureza do próprio homem e pelo meio-ambiente, de modo que uma boa formação é aquela que se mantém dentro desses limites.

Um dos mais significativos limites é o que se deve impor ao desejo, visto que este é determinante para a felicidade ou infelicidade dos indivíduos. Fiel a sua inspiração helenista, Rousseau afirma que quem possui desejos numa quantidade superior à capacidade de supri-los torna-se fraco e infeliz. Como a força¹³⁵ é determinada pela natureza, mesmo que seja possível aumentá-la, isso se dá dentro dos limites físicos e psíquicos de cada indivíduo; a única coisa que se tem a fazer é limitar os desejos às necessidades naturais. Se as forças fossem superiores aos desejos, este cuidado não seria necessário.

Não obstante, há um período no desenvolvimento humano que as forças são superiores. Entre os doze e os quinze anos de idade o corpo humano passa pelas mudanças que o transformarão em um corpo de um ser adulto. Visto que as forças se desenvolvem mais rápidas que as necessidades, nesse curto período o indivíduo disporia de mais forças que desejos. Nesta época uma criança ainda é menos forte que um adulto, porém pode mais que ele, pois lhe sobram forças. Que fazer desse excedente de forças?

A criança robusta fará provisões para o homem fraco; porém não estabelecerá seus armazéns nem em cofres que lhe podem roubar, nem em granjas que lhe são estranhas; para se apropriar verdadeiramente de sua aquisição, é em seus braços, na cabeça, é nele que a guardará. Eis portanto o tempo dos trabalhos, das instruções, dos estudos e observai que não sou eu quem faz arbitrariamente esta escolha, é a natureza ela mesma quem o indica¹³⁶.

Esse período, que hoje chamaríamos de pré-adolescência, é o momento em que Emílio será, mesmo que indiretamente e através da educação negativa, introduzido no universo das ciências e das relações sociais. Ele ainda é incapaz de compreender as verdadeiras relações tanto do conhecimento quanto da sociedade, porém é necessário que seja posto em contato

¹³⁵ Il n'est pas ici question seulement de forces physiques, mais surtout de la force et capacité de l'esprit qui les supplée ou qui les dirige. (E, 427)

¹³⁶ L'enfant robuste fera des provisions pour l'homme faible; mais il n'établira ses magasins ni dans des coffres qu'on peut lui voler, ni dans des granges qui lui sont étrangères; pour s'approprier véritablement son acquis, c'est dans ses bras, dans sa tête, c'est dans lui qu'il le logera. Voici donc le temps des travaux, des instructions, des études, et remarquez que ce n'est pas moi qui fais arbitrairement ce choix, c'est la nature elle-même qui l'indique. (E, 427)

com as mesmas, visto que está saindo do mundo das crianças e entrando no mundo dos adultos, sendo necessário evitar que nesta passagem absorva os pré-juízos deste. Assim, não se trata de ensinar o que é, mas apenas aquilo que é útil. *Nos aproximamos por degraus das noções morais que distinguem o bem e o mal. Até aqui não conhecíamos senão a lei da necessidade: agora atentamos ao que é útil, chegaremos em breve ao que é conveniente e bom*¹³⁷.

Visto que é possível dizer que não há nada mais relativo ou mais cheio de pré-juízos que a noção de útil, pode parecer paradoxal esta posição de Rousseau. Porém, em se tratando de uma educação natural, o útil se resume às necessidades naturais; somente é útil aquilo que é naturalmente necessário. E, segundo esse princípio, não se trataria de uma educação pragmática ou utilitarista, mas sim de *uma educação que ajuda o jovem a encontrar o seu lugar num mundo em que os lugares já não mais estão predeterminados pelo nascimento*¹³⁸. Não é por acaso que o único livro que Emílio lerá neste período é *Robinson Crusoé*. Nele, o jovem aprendiz de homem terá um exemplo de quais são as necessidades naturais e, conseqüentemente, quais são as ciências necessárias.

Além disso, o ato de perguntar pela utilidade das coisas prepara a criança para os mais profundos raciocínios. Neste momento, a criança ainda é praticamente um ser sensível, portanto possuidora apenas de idéias simples. Ao se fazer a pergunta sobre o útil, põe-se em relação a *Razão Sensível* com uma idéia abstrata que é capaz de compreender, pois é entendida a partir de suas próprias necessidades. Isso levaria a criança a relacionar tais idéias e, posteriormente, à elaboração de juízos; com isso, ela começa a formar idéias compostas, abrindo caminho para a *Razão Intelectual*.

Como *a ilha do gênero humano é a terra*¹³⁹, as primeiras ciências a serem ensinadas serão as ciências naturais, dentre elas estaria a geografia, considerada atualmente como uma ciência humana. No ensino da geografia, nada de mapas, globos ou exposições teóricas. Guiados sempre pela pergunta: *qual a utilidade que isto tem?* Todas as lições serão dadas através de experiências práticas. Rousseau exemplifica isso ao imaginar um passeio no bosque

¹³⁷ Nous approchons par degrés des notions morales qui distinguent le bien et le mal. Jusqu'ici nous n'avons connu de loi que celle de la nécessité: maintenant nous avons égard à ce qui est utile; nous arriverons bientôt à ce qui est convenable et bon. (E, 429)

¹³⁸ STRECK: 2004, 45.

¹³⁹ L'île du genre humain, c'est la terre. (E, 429)

no qual o governante se finge de perdido. Sem saber como sair de lá e já estando ambos com fome, o governante propõe que através da posição do sol descubram quais são os lados referentes ao norte e ao sul, para conseqüentemente encontrarem uma direção que poderá ser a saída do bosque. Ao encontrarem a saída, o próprio Emílio dirá para que serve a geografia. Assim seria com todas as demais ciências.

Diferente da maioria dos métodos de ensino até hoje empregados, esse método visa fundamentalmente desenvolver o desejo de conhecer, criar as condições para o saber e não, dar à criança um conhecimento que não é capaz de compreender. Trata-se de dar às crianças o gosto pela ciência e métodos para aprender, ao invés de, encher a cabeça delas com conhecimentos que as aborrecem e as afastam da ciência.

Lembra-vos sempre que o espírito de minha instituição não é ensinar à criança muita coisa, mas de não deixar jamais entrar em seu cérebro senão idéias justas e claras. Que não saiba nada, pouco me importa, contanto que não se engane, e eu só coloco verdades em sua cabeça para garanti-la dos erros que aprenderia em seu lugar. A razão, o julgamento, vêm lentamente, os pré-juízos acorrem em multidão; é destes que é preciso preservá-lo¹⁴⁰.

Numa sociedade em que o nascimento não mais determina o lugar que o indivíduo nela ocupará, é nessa idade que se tem início o longo caminho da escolha de uma profissão; eis mais uma porta aberta aos pré-juízos. Mesmo a criança sendo ainda incapaz de compreender as relações sociais que fundamentam o mundo do trabalho, este lhe será apresentado para evitar os erros que aprenderia caso não o conhecesse.

Retomando as idéias do *Discurso sobre as ciências e as artes*, Rousseau dirá no Emílio que a estima pública devida às diversas artes está em razão inversa a sua utilidade real. Quanto menos útil uma arte, mais rentável ela é; quanto mais útil, menos rentável. Todas as artes ligadas ao luxo são as mais rentáveis, todas as artes que produzem as coisas necessárias à sobrevivência são pouco rentáveis.

¹⁴⁰ Souvenez-vous toujours que l'esprit de mon institution n'est pas d'enseigner à l'enfant beaucoup de choses, mais de ne laisser jamais entrer dans son cerveau que des idées justes et claires. Quand il ne saurait rien, peu m'importe, pourvu qu'il ne se trompe pas, et je ne mets des vérités dans sa tête que pour le garantir des erreurs qu'il apprendrait à leur place. La raison, le jugement, viennent lentement, les préjugés accourent en foule; c'est d'eux qu'il le faut préserver. (E, 435)

A esse preconceito une-se outro também contrário à natureza: as artes mais estimadas são aquelas que dependem de outras para existirem enquanto que aquelas que trabalham diretamente a matéria prima são menos apreciadas. Observador atento de seu tempo, Rousseau lança aqui, de forma muito breve, sua crítica a ainda jovem revolução industrial.

Não examino se é verdade que a indústria seja maior e merece mais recompensa nas artes minuciosas que dão a última forma a estas matérias [matérias-primas], que no primeiro trabalho que as converte ao uso dos homens: mas digo que em cada coisa a arte cujo uso é o mais geral e o mais indispensável é incontestavelmente aquela que merece mais estima, e aquela à qual o menor número de outras artes é necessário, a merece acima de todas as outras subordinadas, por que é mais livre e mais perto da independência¹⁴¹.

Tendo sempre a pergunta sobre a utilidade das coisas como bússola, Emílio naturalmente chegaria às conclusões acima apresentadas. Para ele, o ferro tem um valor maior que o ouro, o vidro que o diamante; um sapateiro vale muito mais que um joalheiro, um pedreiro muito mais que um cabeleireiro e nenhum trabalho é superior ao do agricultor. Por fim acabaria escolhendo aprender um ofício necessário e não um supérfluo. Como plantar é algo que já sabe fazer, seu governante lhe indica o de marceneiro, pois, além de útil, mantém o corpo em atividade e pode ser exercido em casa, e sobretudo é uma atividade na qual se exercita a inteligência, a habilidade e o gosto.

Lançando um olhar sobre o caminho até agora percorrido, percebe-se que Emílio, aos quinze anos de idade, conhece muito pouca coisa daquilo que é considerado importante saber. A lei número 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação no Brasil, em seu artigo 32 diz que o objetivo do ensino fundamental, nível de ensino que Emílio teria acabado de terminar caso estudasse no Brasil, é a formação básica do cidadão, e que isso se dá mediante:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

¹⁴¹ Je n'examine pas s'il est vrai que l'industrie soit plus grande et mérite plus de récompense dans les arts minutieux qui donnent la dernière forme à ces matières, que dans le premier travail qui les convertit à l'usage des hommes: mais je dis qu'en chaque chose l'art dont l'usage est le plus général et le plus indispensable est incontestablement celui qui mérite le plus d'estime, et que celui à qui moins d'autres arts sont nécessaires, la mérite encore par-dessus les plus subordonnés, parce qu'il est plus libre et plus près de l'indépendance. (E, 459)

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social¹⁴².

Para Rousseau – levando-se em consideração que no *Emílio* ele trata de uma educação doméstica e não de uma educação pública – não há nada mais inadequado que colocar a formação do cidadão como objetivo da educação de uma criança; nem equívoco maior que querer que ela desenvolva a capacidade de aprender através da leitura, da escrita e do cálculo. Sem contar com a impossibilidade de a criança compreender os fundamentos da sociedade.

O objetivo da educação até os quinze anos de idade seria antes o descrito no inciso III do artigo citado, que é tomado apenas como meio, pois é tudo o que é possível ser feito de fato. Visto que uma criança é incapaz de conhecer o que essencialmente são as relações sociais, que ela saiba pouca coisa, porém saiba bem aquilo que é capaz de compreender. O mal não está em não saber muitas coisas, está em acreditar saber aquilo que realmente não se sabe.

Eis que soa a hora de uma mudança radical, Emílio não é mais uma criança.

Ei-lo sentindo mais que nunca a necessidade que o prende às coisas. Após ter começado por exercitar seu corpo e seus sentidos, exercitamos seu espírito e seu julgamento. Enfim reunimos o uso de seus membros àquele de suas faculdades; fizemos um ser atuante e pensante; não nos resta mais, para completar o homem, que fazer um ser amante e sensível, quer dizer aperfeiçoar a razão pelo sentimento¹⁴³.

¹⁴² BRASIL : 1999, 47.

¹⁴³ Le voilà sentant plus que jamais la nécessité qui l'attache aux choses. Après avoir commencé par exercer son corps et ses sens, nous avons exercé son esprit et son jugement. Enfin nous avons réuni l'usage de ses membres à celui de ses facultés; nous avons fait un être agissant et pensant; il ne nous reste plus, pour achever l'homme, que de faire un être aimant et sensible, c'est-à-dire de perfectionner la raison par le sentiment. (E, 481)

3.2.4 Do pensar ao amar

Excelente observador da condição humana, Rousseau percebe que às mudanças corporais sucedem uma outra muito mais importante: o despertar para o sexo. Tão importante que ele considera este momento como um segundo nascimento. *Nascemos, por assim dizer, em duas vezes: uma para existir, e outra para viver; uma para a espécie, e outra para o sexo*¹⁴⁴. É possível dizer que com o sexo começaria a vida propriamente dita, pois esse impulso que faz o indivíduo sentir-se atraído por outro ser de sua espécie leva-o a perceber a própria espécie e a se ver como parte dela.

É precisamente neste instante, quando o homem sente falta de uma companheira, que a própria natureza marca o tempo da mudança no método educativo. Até então, enquanto o indivíduo não enxergava nada além dele mesmo, sua educação se dava pelo estudo de sua relação com as coisas; porém, agora que ele se vê como membro de sua espécie, será educado pelo estudo de sua relação com os homens.

Um sexo é atraído pelo outro: eis o movimento da natureza. A escolha, as preferências, a ligação pessoal, são obra das luzes, dos preconceitos, do hábito: é preciso tempo e conhecimento para nos tornarmos capazes de amor: não se ama senão após ter julgado, não se prefere senão após ter comparado¹⁴⁵.

Eis o término da educação negativa, o fim dos tempos em que a educação consistia apenas em evitar o hábito e os preconceitos. Eis o começo da educação positiva; não podendo mais serem evitados os preconceitos, o *Parecer-Ser* será agora examinado por Emílio. O homem da sociedade está inteiro em sua máscara, sem ela não se sente à vontade. Apesar disso, não se deve esquecer o poder de sedução que tais máscaras têm, e como Emilio está agora em um período de crise, mesmo tendo recebido uma educação natural que instintivamente o levaria a rejeitar tais máscaras, é possível que seja por elas seduzido.

¹⁴⁴ Nous naissons, pour ainsi dire, en deux fois: l'une pour exister, et l'autre pour vivre; l'une pour l'espèce, et l'autre pour le sexe. (E, 489)

¹⁴⁵ Un sexe est attiré vers l'autre: voilà le mouvement de la nature. Le choix, les préférences, l'attachement personnel, sont l'ouvrage des lumières, des préjugés, de l'habitude: il faut du temps et des connaissances pour nous rendre capables d'amour: on n'aime qu'après avoir jugé, on ne préfère qu'après avoir comparé. (E, 493)

Quem quiser conhecer verdadeiramente o Homem e a Sociedade precisa estudar um pelo outro, mesmo correndo o risco de deslumbrar-se pelos pré-juízos, pois *aqueles que querem tratar separadamente a política e a moral não entenderão jamais nada de nenhuma das duas*¹⁴⁶.

Eis um ponto fundamental para a compreensão do pensamento Rousseauiano¹⁴⁷ : a indissociabilidade entre a moral privada e a moral pública. Diferentemente da tradição iniciada por Maquiavel, para a qual há uma moral para a vida privada e outra para a pública, Rousseau postula que as ações políticas são guiadas pelos mesmos princípios que guiam as ações que não são propriamente do âmbito da política. É seguindo este princípio que Emílio se tornará imune às máscaras e conseguirá ser homem e cidadão ao mesmo tempo.

Para alcançar esse fim, Rousseau retoma a ruptura com a tradição, em relação as paixões que ele havia iniciado no Discurso sobre a Desigualdade. Para a tradição, as paixões devem ser subjugadas, como é o caso do estoicismo; aniquiladas, como prega o cristianismo; ou moderadas, no caso do epicurismo. Para Rousseau, as paixões são essencialmente o impulso para a racionalidade e para a moralidade, conseqüentemente elas não nos escravizam, são antes os instrumentos de nossa liberdade, pois nos conservam. É bem verdade que existem aquelas que nos escravizam, porém é preciso salientar que nem toda paixão, mesmo que seja algo natural, não tem sua fonte na própria natureza. Em verdade, a maior parte de nossas paixões derivam do hábito.

A fonte de nossas paixões, a origem e o princípio de todas as outras, a única que nasce com o homem e não o deixa jamais enquanto vive, é o amor de si: paixão primitiva, inata, anterior a todas as outras e da qual não são, em certo sentido, senão modificações. Neste sentido, todas, se quisermos, são naturais. Porém a maioria destas modificações têm causas estranhas sem as quais elas não teriam jamais acontecido; e estas mesmas modificações, longe de nos serem vantajosas, nos são perniciosas; elas mudam o primeiro objeto e vão

¹⁴⁶ Ceux qui voudront traiter séparément la politique et la morale n'entendront jamais rien à aucune des deux. (E, 524)

¹⁴⁷ Tal assunto já fora tratado no *Discurso sobre as Ciências e as Artes*, quando ele afirmara que as ciências e as artes corromperam nossas almas em função da separação entre o conhecimento e o poder de um lado e a virtude de outro, mas que apenas no *Emílio* e no *Contrato Social* passa a ter uma formulação precisa, adquirindo assim características de princípio fundamental do pensamento Rousseauiano.

contra seu princípio: é então que o homem se encontra fora da natureza, e se coloca em contradição consigo ¹⁴⁸.

Enquanto no discurso sobre a desigualdade Rousseau coloca tanto o amor de si quanto a piedade como paixões primitivas, no Emílio ele reduz tudo ao amor de si. Se a piedade é, como foi dito no capítulo 2, a natural repugnância por ver sofrer qualquer ser sensível e principalmente seus semelhantes, observa-se que anterior à piedade há um movimento racional, pois é preciso que o homem seja capaz de diferenciar os seres sensíveis dos não sensíveis e, dentre os seres sensíveis, reconhecer alguns como sendo semelhantes a si mesmo para ser capaz de sentir piedade. Essa redução se fazia necessária para que ele pudesse manter a coerência em seu sistema.

Sendo a paixão um princípio anterior à razão e impulso para o despertar desta, ela é antes um aliado que um inimigo da educação. Uma das características do bom educador é saber despertar em seu aluno o desejo de aprender, e tal desejo só é possível ser despertado com o auxílio da paixão. Um adolescente sacrifica qualquer coisa para obter prazer, é próprio deste período agir primeiro e pensar nas conseqüências depois, ir de encontro a este movimento é condenar, de antemão, a educação ao fracasso.

Acreditando que os dois maiores desejos de um adolescente é encontrar seu lugar na sociedade e encontrar uma companheira, o preceptor despertará em seu jovem aluno a vontade de aprender, através de uma busca por aquela que será sua esposa. Ambos vão à Paris em busca daquela que será a companheira de Emílio; é nessa busca que ele receberá sua educação, aliás, ele mesmo quererá recebê-la.

Para encontrar seu lugar na sociedade, é preciso conhecê-la, porém, para evitar o fascínio que esta exerce na mente do jovem, ele será aproximado dela lentamente. A isso se junta o que foi dito anteriormente, que, para conhecê-la bem, é preciso, antes de tudo, conhecer o homem.

¹⁴⁸ La source de nos passions, l'origine et le principe de toutes les autres, la seule qui naît avec l'homme et ne le quitte jamais tant qu'il vit, est l'amour de soi: passion primitive, innée, antérieure à toute autre, et dont toutes les autres ne sont, en un sens, que des modifications. En ce sens, toutes, si l'on veut, sont naturelles. Mais la plupart de ces modifications ont des causes étrangères sans lesquelles elles n'auraient jamais lieu; et ces mêmes modifications, loin de nous être avantageuses, nous sont nuisibles; elles changent le premier objet et vont contre leur principe: c'est alors que l'homme se trouve hors de la nature, et se met en contradiction avec soi. (E, 491)

Dessa forma, Rousseau justifica o ensino da história. Ele acredita que mostrando os fatos históricos, sem um prévio julgamento, seu aprendiz aprenderá a julgá-los por si só e neles terá o coração humano ao seu alcance, pois na história os homens aparecem sem véus. Apesar de os fatos nunca serem apresentados desvinculados das interpretações dos historiadores, da impossibilidade de mostrar as causas morais dos fatos, ele acredita que é possível julgar o passado sem paixão. E na tentativa de atenuar tais inconvenientes ele inicia o estudo da história pela biografia dos grandes personagens.

Não obstante, o conhecimento sobre o coração humano estaria incompleto sem a investigação sobre a origem do homem, desta forma Rousseau justifica o ensino da Religião. Além da função de proporcionar um correto conhecimento do ser humano, o estudo da religião atenderia a duas outras necessidades: a) Tornar Emílio apto a formar idéias puramente intelectuais – até então ele só é capaz de formular idéias que tenham relação direta com suas percepções – e mostrar-lhe o progresso que a razão faz das idéias sensíveis até a mais abstrata das idéias – Deus – que serve para ensiná-lo a pensar por si mesmo, bem como a reconhecer os erros dos outros. b) Evitar as concepções errôneas sobre a divindade, pois é melhor desconhecer Deus que ter sobre ele idéias fantasiosas e indignas.

Completando este preâmbulo da entrada de Emílio na sociedade, que é o aprendizado sobre o coração humano, está a educação estética, ou nos termos rousseauianos: a educação do gosto. Rousseau define o gosto *como a faculdade de julgar o que agrada ou desagrade ao maior número*¹⁴⁹, e, apesar de afirmar um caráter relativo do gosto, ele evita um relativismo absoluto ao afirmar que os verdadeiros modelos do gosto estão na natureza.

Para receber tal educação Emílio será levado aos teatros, às óperas; lerá muitos livros, verá exposições de artes plásticas, enfim tudo o que esteja ligado às belas-artes. Tendo sempre a natureza como parâmetro, Emílio, que até então julgava apenas segundo o princípio da utilidade, juntará a esse princípio o do agradável. Por meio da observação do que o homem produz, não pela necessidade, mas pelo desejo apenas; ele terá uma nova janela de acesso ao coração humano. Além do que, ensinando o amor ao belo fixam-se as afeições e impede-se

¹⁴⁹ La faculté de juger de ce qui plait ou déplait au plus grand nombre. (E, 671)

que as tendências naturais sejam alteradas, *Emílio aprende as artes para elevar e enriquecer suas paixões*¹⁵⁰.

Mas eis que é preciso procurar efetivamente uma companheira para Emílio. Aquilo que até então era um disfarce tornar-se-á uma busca efetiva e, para tanto, ambos deixarão Paris.

Adeus pois, Paris, cidade célebre, cidade do barulho, da fumaça e da lama, onde as mulheres não acreditam mais na honra nem os homens na virtude. Adeus, Paris: nós procuramos o amor, a felicidade, a inocência; não estaremos nunca suficientemente distantes de ti ¹⁵¹.

3.2.5 Do amar ao Cidadão.

Logo nas primeiras páginas de seu tratado sobre a educação, Rousseau apresenta a desconcertante afirmação de que é impossível educar o homem e o cidadão ao mesmo tempo devido à oposição existente entre natureza e sociedade¹⁵². Malgrado esse antagonismo, o homem formado por meio da educação natural não é nem *o homem natural vivendo no isolamento nem o cidadão despersonalizado, mas o homem natural que vive em sociedade*¹⁵³.

Além de Rousseau não ter afirmado a impossibilidade de Emílio ser ao mesmo tempo homem e cidadão, pois o que afirma é a impossibilidade de fazer isto ao mesmo tempo, é possível deduzir, a partir do Discurso sobre a Desigualdade, que a oposição entre o indivíduo e a sociedade não é ontológica, mas uma consequência do processo histórico de formação desta, *a incompatibilidade do homem e do cidadão não é senão um infeliz acidente histórico*¹⁵⁴. O antagonismo entre o homem e o cidadão surge quando o interesse particular do homem se opõe ao interesse coletivo do cidadão, ou vice-versa. Rousseau acredita que essa oposição não

¹⁵⁰ MARQUES: 2002, 16.

¹⁵¹ Adieu donc, Paris, ville célèbre, ville de bruit, de fumée et de boue, où les femmes ne croient plus à l'honneur ni les hommes à la vertu. Adieu, Paris: nous cherchons l'amour, le bonheur, l'innocence; nous ne serons jamais assez loin de toi. (E, 691)

¹⁵² Forcé de combattre la nature ou les institutions sociales, il faut opter entre faire un homme ou un citoyen; car on ne peut faire à la fois l'un et l'autre. (E, 248)

¹⁵³ MARUYAMA: 2001, 37.

¹⁵⁴ l'incompatibilité de l'homme et du citoyen n'est qu'un malheureux accident historique. (BURGELIN : 1999, CVI)

é própria da sociedade, que ela existe em função do gradual afastamento da natureza e, ainda, que é possível refazer a ligação com o mundo natural. Pensar uma sociedade na qual o interesse coletivo não se oponha ao do indivíduo é o que ele faz no Contrato Social; enquanto no Emílio ele pensa uma pedagogia capaz de ensinar ao indivíduo a unidade entre o interesse particular e o coletivo, e é justamente após se perguntar: *Para formar este homem raro, que temos de fazer?*¹⁵⁵, que ele começa a falar de seu método pedagógico.

É apenas quando o homem está formado, isto é, quando o indivíduo é capaz de ver com seus próprios olhos, sentir com seu coração e se guiar por meio de sua própria razão¹⁵⁶, que inicia a educação do cidadão. O momento em que Emílio constitui sua própria família é quando ele passa a ser considerado membro do estado, de modo que a educação do cidadão se dá apenas no período que antecede o casamento de Emílio.

O último livro do tratado sobre a educação narra a busca pela mulher ideal – Sofia – o namoro e, por fim, o casamento de Emílio e Sofia. Permeando a narrativa deste romance se encontra a concepção de educação para a mulher e a última etapa da educação do homem.

Mesmo sendo um grande reformador dos costumes e crítico da sociedade de sua época, Rousseau se mantém conservador no que diz respeito às mulheres. Apesar de ter dito no discurso da desigualdade que *as diferenças que distinguem os homens, muitas passam por naturais, quando são unicamente as obras do hábito e dos diversos modos de vida adotadas pelos homens na sociedade*¹⁵⁷, não conseguiu livrar-se da concepção que vê a mulher como um ser naturalmente inferior ao homem e afirma neste quinto livro que a dependência é uma condição natural das mulheres¹⁵⁸. E ainda que reconheça uma certa igualdade entre homens e mulheres, limita a educação das mulheres aos interesses dos homens¹⁵⁹.

¹⁵⁵ Pour former cet homme rare, qu'avons-nous à faire? (E, 251)

¹⁵⁶ Mais considérez premièrement que, voulant former l'homme de la nature, il ne s'agit pas pour cela d'en faire un sauvage et de le reléguer au fond des bois; mais qu'enfermé dans le tourbillon social, il suffit qu'il ne s'y laisse entraîner ni par les passions ni par les opinions des hommes; qu'il voie par ses yeux, qu'il sente par son coeur; qu'aucune autorité ne le gouverne, hors celle de sa propre raison. (E, 550)

¹⁵⁷ Les différences qui distinguent les hommes, plusieurs passent pour naturelles qui sont uniquement l'ouvrage de l'habitude et des divers genres de vie que les hommes adoptent dans la société. (DOI, 160)

¹⁵⁸ la dépendance étant un état naturel aux femmes, les filles se sentent faites pour obéir. (E, 710)

¹⁵⁹ S'ensuit-il qu'elle doive être élevée dans l'ignorance de toute chose, et bornée aux seules fonctions du ménage? L'homme fera-t-il sa servante de sa compagne? Se privera-t-il auprès d'elle du plus grand charme de la société? Pour mieux l'asservir l'empêchera-t-il de rien sentir, de rien connaître? En fera-t-il un véritable automate? Non, sans doute; ainsi ne l'a pas dit la nature, qui donne aux femmes un esprit si agréable et si délié; au contraire, elle veut qu'elles pensent, qu'elles jugent, qu'elles aiment, qu'elles connaissent, qu'elles cultivent leur esprit comme

Contudo, é à mulher que cabe o mais importante dos papéis na formação dos novos cidadãos e conseqüentemente da nova sociedade: formar a base afetiva sobre a qual seus filhos serão educados. Logo no terceiro parágrafo do primeiro livro, Rousseau diz que é às mães que ele se dirige. Não a qualquer mãe, mas àquelas que souberam proteger seus filhos dos preconceitos humanos. Se por um lado a sociedade pensada por Rousseau é uma sociedade para os homens, por outro, para que essa sociedade exista, é preciso que as mulheres cumpram seus deveres enquanto esposas e mães. Sem o concurso das mulheres, seria impossível a existência de tal sociedade, de modo que fica a questão: quem realmente detém o poder, Homens ou Mulheres?

Não é por acaso que Rousseau, apesar do seu conservadorismo, altera um dos mais sólidos costumes que é a escolha do marido. Tradicionalmente o marido era escolhido pelo pai, sem nem consultar a filha. Sofia, por sua vez, é quem escolherá seu esposo; seus pais serão apenas consultados; e tal situação é sugerida pelo próprio pai de Sofia. Sendo a mulher a verdadeira formadora dos novos cidadãos, nada mais natural que ela própria escolha o futuro pai de seus filhos, e, para que isso ocorra, nada mais necessário que a educação dada à mulher lhe prepare para tão importante momento. O grande problema para as mulheres é que, após a escolha, ela estará completamente subordinada ao esposo.

É Sofia que escolhe Emílio; é ela quem aceita ser por ele namorada. Por três meses vivem ambos na mais enlevada paixão. Quando, numa certa manhã, o governante chega com uma carta nas mãos e pergunta a Emílio o que ele faria se lhe fosse comunicado que Sofia morreu, Emílio nada responde e se desespera. Mantendo o sangue frio diante do desespero de seu pupilo, o governante insiste na pergunta. Emílio, em meio a sua agitação, diz não saber o que faria, mas que desejaria não mais ver quem lhe deu tal notícia. Por fim, o governante tranqüiliza-o dizendo que tal pergunta não passava de um artifício para mostrar-lhe que a parte mais importante de sua educação ainda está por fazer.

No único longo discurso do governante, este diz a Emílio que ainda que ele tenha aprendido a sofrer e suportar os males físicos, ainda não aprendeu a suportar os males do coração. É necessário que ele seja capaz de controlar suas paixões, aconteça o que acontecer. Que ele sempre se mantenha preso às necessidades e jamais se altere diante das adversidades.

leur figure; ce sont les armes qu'elle leur donne pour suppléer à la force qui leur manque et pour diriger la nôtre. Elles doivent apprendre beaucoup de choses, mais seulement celles qu'il leur convient de savoir. (E, 701)

Emílio ainda não aprendeu a sacrificar o desejo em função do dever e resistir aos impulsos para ouvir a razão, e, se ele quer se feliz e virtuoso, é imperioso que aprenda o mais rápido possível. Que portanto, ele deve aprender a limitar os desejos à sua condição e a agir segundo o dever, antes que segundo a inclinação. E finaliza seu discurso questionando-o:

Aspirando a condição de esposo e pai, meditaste bem sobre teus deveres? Em se tornando chefe de família, te tornaras membro do Estado. o que é ser membro do Estado? Sabei-o? estudastes teus deveres de homem, mas aqueles de cidadão, tu os conheces? Sabes o que é governo, lei, pátria? sabes a que preço te é permitido viver, e por que deves morrer?¹⁶⁰

Como a resposta a todas as perguntas é não, o governante afirma que Emílio deve, antes de ter um lugar na ordem civil, aprender a conhecer e saber o que lhe cabe. Para tanto, é preciso que ambos partam em viagem, para conhecerem os diversos países e suas respectivas ordens civis. Conseqüentemente, é preciso que Emílio deixe Sofia. Assim, ao mesmo tempo em que aprende o que é ser cidadão, aprende a controlar seus impulsos e a colocar seus deveres acima dos desejos. Estoicamente, mesmo porque diferente não poderia ser sua atitude, Emílio pergunta-lhe quando é que partem.

Por dois anos, ambos viajam por grande parte dos estados europeus. A partir de um determinado conjunto de regras, que segundo o próprio Rousseau, em nota de roda-pé no Emílio, é o sumário do *Contrato Social*, o aprendiz de cidadão analisa, compara e elabora sua própria concepção do que seria um bom governo. Ao fim deste período, quando o preceptor julga que seu pupilo está preparado, retornam e Emílio finalmente desposa Sofia.

O preceptor sente-se feliz por perceber que sua missão chegou ao fim, mas ainda resta uma ultima lição. Durante as festividades que sucedem ao casamento, o preceptor felicita os recém casados, diz que se sente feliz pela felicidade de ambos, mas que doravante tal felicidade tende apenas a enfraquecer. Diante dos protestos dos noivos, ele pergunta-lhes se querem ouvir o único meio capaz de evitar tal situação. Os esposos dizem que sim e ele lhes

¹⁶⁰ En aspirant à l'état d'époux et de père, en avez-vous bien médité les devoirs? En devenant chef de famille, vous allez devenir membre de l'Etat. Et qu'est-ce qu'être membre de l'Etat? le savez-vous? Vous avez étudié vos devoirs d'homme, mais ceux de citoyen, les connaissez-vous? savez-vous ce que c'est que gouvernement, lois, patrie? Savez-vous à quel prix il vous est permis de vivre, et pour qui vous devez mourir? (E, 823)

diz que basta *continuar a ser amante quando se é esposo*¹⁶¹, porém, apesar de aparentemente fácil, tal regra é difícil de ser seguida.

O livro termina com Emílio anunciando que será pai e que ele mesmo será o preceptor de seu filho. O primeiro homem a receber a educação natural será ele mesmo o preceptor de seu próprio filho. Dessa forma, inicia-se a longa jornada de regeneração do Ser Humano. Tal como fora longo o processo de corrupção, longo é também o caminho da regeneração. De geração em geração até o dia em que, assim como os filhos de Caim, os filhos do filho de Emílio povoem a terra.

Como todo projeto educativo, Rousseau termina o seu com o sentimento do qual se alimenta todo educador: a esperança. Ao perceber que sem educação o Ser Humano não passaria de um animal enxerga-se o papel vital que aquela tem na vida deste. Todo Ser Humano, por sua própria natureza, tem o direito de se tornar Ser Humano, por conseguinte, todo Ser Humano tem direito à educação e as gerações precedentes têm o dever de criar condições para que às novas gerações não seja usurpado esse direito. Em decorrência disso a educação configurasse como um Direito Humano Universal, fato que foi amplamente desenvolvido por todos aqueles que se deixaram influenciar pelo pensamento rousseauiano, com isso, abre-se o caminho para a concretização da esperança. Porém, além da defesa da educação é preciso defender a virtude, como fez Rousseau desde o seu primeiro escrito filosófico.

¹⁶¹ Continüer d'être amans quando on est époux. (E, 862)

4 A ÉTICA DO CORAÇÃO

Assim como Diógenes, Rousseau acendeu sua lanterna e se pôs a procurar o homem¹⁶². Contudo, enquanto aquele demonstrava um certo desprezo pelo homem da sociedade, o filósofo genebrino, malgrado um certo realismo pessimista¹⁶³, reconhecia que tal homem possuía certas virtudes, além de acreditar que, através de uma educação natural e da formação de uma sociedade legítima, seria possível evitar os vícios decorrentes da sociabilização. Voltar-se para a natureza significa antes de qualquer coisa, reencontrar o homem como de fato ele é e superar o desequilíbrio entre cultura e natureza, tendo em vista a reconstrução da sociedade na qual o Ser Humano vive e viverá.

Esse retorno é possível porque apesar da alma humana ter sido desfigurada, a ponto de se tornar quase irreconhecível, as qualidades recebidas pela natureza não foram destruídas. Dessa forma, Rousseau completa a imagem que faz do Homem: à antropologia histórica e à psicologia do desenvolvimento ele acrescenta uma antropologia metafísica.

Depois de afirmar: a existência de Deus; que, unicamente por sua vontade, ele move o universo, anima a natureza e ordena todas as coisas; que sendo todo poderoso, sábio e ativo por si mesmo é necessariamente bom, Rousseau passa a se perguntar sobre a existência humana e sobre qual o lugar que o homem ocupa na ordem das coisas.

Partindo da idéia de que o Ser Humano é o único capaz de conhecer os outros seres e suas relações; o único que possui o sentimento de sua própria existência; que nenhum outro ser é capaz de sentir ordem, beleza e virtude, amar o bem e fazê-lo; por fim, que o Ser Humano é o único capaz de contemplar o universo, sentir seu criador e elevar-se até ele,

¹⁶² Segundo Reale a célebre frase que Diógenes pronunciava, “Procuro o Homem”, significava exatamente: *busco o homem que vive segundo sua mais autêntica essência; busco o homem que, para além de toda exterioridade, de todas as convenções da sociedade e do próprio capricho da fortuna, sabe reencontrar sua genuína natureza, sabe viver conforme essa natureza e, assim, sabe ser feliz.* (REALE: 1994, v. III, p. 24)

¹⁶³ No livro *Emílio e Sofia, ou os solitários*, que é uma continuação do *Emílio*, Rousseau, ao dar voz ao seu protagonista para que ele fale sobre sua queda por não ter resistido às adversidades da vida e às tentações de Paris, reconhece a quase impossibilidade de superar os pré-conceitos sociais. Após a morte dos pais e da filha, Sofia entra em desespero. Emílio na tentativa de ajudá-la muda-se para Paris. Contudo, esta atitude fê-los se perderem. Em carta dirigida ao seu ex-governante diz Emílio: *Não, jamais sob vossos olhos o crime e suas penas não teriam se aproximado de minha família* (Non, jamais sous vos yeux le crime et ses peines n'eussent approché de ma famille. ES, 884). [...] *Eu não tenho mais de vosso Emílio que o nome e alguns discursos* (je n'avois plus de votre Emile que le nom et quelques discours. ES, 886)

Rousseau conclui que o Ser Humano é o mais importante de todos os seres e que a própria natureza lhe deu condições de ser o senhor de todos os animais e da própria natureza.

Além de ser o mais importante dos seres, o homem é o único que possui uma vontade autônoma, o único capaz de estar acima de suas necessidades e agir por si mesmo, enfim o único ser livre. Essa autonomia da vontade, essa liberdade demonstra que o homem é animado por uma substância imaterial.

Meditando sobre a natureza do homem, acreditei descobrir nele dois princípios distintos, um o eleva ao estudo das verdades eternas, ao amor da justiça e do belo moral, às regiões do mundo intelectual cuja contemplação faz as delícias do sábio, e o outro o reconduzia baixamente nele mesmo, escravizava-o ao império dos sentidos, às paixões que são seus ministros e contrariava por elas tudo o que lhe inspirava o primeiro ¹⁶⁴.

Assim, Rousseau retoma o dualismo platônico, porém sob um novo aspecto. Enquanto em Platão a oposição se dá entre a substância imaterial e a substância material, em Rousseau a oposição se dá entre natureza e cultura. Enquanto para Platão o mundo material não passa de sombra imperfeita do mundo das idéias, gerando assim o *Parecer-Ser*, para Rousseau a sombra imperfeita, causadora do *Parecer-Ser*, é a sociedade ilegítima, é a sociedade que historicamente se formou e que pôs em contradição hábito e natureza humana.

Com isso, Rousseau conclui a concepção que elabora do Ser Humano, da qual extrai a ética que fundamenta seu projeto pedagógico. O homem é um ser animado por uma substância imaterial e dotado de liberdade, colocado na terra por Deus para desenvolver todas as demais faculdades que estão em estado de potência e assim, conquistar com suas forças e por mérito próprio a felicidade. Mesmo estando sujeito às necessidades e ao desenvolvimento do corpo e às injunções das circunstâncias existenciais, o Ser Humano é dotado de um natural amor à justiça e a ordem ¹⁶⁵ que o conduziria necessariamente à felicidade, se o ilegítimo e infeliz

¹⁶⁴ En méditant sur la nature de l'homme, j'y crus découvrir deux principes distincts, dont l'un l'élevait à l'étude des vérités éternelles, à l'amour de la justice et du beau moral, aux régions du monde intellectuel dont la contemplation fait les délices du sage, et dont l'autre le ramenait basement en lui-même, l'asservissait à l'empire des sens, aux passions qui sont leurs ministres, et contrariait par elles tout ce que lui inspirait le sentiment du premier. (E, 583)

¹⁶⁵ O princípio fundamental de toda moral, sobre a qual raciocinei em todos os meus escritos, e que desenvolvi neste último [o Emílio] com toda a clareza de que era capaz, é que o homem é um ser naturalmente bom,

processo de formação da sociedade não tivesse feito da educação e dos hábitos algo que o torna surdo aos apelos da natureza.

Por que Rousseau acendeu sua lanterna e se pôs a procurar o homem? Tão importante quanto a idéia que ele forma do homem é o sentimento que o move nessa busca. Tocado pela divergência entre *Ser* e *Parecer* Rousseau sente uma nostalgia por um tempo passado, e em certa medida por ele idealizado, no qual essa divergência não existia.

Antes que a arte tivesse modelado nossas maneiras e ensinado a nossas paixões a falar uma linguagem preparada, nossos costumes eram rústicos, porém naturais; e a diferença dos procedimentos anunciava ao primeiro golpe de vista aquela dos caracteres. A natureza humana, no fundo, não era melhor; mas os homens encontravam sua segurança na facilidade de se penetrar reciprocamente, e esta vantagem, a qual nós não percebemos o preço, lhes poupava dos vícios ¹⁶⁶.

Comparando este tempo passado com a sociedade na qual vivia, afirma melancolicamente que *seria doce viver entre nós, se a contenção exterior fosse sempre a imagem das disposições do coração; se a decência fosse a virtude* ¹⁶⁷. Viver segundo as *disposições do coração*, eis o fundamento sob o qual Rousseau erguerá sua filosofia; eis o norte que o guiará em suas críticas a sociedade e em suas proposições de reforma; eis o porto seguro onde quer atracar. Contudo, que entende ele por *disposições do coração*?

Antes de prosseguir é necessário esclarecer mais uma interpretação equivocada do pensamento rousseauiano: a de que Rousseau é contra a razão, que ele privilegia os sentimentos, ou mesmo, que ele é irracionalista. Segundo Starobinski:

amando a justiça e a ordem; que não há perversidade original no coração humano, e que os primeiros movimentos da natureza são sempre retos.

[Le principe fondamental de toute morale, sur lequel j' ai raisonné dans tous mes écrits, et que j' ai développé dans ce dernier avec toute la clarté dont j' étois capable, est que l' homme est un être naturellement bon, aimant la justice et l' ordre ; qu' il n' y a point de perversité originelle dans le coeur humain, et que les premiers mouvements de la nature sont toujours droits. (LCB, 935)]

¹⁶⁶ Avant que l'art eût façonné nos manières et appris à nos passions à parler un langage apprêté, nos moeurs étoient rustiques, mais naturelles; et la différence des procédés annonçait au premier coup d'oeil celle des caractères. La nature humaine, au fond, n'étoit pas meilleure; mais les hommes trouvaient leur sécurité dans la facilité de se pénétrer réciproquement, et cet avantage, dont nous ne sentons plus le prix, leur épargnait bien des vices. (DCA, 08)

¹⁶⁷ Qu'il serait doux de vivre parmi nous, si la contenance extérieure étoit toujours l'image des dispositions du coeur; si la décence étoit la vertu. (DCA, 07)

Quando Rousseau condena a razão, incrimina sobretudo a razão discursiva. Volta a ser racionalista logo que pode remeter-se a uma razão intuitiva, capaz de iluminação imediata. A escolha essencial não se dá entre a razão e o sentimento, mas entre o caminho mediato e o imediato. Rousseau opta pelo imediato e não pelo irracional ¹⁶⁸.

Essencialmente o Ser Humano é um ser que vive em unidade absoluta com a natureza. Nesse estado é possível um acesso imediato às naturais *disposições do coração*, de modo que, mesmo inconsciente, o homem vive segundo a ordem natural e é isso que faz dele um ser bom, mesmo que, a princípio, amoral. Com o desenvolvimento da razão o homem torna-se consciente de si, e conseqüentemente um ser moral, porém, perde a primitiva unidade com a natureza, o que não significa, necessariamente, uma perda do acesso imediato às *disposições do coração*. O acesso imediato se perde não pelo desenvolvimento da razão, mas pelo tipo de razão que se desenvolve: a razão discursiva, a que raciocina através de mediações. Com o surgimento da sociedade e o desenvolvimento das ciências e das artes essa razão além de discursiva torna-se também ornamental e instrumental, o que *aprisiona o homem na subjetividade turva da opinião e da ilusão* (STAROBINSKI: 1991, 53).

Da mesma forma como os críticos se equivocaram ao afirmarem que Rousseau era um adversário da sociedade, se equivocaram ao dizer que ele é um inimigo da razão. Sinteticamente, Rousseau não se contrapõe nem à sociedade nem à razão, ele é contra a sociedade que é contra a natureza, e se opõe à razão que aparta o homem da natureza. Em assim sendo, que o Ser Humano volte a ter acesso imediato às *disposições do coração*, para novamente poder viver segundo elas, porém, não mais de uma forma inconsciente e amoral. E para alcançar esse fim, tanto sociedade quanto razão cumprem papel fundamental.

Feito esse esclarecimento, retoma-se a questão sobre o que Rousseau entende por *disposições do coração*. O Homem é um ser composto de duas substâncias: uma material, o corpo; outra imaterial, a alma. Disso decorre que os cuidados para consigo mesmo – *amor de si* – devem atender tanto ao bem-estar de uma substância quanta ao da outra. Como é impossível o bem-estar fora da constituição do ser¹⁶⁹, o do corpo está, antes de qualquer coisa, em manter-se vivo e o da alma está em viver de acordo com a ordem natural.

¹⁶⁸ STAROBINSKI: 1991, 52.

¹⁶⁹ Concevez-vous quelque vrai bonheur possible pour aucun être hors de sa constitution? (E, 313)

No coração do homem *está a vida do espetáculo da natureza*¹⁷⁰. Além disso, aquilo que Deus quer que um homem faça, *ele não o diz por um outro homem, ele o diz ele mesmo, ele o escreve no fundo de seu coração*¹⁷¹. Sendo que a bondade de Deus significa amor à ordem – *pois é pela ordem que ele mantém tudo o que existe, e liga cada parte com o todo*¹⁷² – tanto sua vontade quanto o espetáculo da natureza, que estão no coração do homem, se confundem com este amor. Portanto, conclui-se que as *disposições do coração* são nada mais nada menos que um instintivo e natural amor à ordem e se identificam com o bem-estar da alma.

Sendo as *disposições do coração* o caminho seguro para alcançar o bem-estar, e conseqüentemente a felicidade, porque o ser humano não vive segundo estas disposições? Para que o *amor de si* atenda ao bem-estar da alma é preciso que ele deixe de ser apenas um instinto corporal e tome a forma de um instinto divino, que se chamada: consciência. Porém, estando a alma ligada ao corpo, o desenvolvimento de suas faculdades fica submetido ao desenvolvimento daquele – o que justifica a educação, que vai do andar até o desenvolvimento da consciência de si, ser apenas uma educação física, pois é preciso que o corpo se desenvolva bem para que a alma desenvolva suas faculdades. Como o ser humano vive em uma sociedade cuja ordem social contraria a ordem natural ele tornou-se surdo aos apelos naturais. Nisto está o papel que cabe à educação: tornar o homem capaz de acessar, de forma imediata, a ordem natural que se encontra em seu coração e viver segundo ela. Eis como Rousseau retoma e desenvolve as idéias presentes no ultimo parágrafo do *Discurso sobre as ciências e as artes*.

Consciência! Consciência! Instinto divino, imortal e celeste voz; guia seguro de um ser ignorante e limitado, porém inteligente e livre; juiz infalível do bem e do mal, que torna o homem semelhante a Deus, és tu que fazes a excelência de sua natureza e a moralidade de suas ações; sem ti eu não sinto nada em mim que me eleve além dos animais, a não ser o triste privilégio de me extraviar de erro em erro com a ajuda de um entendimento sem regra e de uma razão sem princípio¹⁷³.

¹⁷⁰ C'est dans le coeur de l'homme qu'est la vie du spectacle de la nature.(E, 431)

¹⁷¹ Ce que Dieu veut qu'un homme fasse, il ne le lui fait pas dire par un autre homme, il le lui dit lui-même, il l'écrit au fond de son coeur. (E, 491)

¹⁷² La bonté de Dieu est l'amour de l'ordre; car c'est par l'ordre qu'il maintient ce qui existe, et lie chaque partie avec le tout. (E, 593)

¹⁷³ Conscience! conscience! instinct divin, immortelle et céleste voix; guide assuré d'un être ignorant et borné, mais intelligent et libre; juge infaillible du bien et du mal, qui rends l'homme semblable à Dieu, c'est toi qui fais

A consciência é a voz da alma, assim como as paixões são a voz do corpo. É tão certa e segura para a substância imaterial quanto os instintos o são para a substância material. Por ser a voz da alma é um princípio inato de justiça e virtude, através do qual o Ser Humano é capaz de julgar sua ação, e a alheia, como sendo boa ou má. Diferentemente da razão, que julga por mediações, a consciência julga de forma imediata; isto se dá em virtude do fato de a consciência ser antes de mais nada um sentimento – de acordo com Millet, para Rousseau *um sentimento é uma força de origem interna, ou espiritual, é um ato que aprecia* ¹⁷⁴. Contudo, apesar de ser um guia infalível é tão sutil quanto o ser imaterial.

A consciência é tímida, ama o retiro e a paz; o mundo e o barulho apavoram-na: os pré-juízos de que a fizeram nascer são seus mais cruéis inimigos; ela foge ou se cala diante deles: a voz barulhenta deles abafa a dela e a impede de se fazer ouvir; [...] depois de tão longo desprezo por ela, custa tanto chamá-la de volta quanto custou bani-la ¹⁷⁵.

Eis porque a educação negativa é tão importante para a criança. É por meio dessa educação que se evita: ou que a consciência nasça dos pré-juízos sociais ou que ela seja por eles abafada. Com a educação negativa evita-se que o indivíduo possua uma consciência imoral, ou que ele nem mesmo a possua.

Além dessa fragilidade natural, a consciência só se torna moral quando o indivíduo se torna consciente de seus atos, quando ele deixa de fazer o bem por instinto e passa a fazê-lo por vontade. Possuir o sentimento inato do bem, ter a ordem natural inscrita no coração não é suficiente, é preciso conhecê-la e amá-la. Isso ocorre por que, apesar de independente da razão, a consciência não pode se desenvolver sem ela. Com isso, tem-se a importância da educação positiva.

l'excellence de sa nature et la moralité de ses actions; sans toi je ne sens rien en moi qui m'élève au-dessus des bêtes, que le triste privilège de m'égarer d'erreurs en erreurs à l'aide d'un entendement sans règle et d'une raison sans principe. (E, 600)

¹⁷⁴ un sentiment est une force d'origine interne, ou spirituelle, c'est une acte qui apprécie. (MILLET : 1966, 68)

¹⁷⁵ La conscience est timide, elle aime la retraite et la paix; le monde et le bruit l'épouvantent: les préjugés dont on la fait naître sont ses plus cruels ennemis; elle fuit ou se tait devant eux: leur voix bruyante étouffe la sienne et l'empêche de se faire entendre; [...] après de si longs mépris pour elle, il en coûte autant de la rappeler qu'il en coûte de la bannir. (E, 601)

A consciência não se desenvolve e não age senão com as luzes do homem. Não é senão por estas luzes que ele consegue conhecer a ordem, e não é senão quando ele a conhece que sua consciência o leva a amá-la. A consciência é portanto nula no homem que não comparou nada e que não viu suas relações. Neste estado o homem não conhece senão ele, não vê seu bem-estar nem contraposto nem conforme o de ninguém, ele nem odeia nem ama nada; limitado ao instinto físico, ele não é nada, ele é uma besta.¹⁷⁶

Como foi dito no capítulo 3, o Ser Humano é, a princípio, incapaz de elaborar qualquer tipo de idéia. Com o desenvolvimento de seus sentidos e de suas faculdades intelectuais ele se torna capaz de relacionar as diversas percepções e elaborar idéias simples, a essa capacidade Rousseau deu o nome de *Razão Sensível*. Por meio de um posterior aperfeiçoamento das faculdades intelectuais, o homem se torna capaz de relacionar diversas idéias simples e assim elaborar idéias compostas, capacidade nomeada por Rousseau de *Razão Intelectual*. É apenas quando o indivíduo possui plenamente a faculdade necessária à elaboração de idéias abstratas que ele está apto a conhecer a ordem, e é só quando o homem conhece a ordem que ele é capaz de amá-la.

Sem a razão, a consciência é incapaz de apreciar e não passa de mero impulso. Sem a consciência, a razão é incapaz de julgar e não passa de depravação¹⁷⁷. Sem a consciência, a razão não é capaz de estabelecer nenhuma lei natural, conseqüentemente, o direito é pura quimera. Sem a razão, a consciência é incapaz de estabelecer tanto a justiça quanto a bondade, conseqüentemente, a ética é mera ficção. Promover a interlocução entre consciência e razão é o meio através do qual a educação cumpre seu papel de capacitar o Ser Humano para acessar de forma imediata as disposições do coração e torná-lo capaz de viver, na sociedade, em conformidade com essas disposições.

Contudo, não basta que o desenvolvimento da razão transforme o instintivo amor à ordem em consciência moral é preciso que o indivíduo tenha o poder de escolher. Conhecer e amar a ordem não são suficientes, é preciso por livre escolha, por vontade própria, aderir a ela.

¹⁷⁶ La conscience ne se développe et n'agit qu'avec les lumieres de l'homme. Ce n'est que par ces lumieres qu'il parvient à connoître l'ordre, et ce n'est que quand il le connoît que sa conscience le porte à l'aimer. La conscience est donc nulle dans l'homme qui n'a rien comparé, et qui n'a point vu ses rapports. Dans cet état l'homme ne connoît que lui ; il ne voit son bien-être opposé ni conforme à celui de personne ; il ne hait ni n'aime rien ; borné au seul instinct physique, il est nul, il est bête. (LCB, 935)

¹⁷⁷ O homem que medita é um animal depravado. [L'homme qui medite est un animal depravé.] (DOI, 138)

A famosa afirmação de que o homem nasceu livre e por todos os lugares se encontra sob ferros, que abre o capítulo I do primeiro livro do *Contrato Social*, possui no Emílio uma forma mais espirituosa e mais clara.

O homem civil nasce, vive e morre na escravidão: em seu nascimento cozem-no em um cueiro; em sua morte fecham-no em um caixão; enquanto conservar a figura humana, está acorrentado por nossas instituições¹⁷⁸.

A sociedade engendra a dependência. Os homens na sociedade dependem uns dos outros para sobreviverem e a realização de seus desejos está condicionada a convivência mútua; os próprios desejos têm antes uma origem cultural – enquanto ter fome é um desejo natural, ter fome disto ou daquilo ou sentir-se enojado por certos alimentos que apetece a outros é situação decorrente do hábito. Nessas condições, nada mais coerente que o fato de pensar que *a liberdade do indivíduo termina onde começa a do outro*, porém, disso se extrai muito coerentemente que *o inferno, é os outros*¹⁷⁹ pois, enquanto que a dependência das coisas – que é a da natureza –, por não ter nenhuma moralidade, não altera em nada a liberdade e não engendra nenhum vício, *a dependência dos homens, sendo desordenada, gera todos os vícios, e é por ela que o senhor e o escravo depravam-se mutuamente*¹⁸⁰.

Com o intuito de evitar essa situação e resolver todo tipo de contradição que exista na ordem social, Rousseau, tendo estabelecido desde o *Discurso Sobre a Desigualdade* que o homem é um *Liber Animalis*, afirma que o Ser Humano não pode abrir mão de sua liberdade pois fazer isso é o mesmo que *renunciar à qualidade de homem*¹⁸¹ e que ser livre é: ter independência em relação aos outros¹⁸², autonomia em relação a si mesmo e dependência em

¹⁷⁸ L'homme civil naît, vit et meurt dans l'esclavage: à sa naissance on le coud dans un maillot; à sa mort on le cloue dans une bière; tant qu'il garde la figure humaine, il est enchaîné par nos institutions. (E, 253)

¹⁷⁹ L'enfer, c'est les Autres. (SARTRE: 1947, 93)

¹⁸⁰ La dépendance des hommes étant désordonnée les engendre tous, et c'est par elle que le maître et l'esclave se dépravent mutuellement. (E, 311)

¹⁸¹ Renunciar à liberdade é renunciar à qualidade de homem, aos direitos da humanidade. [Renoncer à sua liberté c'est renoncer à la qualité d'homme, aux droits de l'humanité.](CS, 356)

¹⁸² Essa independência em relação aos outros não significa individualismo e isolamento. Como já foi dito, Emílio é um selvagem feito para viver em sociedade, junto com os outros. Além disso, o projeto pedagógico de Rousseau só tem sentido dentro da sociedade, mesmo que boa parte dele se de dentro de um certo afastamento dos outros.

relação à ordem natural pois, *O homem verdadeiramente livre não quer senão o que pode e faz o que lhe agrada*¹⁸³, além do que:

Se as leis das nações pudessem ter, como aquelas da natureza, uma inflexibilidade que jamais nenhuma força humana não pudesse vencer, a dependência dos homens voltaria a ser então a das coisas; reuniria-se na república todas as vantagens do estado natural àquelas do estado civil; juntaria-se à liberdade que mantém o homem isento de vícios, a moralidade que o eleva à virtude¹⁸⁴.

Associada a promoção da interlocução entre consciência e razão está o criar condições para a liberdade civil como meio de consecução do objetivo que tem a educação. Disso decorre que a educação teria como princípios éticos fundamentais a preservação da liberdade natural e o desenvolvimento da consciência moral, pois apenas um Ser Humano verdadeiramente livre e dotado de consciência moral é capaz de acessar de forma imediata as *disposições do coração* e ter força de vontade para viver de acordo com elas.

A virtude do Ser Humano está precisamente nisto: ter força de vontade para escolher livremente os caminhos do coração, que são mostrados pela consciência, superando as paixões que este impõe ao homem. Retomando uma idéia que já estava delineada desde o *Discurso sobre a Virtude mais Necessária ao Herói*¹⁸⁵, que virtude é igual a força, diz Rousseau:

Que é então o Homem virtuoso? É aquele que sabe vencer suas afeições; pois então ele segue sua razão, sua consciência; faz seu dever; mantém-se na ordem, e nada pode afastá-lo dela. Até aqui tu não eras livre senão em aparência; tu não tinhas senão a liberdade

¹⁸³ L'homme vraiment libre ne veut que ce qu'il peut, et fait ce qu'il lui plaît. (E, 309)

¹⁸⁴ Si les lois des nations pouvaient avoir, comme celles de la nature, une inflexibilité que jamais aucune force humaine ne pût vaincre, la dépendance des hommes redeviendrait alors celle des choses; on réunirait dans la république tous les avantages de l'état naturel à ceux de l'état civil; on joindrait à la liberté qui maintient l'homme exempt de vices, la moralité qui l'élève à la vertu. (E, 311)

¹⁸⁵ Um julgamento incerto e um coração fácil de seduzir tornam os homens fracos e pequenos. Para ser grande é preciso apenas se tornar mestre de si. É dentro de nós mesmos que estão nossos mais temíveis inimigos; e quem quer que tenha sabido combatê-los e vencê-los terá feito mais pela glória, ao julgamento dos sábios, que se tivesse conquistado o universo. Eis o que produz a força da alma, é assim que ela pode iluminar o espírito, expandir o gênio, e dar energia e vigor a todas as outras virtudes.

[Un jugement incertain et un coeur facile à séduire rendent les hommes faibles et petits. Pour être grand il ne faut que se rendre maître de soi. C'est au dedans de nous-mêmes que sont nos plus redoutables ennemis; et quiconque aura su les combattre et les vaincre aura plus fait pour la gloire, au jugement des sages, que s'il eût conquis l'univers. Voilà ce que produit la force de l'âme, c'est ainsi qu'elle peut éclairer l'esprit, étendre le génie, et donner de l'énergie et de la vigueur à toutes les autres vertus.] (DCQ, 1273)

precária de um escravo a quem não se tivesse nada determinado. Agora, que tu sejas livre de fato; aprende a tornar-te teu próprio mestre; comanda teu coração, Oh Emílio, e tu serás virtuoso¹⁸⁶.

Em suma, o objetivo principal da educação é fazer do Ser Humano um ser virtuoso, isto é, dotado de força para, em qualquer situação que se encontre, manter-se preso à ordem natural. Para que isso ocorra é preciso que conheça, ame e escolha livremente essa ordem, o que ratifica a preservação da liberdade natural e o desenvolvimento da consciência moral como princípios éticos da pedagogia rousseauiana. Princípios que serão heroicamente exemplificados por Emílio, e narrados por ele mesmo em duas longas cartas destinadas ao seu antigo preceptor¹⁸⁷.

Após o casamento de Emílio, seu preceptor deixa-o. Emílio passa a viver com sua esposa na casa dos pais dela. Além do filho que já havia sido anunciado, Sofia engravida novamente, desta vez de uma menina. Ambos vivem num estado de perfeito contentamento. Porém, a sorte de ambos muda completamente quando, tempos depois, morrem os pais de Sofia, e logo em seguida a filha do jovem casal. Não suportando a dor da perda, Sofia é tomada por uma profunda depressão. Preocupado com o estado da esposa, Emílio propõe que se mudem para Paris, com o intuito de esquecerem os infelizes acontecimentos. Contudo, essa solução se revelará desastrosa.

Ao chegarem na grande metrópole, ambos passam a freqüentar os mais badalados salões de festas e a conviver com a elite social parisiense. Contudo, essa agitação social, além de não apaziguar a tristeza de Sofia, envolve pouco a pouco o também entristecido Emílio, findando por distanciá-los um do outro. Ao dar-se conta dessa situação, Emílio resolve procurar Sofia para dar um novo rumo aos acontecimentos, contudo Sofia evita-o. Atribuindo tal rejeição a depressão pela qual a esposa passava, Emílio respeita sua decisão e busca uma reaproximação lenta e gradual, que também não surtirá efeito. Por fim, não suportando essa situação, Emílio exige que Sofia cumpra com suas obrigações de esposa, é quando Sofia confessa tê-lo traído e que está grávida de outro homem.

¹⁸⁶ Qu'est-ce donc que l'homme vertueux? C'est celui qui sait vaincre ses affections; car alors il suit sa raison, sa conscience; il fait son devoir; il se tient dans l'ordre, et rien ne l'en peut écarter. Jusqu'ici tu n'étais libre qu'en apparence; tu n'avais que la liberté précaire d'un esclave à qui l'on n'a rien commandé. Maintenant sois libre en effet; apprends à devenir ton propre maître; commande à ton coeur, ô Emile, et tu seras vertueux. (E, 818)

¹⁸⁷ Trata-se do inacabado livro de Rousseau: *Emílio e Sophia, ou os solitários*.

A estas palavras que meus ouvidos pareciam repelir, eu permaneço imóvel, reduzido a nada; meus olhos se fecham, um frio mortal corre em minhas veias; sem estar desmaiado sinto todos os meus sentidos parados, todas as minhas funções suspensas; minha alma perturbada está num distúrbio universal. [...] Ignoro quanto tempo fiquei nesse estado.[...] Mas enfim despertado apesar de mim, a primeira impressão que senti foi de um intenso horror por tudo que me circundava. Imediatamente me levantei, me lancei fora do quarto, passei pela escada sem nada ver, sem nada dizer a ninguém, eu saio, ando a passos largos, me distancio com a rapidez de um cervo que acredita esquivar-se por sua velocidade da flecha que porta encravada em seu flanco ¹⁸⁸.

Nesse estado tormentoso, Emílio se deixará ficar por alguns dias, nos quais não se alimentará e dormirá ao relento. Cansado, e tendo recobrado um pouco de seu equilíbrio emocional decide retornar para sua casa. Nesse estado, passa a refletir sobre o que deve fazer. A princípio, abandona-se ao sentimento de ódio, desejando lavar a honra que fora manchada pensa em se vingar de Sofia, contudo, aos poucos se deixa influenciar pelos apelos da consciência. Entre a desforra e o perdão decide-se por este último.

Que me importa isto que pensarão de mim, contanto que em meu próprio coração eu não cesse de ser bom, justo e honesto? Seria isto um crime, ser misericordioso? Seria isto uma covardia, perdoar uma ofensa? Sobre quais deveres irei eu então me reger? Teria eu, por tanto tempo, desdenhado o pré-juízo dos homens para lhe sacrificar enfim minha felicidade? ¹⁸⁹

Apesar do perdão, conclui que seria impossível que ele e Sofia voltassem a viver como esposos. Decide então afastar-se de Sofia. Deixa sua casa e põe-se a vagar pelo mundo. Vive de cidade em cidade as custas de seu próprio trabalho, até que por um infeliz acontecimento é

¹⁸⁸ à ces mots que mon oreille sembloit repousser, je reste immobile, anéanti; mes yeux se ferment, un froid mortel court dans mes veines; sans être évanoui je sens tous mes sens arrêtés, toutes mes fonctions suspendues; mon âme bouleversée est dans un trouble universel.[...] J'ignore combien de tems je demeurai dans cet état [...] Mais enfin réveillé malgré moi, la première impression que je sentis fut un saisissement d'horreur pour tout ce qui m'environnoit. Tout-à-coup je me leve, je m'élance hors de la chambre, je franchis l'escalier sans rien voir, sans rien dire à personne, je sors, je marche à grands pas, je m'éloigne avec la rapidité d'un cerf qui croit fuir par sa vitesse le trait qu'il porte enfoncé dans son flanc. (ES, 891)

¹⁸⁹ Que m'importoit ce qu'on penseroit de moi, pourvu que dans mon propre cœur je ne cessasse point d'être bon, juste, honnête? Etoit-ce un crime d'être miséricordieux? Etoit-ce une lâcheté de pardonner une offense? Sur quels devoirs allois-je donc me régler? Avois-je si long-tems dédaigné le préjugé des hommes pour lui sacrifier enfin mon bonheur? (ES, 900)

feito escravo. De senhor em senhor, acaba se tornando escravo do Dey da Argélia. Nessas condições, reflete sobre seu estado nos seguintes termos:

Emílio escravo! eu retomava, em que sentido? que perdi de minha liberdade primitiva? não nasci escravo da necessidade? Que novo jugo podem me impor os homens? o trabalho? não trabalhava quando era livre? a fome? quantas vezes a suportei voluntariamente! [...] O constrangimento? será ele mais rude que aquele de meus primeiros ferros? [...] Não existe servidão real senão aquela da natureza. Os homens dela não são senão instrumentos. Que um proprietário me espanque ou que um rochedo me esmague, é o mesmo evento aos meus olhos¹⁹⁰.

Desses raciocínios conclui que seu cativeiro é algo mais aparente que real, terminando por afirmar que esse período que carregou os grilhões dos bárbaros foi o período que mais teve autoridade sobre si mesmo.

Em seu romance inacabado¹⁹¹, Rousseau põe seu protagonista em confronto com dois dos mais fortes pré-juízos sociais: a honra do homem e a liberdade enquanto possibilidade de fazer tudo o que se quer. Na superação destes, Rousseau exemplifica os princípios éticos de sua pedagogia, pois, apenas um ser dotado de grande força de vontade, apoiado na verdadeira liberdade e guiado por sua consciência moral, é capaz de não se deixar levar por tais pré-juízos. Fazendo Emílio superá-los, apesar de ter sucumbido às tentações da sociedade parisiense, mostra a força que sua proposta educativa pode ter, fato que é dito pelo próprio Emílio, após recobrar seu bom senso: *Eu nunca senti melhor a força da educação que nesta cruel circunstância*¹⁹².

Além disso, apenas um Ser Humano detentor dessas virtudes é capaz de estar acima do excogitado projeto dos ricos e refazer o pacto social sobre bases legítimas, de modo que, a

¹⁹⁰ Emile esclave! reprenois-je, eh dans quel sens? Qu'ai-je perdu de ma liberté primitive? Ne naquis-je pas esclave de la nécessité? Quel nouveau joug peuvent m'imposer les hommes? Le travail? ne travaillois-je pas quand j'étois libre? La faim? combien de fois je l'ai soufferte volontairement! La douleur? toutes les forces humaines ne m'en donneront pas plus que ne m'en fit fable. La contrainte? sera-t-elle plus rude que celle de mes premiers fers? [...] Il n'y a de servitude réelle que celle de la nature. Les hommes n'en sont que les instrumens. Qu'un maître m'assomme ou qu'un rocher m'écrase, c'est le même événement a mes yeux. (ES, 916)

¹⁹¹ Na introdução ao *Emílio e Sofia*, Burgelin cita três testemunhos dados por pessoas que conheceram Rousseau e que narram possíveis fins para esse romance. Sobre essas declarações diz: *Se são bastante diferentes, indicam ao menos uma direção comum*. [s'il sont assez différents, indiquent au moins une direction commune (BURGELIN : 1999, CLXI)]

¹⁹² Je n'ai jamais mieux senti la force de l'éducation que dans cette cruelle circonstance. (ES, 899)

ordem civil se confunda com a ordem natural, a liberdade civil seja um prolongamento da liberdade natural e que as leis sejam o reflexo da consciência moral.

Acreditando que *o objetivo da vida humana é a felicidade do homem*¹⁹³, Rousseau, como na estrada que vai de Vincennes a Paris, percorre por quase treze anos¹⁹⁴ uma longa trajetória filosófica. Nesta, ele visa ensinar o Ser Humano a *ser feliz tanto quanto o permita a condição humana*¹⁹⁵. Postulando que a virtude é a via de acesso para a felicidade procurou demonstrar que, é apenas através da educação que o homem pode alcançar seu objetivo.

¹⁹³ L'objet de l'avis humaine est la félicité de l'homme (LMo, 1087)

¹⁹⁴ Do final de 1749 com a elaboração do DCA até maio de 1762 com a publicação do *Emílio*.

¹⁹⁵ Etre heureux autant que le permet la condition humaine (LMo, 1087)

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A EDUCAÇÃO COMO DIREITO HUMANO, A MORALIDADE COMO NECESSIDADE HUMANA

Através do Vigário Saboiano, Rousseau faz uma declaração que pode ser encarada como uma síntese dos motivos que o levaram a refletir sobre a condição humana e a produzir sua obra filosófica.

Meditei pois sobre a triste sorte dos mortais boiando nesse mar de opiniões humanas, sem leme, sem bússola, e entregues a suas paixões tempestuosas, sem outro guia que um piloto inexperiente que desconhece sua rota, e que não sabe nem de onde vem nem para onde vai¹⁹⁶.

O espetáculo das tristezas e infelicidades humanas é comovedor, a indiferença é praticamente impossível em alguém que tenha o mínimo de sensibilidade. Mais triste ainda é saber que essa situação se mantém em virtude de alguns poucos homens que se beneficiam dela. Contudo, a chama da esperança se mantém acesa pois, por mais complexo que seja, é possível reverter essa conjuntura e transformar a tragédia em comédia – tendo-se o evidente cuidado para que a comédia tenha origem no que o homem tem de bom e não no ridículo de sua condição.

Com sua filosofia, Rousseau contribuiu para o surgimento de uma das mais caras concepções da modernidade: a de que existem Direitos Humanos Universais. Com suas meditações sobre a triste sorte humana, compreendeu, e nos fez compreender, que o homem apenas se humaniza através da educação. Isso fez com que colocássemos a educação como um dos mais importantes Direitos Humanos, tão importante quanto o direito a vida pois, não basta viver, é preciso viver bem.

Seguindo nessa direção, encontra-se o grande filósofo alemão Emmanuel Kant, elaborador do princípio da dignidade humana¹⁹⁷ – princípio que será tomado, de acordo com Bobbio, como fundamento da idéia de que existem Direitos Humanos Universais. A ética

¹⁹⁶ Je méditais donc sur le triste sort des mortels flottant sur cette mer des opinions humaines, sans gouvernail, sans boussole, et livrés à leurs passions orageuses, sans autre guide qu'un pilote inexpérimenté qui méconnaît sa route, et qui ne sait ni d'où il vient ni où il va. (E, 567)

¹⁹⁷ Este princípio é expresso pela formula que diz:

kantiana deve muito ao influxo rousseauiano, bastante significativo é o fato de que Kant chamava Rousseau de Newton do mundo moral.

Rodolfo Mondolfo, em seu trabalho sobre a influência da filosofia rousseauiana no pensamento moderno, diz que Kant aprendeu de Rousseau o princípio da personalidade humana, que a concepção de dever e obrigação como imperativo deriva do conceito rousseauiano de virtude como luta e força de vontade triunfante sobre as paixões, que a solução kantiana – derivar a obrigação, não de fora, mas da intimidade da consciência – para o problema da conciliação do dever com a liberdade é uma das mais claras influências sofridas, e por fim afirma que Rousseau proporcionou a Kant a primeira orientação na ética e o fermento fecundo do desenvolvimento definitivo que tão vasta ação há exercido na filosofia posterior.

Uma das obras kantianas que sofre a maior influência de Rousseau é sua *Reflexões Sobre a Educação*. Ao se percorrer essas reflexões percebe-se quanto a leitura do *Emílio* a influenciou. Nelas, Kant parte do mesmo princípio rousseauiano de que o homem não pode se tornar homem senão pela educação, segue praticamente o mesmo itinerário metodológico, estabelece idêntico fim: desenvolvimento das disposições humanas em direção ao bem, e compartilha o otimismo de seu predecessor.

Quase duzentos anos após a publicação do *Emílio*, o célebre psicólogo e educador Jean Piaget também se deixa influenciar pelo pensamento de seu conterrâneo, Rousseau. Para ele¹⁹⁸, o desenvolvimento – entendido este como sendo a formação do comportamento e da vida mental – do ser humano está vinculado a fatores biológicos e sociais. O Ser Humano é um ser social e biologicamente determinado. Biologicamente ele é capaz de adquirir e armazenar símbolos, contudo a capacidade de usar estes símbolos é adquirida por meio de interações sociais múltiplas e diversas. Dessa forma, elementos que constituem o ser humano – como a linguagem – não vêm prontos para serem usados, são adquiridos por transmissão exterior. Portanto, é possível concluir que falar de um direito à educação é pois, em primeiro lugar, reconhecer o papel indispensável dos fatores sociais na própria formação do indivíduo.

Nesse aspecto, falar da educação como um direito humano é falar do direito que o homem possui de adquirir suas estruturas mentais essenciais. É dizer que sem a educação o

¹⁹⁸ PIAGET, Jean. *Para Onde Vai a Educação*. 10 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

indivíduo não seria capaz de adquiri-las, que para isso é necessário um meio social de formação capaz de desenvolver suas possibilidades, desde as mais elementares até as mais complexas. Falar de educação enquanto direito humano é afirmar que sem educação não há Ser Humano¹⁹⁹ – Entendendo-se educação no sentido mais amplo do termo: todo e qualquer meio através do qual o ser humano é formado enquanto Ser Humano.

Essa tradição, inaugurada com Rousseau, irá desembocar no Artigo XXVI da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que versa sobre a educação como um direito de todos. Contudo, nessa herança foi deixada de lado a advertência rousseauiana em relação a necessária união entre Poder, Saber e Virtude. Situação que se evidencia pelo abismo que separa a idéia presente no referido artigo e sua efetivação, pois as ações políticas ou são inócuas ou são inexistentes, e quando existem e são eficazes visam apenas a promoção de uma educação ornamental e /ou instrumental.

A educação é um dos mais fundamentais dos direitos do ser humano, contudo, a afirmação desse direito se deu através de um longo e contraditório processo histórico. Essa concepção, que encontra suas mais profundas raízes no pensamento rousseauiano, passou a ser adotada como lei após a revolução burguesa. É, portanto, no bojo das contradições desta revolução que a educação passa a ser compreendida como um direito universal.

A monarquia durante toda a idade média e até o século XVIII se configurava como o regime político em praticamente todas as nações da Europa, atingindo na França de Luiz XIV sua forma mais apurada: centralizadora, absolutista e burocrática. Essa situação era extremamente incômoda para a burguesia emergente pois, apesar de ter o poder econômico não detinha o poder político. Tal situação começou a mudar com a Revolução Gloriosa ocorrida na Inglaterra no século XVII, porém é só com a Revolução Francesa de 1789 que a monarquia é destituída do poder, passando este para as mãos da burguesia.

¹⁹⁹ O ser humano recebe a natureza por herança, mas sua humanidade não lhe pode ser dada senão pela educação. Essa afirmação é bem exemplificada pelos diversos casos de “meninos-lobos” e “crianças-selvagens” encontrados. Dentre eles destacamos o caso do menino selvagem de Aveyron: Quando foi encontrado, num dia de Verão do ano de 1798, numa floresta francesa, Victor, como foi nomeado, andava como um quadrúpede, tinha hábitos anti-sociais, órgãos pouco flexíveis, não falava, comia bolotas e raízes, coçava a cabeça e o corpo como os animais, tinha um olhar vago... Após análises e observações, constatou-se que os sentidos da criança pareciam invertidos: o olfato mais desenvolvido, seguido do gosto, visão e por fim o tacto. Tendo ficado sob os cuidados do Prof. Jean-Marie Gaspard Itard, jovem médico psiquiatra, foi por este educado e viveu até os quarenta anos de idade. Vide: GALVÃO, Izabel; LEITE, Luci Banks. *Educação de um Selvagem: As experiências pedagógicas de Jean Itard*. CORTEZ EDITORA, 2000. MALSON, Lucien. *As crianças selvagens: mito e realidade*, seguido de memória e relatório acerca de Victor de l'Aveyron, por Jean Itard. Porto: Liv. Civilizacao, 1967.

Durante o processo revolucionário não bastava simplesmente opor o poder econômico da burguesia ao poder *divino* da monarquia, era preciso opor uma ideologia que superasse a que mantinha o antigo regime.

Esta ideologia foi encontrada no racionalismo iluminista. A verdade não é a solução de um mistério resultante da revelação divina, ela é um problema a ser resolvido através da razão humana, ela é obra do homem e não de Deus, ela é conquista a partir do mérito. A razão é o meio pelo qual o mundo é interpretado e apreendido. Faculdade humana por excelência a razão conduz o homem aos princípios constitutivos da realidade através de regras que estão nele mesmo, Razão é, pois, fonte de energia intelectual, caminho para o progresso contínuo do homem e é ela que poderá iluminar a tarefa de compreensão e transformação do mundo.

Com isso, em oposição ao direito divino – direito como concessão dada por Deus e que fazia do monarca o representante de Deus diante de seu povo – era posto o direito como mérito. Estava assim lançada a base ideológica para o enfrentamento entre a burguesia e a nobreza.

Antes do fim do Antigo Regime a sociedade francesa estava constituída por três estamentos: O Primeiro Estado, constituído pelo clero; o Segundo Estado, a nobreza e o Terceiro Estado composto pela burguesia e pelas classes populares, esta sendo composta pelas camadas populares urbanas e pelo campesinato.

Esta divisão não era homogenia, em cada estado havia as subdivisões como por exemplo o clero que era dividido em alto e baixo clero, e com o poder econômico obtido pela burguesia os privilégios não eram repartidos igualmente. Por interesses políticos e econômicos eram concedidos privilégios entres os vários grupos que compunham os estados. Contudo, se por um lado essa medida permitia ao monarca reinar, por outro gerava conflito entre as classes. Tal situação é agravada pela crise econômica que a França passa a partir de 1778 quando há um período de más colheitas.

Unidos, o terceiro estado – as classes populares pela miséria; e a burguesia pela ambição pelo poder político – o baixo clero e uma certa fração liberal da nobreza iniciam um processo revolucionário que irá culminar com o fim da monarquia, juridicamente em 9 de julho de 1789 durante a assembléia nacional constituinte e simbolicamente em 14 de julho do mesmo ano com a queda da Bastilha.

Em um novo sistema de governo, era necessário um instrumento político-ideológico que fornecesse sustentação ao mesmo. Tendo chegado ao poder, era preciso nele se manter, derrubado o antigo regime era preciso construir o novo, implantar definitivamente o capitalismo e a visão de mundo da burguesia. Os ideólogos desse tempo encontraram em Rousseau o material necessário para sustentar suas ideologias²⁰⁰.

O Estado Moderno, criação da burguesia, resultante da revolução, é o Estado de Direito. É o estado fundado em uma constituição; onde a lei, resultante da vontade do povo e não do arbítrio do monarca, regula as relações sociais; onde não há privilégios, pois todos nascem iguais. Nesse estado não há o súdito, pois ninguém deve obediência a ninguém, todos são livres. Nele há o *cidadão*.

O cidadão é a figura básica do direito no Estado Moderno. É ele o principio das leis e para quem elas existem. Para que o cidadão exerça sua cidadania faz-se indispensável que o mesmo conheça seus direitos e deveres perante o Estado. E para que o Estado cumpra sua função de promover o bem de todos é imprescindível que o cidadão *ame as leis*.

É assim que, ao Estado Moderno coube a função de elaborar planos para uma política educacional, promovendo uma instrução pública que seja *Universal, Gratuita e Laica*. Universal porque todos são iguais de modo que todos têm o mesmo direito. Gratuita porque é universal. Laica porque é função do Estado promovê-la, de modo que não haja vínculos com práticas religiosas.

Dentre tantos sistemas educacionais propostos, nas diversas assembleias e convenções que ocorreram no período pós-revolução é a proposta de Daunou que a 26 de outubro de 1795 é proclamada como sendo o sistema educacional da Republica.

Tal sistema estabelecia quatro instituições de ensino: as Escolas Primárias, aberta a todos e onde era ensinado os saberes essenciais; as Escolas Centrais, escolas pagas; as Escolas

²⁰⁰ É a educação que deve dar às almas a forma nacional, e dirigir de tal modo suas opiniões e gostos, que sejam patriotas por inclinação, por paixão, por necessidade. Uma criança abrindo os olhos deve ver a pátria e até sua morte não deve ver senão ela. todo verdadeiro republicano sugará com o leite de sua mãe, o amor de sua pátria, quer dizer das leis e da liberdade. este amor faz toda sua existência; ele não vê senão a pátria, ele não vive senão por ela; estando só, não é nada: não tendo pátria, não é mais; e se não está morto, está pior.

[C'est l'éducation qui doit donner aux âmes la forme nationale, et diriger tellement leurs opinions et leurs goûts, qu'elles soient patriotes par inclination, par passion, par nécessité. Un enfant en ouvrant les yeux doit voir la patrie et jusqu'à la mort ne doit plus voir qu'elle. Tout vrai républicain suçera avec le lait de sa mère, l'amour de sa patrie, c'est-à-dire des lois et de la liberté. Cet amour fait toute son existence; il ne voit que la patrie, il ne vit que pour elle ; sitôt qu'il est seul, il est nul : sitôt qu'il n'a plus de patrie, il n'est plus; et s'il n'est pas mort, il est pis. (CGP, 966)]

relativas a certas funções, ou profissões; o Instituto Nacional, para onde iam os mais brilhantes alunos e onde eram ensinadas as ciências matemáticas e físicas, aplicação das ciências as artes, ciências morais e políticas, literatura e belas-artes.

Deste modo, assim como a igualdade legal camuflava a desigualdade social, o princípio da educação pública e universal, escondia o que na prática se concretizava, uma educação específica para cada uma das classes que se formavam neste novo estado.

Na educação, a burguesia encontrou o mais poderoso aliado para a consolidação de seu poder. No estado burguês, a educação cumpria o papel de consolidar o poder do estado, tornar a sociedade coesa, bem como produzir *cidadãos* capacitados tecnicamente para o novo modelo de produção que estava sendo implantado.

Esta situação, percebida e admoestada por Rousseau, tem se mantido até os dias de hoje. A Educação, bem como os sistemas educacionais, têm servido tão somente para manter estrutura vigente. Há uma educação para os gigantes e outra para os anões²⁰¹, e isto tem determinado o fato de que os anões mantenham-se sempre anões, e a cada passo fiquem mais atrás dos gigantes.

É assim que a Educação, enquanto Direito Universal de todo Ser Humano, tem se caracterizado tão somente como uma mera ideologia a serviço da burguesia. Contudo isto não tira dela o seu caráter de direito humano. A Educação é, de fato, um direito de todo ser humano que tem sido usado contra ele mesmo, é um direito transformado em ideologia a serviço da dominação.

Não há sentido em reivindicar uma educação para todos dentro do estado burguês, pois, de certa forma, é lutar por manter esse sistema baseado na desigual relação possuidor-despossuidor de propriedade privada. Isso implica que, pensar a educação como um direito de todo ser humano é pensar também uma estrutura social e política onde este direito possa ser garantido. Lutar pela educação como um direito humano é lutar por uma ordem social e política mais justa, mais humana.

²⁰¹ A educação não somente estabelece diferença entre os espíritos cultos e os que não o são, como também aumenta a que existe entre os primeiros na proporção da cultura, pois, quando um gigante e um anão andam pelo mesmo caminho, cada passo, que um e o outro dêem, trará uma vantagem a mais ao gigante. [Non seulement l'éducation met la différence entre les esprits cultivés et ceux qui ne le sont pas, mais elle augmente celle qui se trouve entre les premiers à proportion de la culture; car qu'un géant et un nain marchent sur la même route, chaque pas qu'ils feront l'un et l'autre donnera un nouvel avantage au géant. (DOI, 160)]

É uma postura imoral conhecer as causas da infelicidade humana e não proporcionar ações efetivas para a extinção das mesmas, de modo que, pensar uma ordem social mais justa implica no reconhecimento de que ser virtuoso é uma necessidade humana. É preciso que ao lado da Declaração Universal dos Direitos Humanos tenha-se uma Declaração Universal dos Deveres Humanos, e que esta tenha como primeiro artigo: *É dever de todo Ser Humano promover, de forma efetiva, a extinção do sofrimento humano.*

Formamos uma comunidade humana e não temos outra alternativa a não ser viver juntos. Viver bem implica na boa convivência dos membros desta comunidade e no fato de que ou todos estão bem ou ninguém estará. Disso decorre a necessidade de pensar uma ordem civil legítima e um ser humano virtuoso.

Apesar de seus paradoxos, Rousseau se predispôs, de forma sincera, a pensar essas questões. Dessa forma, em concordância com o que disse CERIZARA em relação ao *Emílio*²⁰², o que justificaria a importância e a validade do *Emílio* é menos sua viabilidade prática que o repertório de temas e indagações que o autor nos apresenta, ora com uma objetiva lucidez, ora como um delírio subjetivo. O que importa é que nos leve a pensar.

É bem verdade que isso pode ser dito de qualquer pensador que de alguma forma passou a fazer da história do pensamento humano – que ele ainda hoje é válido por que nos leva a pensar – porém no caso de Rousseau essa afirmação toma uma maior proporção em virtude das renovações e inovações que trouxe, em especial, pela importância que dá ao questionamento sobre o que é o ser humano e a maneira pela qual responde essa pergunta.

Que é o homem? A solução dessa questão é o *mais útil e o menos avançado de todos os conhecimentos*²⁰³. A resposta dada por Rousseau ampliou consideravelmente nosso conhecimento sobre nós mesmo e sobre a sociedade que construímos e na qual vivemos. Contudo, o que mais importa é status que ele deu a pergunta, não é apenas uma questão metafísica, é uma questão sobre a dignidade humana. Essa questão engloba não apenas o conceito de homem mas também o reconhecimento de sua dignidade, e principalmente que futuro estamos construindo para nós mesmos.

²⁰² CERIZARA: 1990, 53.

²⁰³ La plus utile et la moins avancée de toutes les connaissances humaines me paraît être celle de l'homme. (DOI, 122)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Considerations sur le Gouvernement de Pologne*. In: Oeuvres completes. v.III. França: Gallimard, 1996.

_____. *Discours sur cette question: Quelle est la vertu la plus nécessaire au héros*. In: Oeuvres completes. v.II. França: Gallimard, 2000.

_____. *Discours sur l'Origine et les Fondements de l'Inégalité parmi les Hommes*. In: Oeuvres completes. v.III. França: Gallimard, 1996.

_____. *Discours sur les Sciences et les Arts*. In: Oeuvres completes. v.III. França: Gallimard, 1996.

_____. *Do contrato social; Ensaio sobre a origem das línguas; Discurso sobre as ciências e as artes; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. *Du Contract Social ou Principes du Droit Politique*. In: Oeuvres completes. v.III. França: Gallimard, 1996.

_____. *Emile et Sophie, ou Les Solitaires*. In: Oeuvres completes. v.IV. França: Gallimard, 1999.

_____. *Emile ou de l'Éducation*. In: Oeuvres completes. v.IV. França: Gallimard, 1999.

_____. *Emílio*. São Paulo: DIFEL, 1973.

_____. *Essai sur l'Origine des Langues*. In: Oeuvres completes. v.V. França: Gallimard, 1995.

_____. *Le Devin du Village*. In: Oeuvres completes. v.II. França: Gallimard, 2000.

_____. *Les Confessions de J.J. Rousseau*. In: Oeuvres completes. v.I. França: Gallimard, 2001.

_____. *Lettre à Christophe de Beaumont*. In: Oeuvres completes. v.IV. França: Gallimard, 1999.

_____. *Lettre à Malesherbes*. In: Oeuvres completes. v.I. França: Gallimard, 2001.

- _____. *Lettres Morales*. In: Oeuvres completes. v.IV. França: Gallimard, 1999.
- _____. *Parallèle de Sócrates et de Caton*. In: Oeuvres completes. v.III. França: Gallimard, 1996.
- _____. *Pygmalion*. In: Oeuvres completes. v.II. França: Gallimard, 2000.

REFERÊNCIA SECUNDÁRIA

• Obras Citadas

- AYRES, Fernando Guilherme Silva.. Os Caminhos da Corrupção Moral no Discurso sobre a Origem da Desigualdade de Jean-Jacques Rousseau. In: *Perspectiva Filosófica*: Revista Semestral do Departamento de Filosofia da UFPE. Recife, v.4, n.9, p.69-79, jul./dez. 1996.
- BERGSON. *As Duas Fontes da Moral e da Religião*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- BOUCHARDY, François. *Introductions : Discours sur les Sciences et les Arts*. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. Oeuvres completes. v.III. França: Gallimard, 1996.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC, SEMTEC, 1999.
- BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- BURGELIN, Pierre. *Introductions: Emile et Sophie ou les solitaires*. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. Oeuvres completes. v.IV. França: Gallimard, 1999.
- _____. *Introductions: Emile ou de l'éducation*. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. Oeuvres completes. v.IV. França: Gallimard, 1999.
- CAMUS, Albert. *La peste*. Paris: Gallimard, 1947.
- CASSIRER, Ernest. *A questão Jean-Jacques Rousseau*. São Paulo: UNESP, 1999.
- CERIZARA, Ana Beatriz.. *Rousseau: a educação na infância*. São Paulo: Scipione, 1990.
- CHAUNU, Pierre. *A civilização da Europa das luzes*. 2.ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. V. I e II.
- COMÊNIO, J. A. *Didática Magna*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1954.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DELLA VOLPE, Galvano. *Rousseau e Marx: a liberdade igualitária*. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 1982.

DERATHÉ, Robert. Introductions: Du Contract social . In: ROUSSEAU, Jean Jacques. *Oeuvres completes*. v.III. França: Gallimard, 1996.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

EPICURO. Antologia de textos. In: EPICURO; CARO, Tito Lucrecio; CÍCERO, Marco Túlio; SÊNECA, Lúcio Aneu; AURÉLIO, Marco. *Antologia de textos; Da natureza; Da república; Consolação a minha mãe Helvia, Da tranqüilidade da alma, Medéia, Apocoloquintose do divino Cláudio; Meditações*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. *Rousseau: o bom selvagem*. São Paulo: FTD, 1989.

GALVÃO, Izabel; LEITE, Luci Banks. *Educação de um Selvagem: As experiências pedagógicas de Jean Itard*. CORTEZ EDITORA, 2000.

GHIDOLIN, Clodoveo. *Jusnaturalismo ou Positivismo Jurídico: Uma breve aproximação*. Disponível em <<http://www.fadisma.com.br/arquivos/ghidolinpdf.pdf>>. Acessado em 30 jul. 2007.

GOUHIER, Henri. *Introductions : Fragments sur Dieu et sur la révélation, Lettre à Voltaire, Lettres morales*. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Oeuvres completes*. v.IV. França: Gallimard, 1999.

GOUVEIA, Alexandre Grassano F.. Direito Natural e Direito Positivo. *Jus Navigandi*, Teresina, ano 3, n. 27, dez. 1998. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=6>>. Acesso em: 30 jul. 2007.

GROSRICHARD, Alain. Gravit  de Rousseau. In : *Les Cahiers Pour L'Analyse*. Paris, n. 8, 1967. p.43-64.

KANT, Immanuel. *Réflexions sur l'education*. 2 ed. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1974.

MALSON, Lucien. *As crianças selvagens: mito e realidade*, seguido de memória e relatório acerca de Victor de l'Aveyron, por Jean Itard. Porto: Liv. Civilizacao, 1967.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MARUYAMA, Natalia. *A contradição entre o homem e o cidadão: consciência e política segundo J.- J. Rousseau*. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2001.

MEDINA, David. *Jean-Jacques Rousseau: Lenguaje, Música y Soledad*. Barcelona: Ediciones Destino, 1998.

MILLET, Louis. *La pensee de Jean-Jacques Rousseau*. Paris: Bordas, 1966.

MONDOLFO, Rodolfo. *Rousseau y la conciencia moderna*. Buenos Aires: Ediciones Iman, 1943.

NARODOWSKI, Mariano. *Infância e poder: conformação da pedagogia moderna*. Bragança Paulista: Ed. Universidade São Francisco, 2001.

NETTO, João Cardoso Pereira. Gás Perfeito ou Ideal, Dúvida Fatal!. *Revista de Graduação da Engenharia Química*, ano I n. 2, Jul-Dez 1998. Disponível em: <http://www.hottopos.com/regeq2/gas_perfeito_ou_ideal.htm>. Acessado em: 30 jul 2007.

NUNES, Valentim M. B.. *Introdução à teoria cinética de gases*. Tomar, Portugal: Departamento de Engenharia Química e do Ambiente do Instituto Politécnico de Tomar, 2002. Disponível em <<http://ccmm.fc.ul.pt/vnunes/ensino/itcg.pdf>>. Acessado em 02 de agosto de 2007.

ONU. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Disponível em < http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php> ; acessado em 21/12/ 2007.

OVÍDIO. *Les metamorphoses d'Ovide*. v.2 . Paris: Garnier Frères, [19--].

PLATÃO. *Apologia de Sócrates, Críton*. Lisboa: Edições 70, 2002.

PIAGET, Jean. *Para Onde Vai a Educação*. 10 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

POMBO, Olga. *Biobibliografia de Rousseau*. Disponível em <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/biobibliografia.pdf>>; acessado em 17 01 2007.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. v. III. São Paulo: Loyola, 1994.

RUSSELL, Bertrand. *Historia da filosofia ocidental*. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1957. V. III.

SARTRE, Jean-Paul. *Huis clos*, suivi de Les mouches. Paris: Gallimard, 1947.

SILVA, Bezerra da. *Bicho Feroz*. Disponível em <<http://portalamazonia.globo.com/letrasdemusica.php?idM=2795>>, acessado em 30/10/2006.

STAROBINSKI, Jean. *Introductions : Discurs sur l'Origine et les fondements de l'inegalité*. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Oeuvres completes*. v.III. França: Gallimard, 1996.

_____. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo, seguido de sete ensaios sobre Rousseau*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

STRECK, Danilo R.. *Rousseau e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TODOROV, Tzvetan. Le Rousseau que j'aime. In: *Magazine littéraire*. Paris, n°357, p.18-20, setembro de 1997.

VARGAS, Yves. Emile: pour en finir avec l'éducation. In: *Magazine littéraire*. Paris, n° 357, p.38-40, setembro de 1997.

• Sites Citados

BUCHALLA, Anna Paula. Salvos pela "roda". IN : *VEJA*. Rio de Janeiro: Abril, Edição 1998, 07 de março de 2007. Disponível em < http://veja.abril.com.br/070307/p_073.shtml> . Acessado em 26 de março de 2008.

GHIDOLIN, Clodoveo. *Jusnaturalismo ou Positivismo Jurídico:Uma breve aproximação*. Disponível em <<http://www.fadisma.com.br/arquivos/ghidolinpdf.pdf>> . Acessado em 30 jul. 2007.

GOUVEIA, Alexandre Grassano F.. Direito Natural e Direito Positivo. *Jus Navigandi*, Teresina, ano 3, n. 27, dez. 1998. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=6>>. Acesso em: 30 jul. 2007.

NETTO, João Cardoso Pereira. Gás Perfeito ou Ideal, Dúvida Fatal!. *Revista de Graduação da Engenharia Química*, ano I n. 2, Jul-Dez 1998. Disponível em: <http://www.hottopos.com/regeq2/gas_perfeito_ou_ideal.htm>. Acessado em: 30 jul 2007.

NUNES, Valentim M. B..*Introdução à teoria cinética de gases*. Tomar, Portugal: Departamento de Engenharia Química e do Ambiente do Instituto Politécnico de Tomar, 2002. Disponível em <<http://ccmm.fc.ul.pt/vnunes/ensino/itcg.pdf>>. Acessado em 02 de agosto de 2007.

ONU. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Disponível em < http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php> ; acessado em 21/12/ 2007.

POMBO, Olga. *Biobibliografia de Rousseau*. Disponível em <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/biobibliografia.pdf>>; acessado em 17 01 2007.

SILVA, Bezerra da. *Bicho Feroz*. Disponível em <<http://portalamazonia.globo.com/letrasdemusica.php?idM=2795>>, acessado em 30/10/2006.

VOLTAIRE. *Lettre a Rousseau*. Disponível em: <http://www.consciencia.org/wiki/index.php/Voltaire_Lettre_30_08_1755>. Acessado em 22 de julho de 2007.

• Obras Consultadas

FABRE, Jean. Introductions: Considerations sur le Gouvernement de Pologne. In: ROUSSEAU, Jean Jacques. *Oeuvres completes*. v.III. França: Gallimard, 1996.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. Rousseau: da teoria à prática. São Paulo: Ática, 1974.

GOUHIER, Henri. Introductions: Lettre à Christophe de Beaumont. In: ROUSSEAU, Jean Jacques. *Oeuvres completes*. v.IV. França: Gallimard, 1999.

LIMA, Maria do Socorro Abreu e. Os limites das conquistas democráticas no capitalismo. *Caderno de Direitos Humanos/UFPE*. Recife: Oito de Março, vol. 1 nº1, p. 49-56 , 2003.

LUZURIAGA, Lorenzo. *Historia da Educação e da Pedagogia*. 9 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

MALMESBURY, Thomas Hobbes. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado e eclesiástico e civil*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MARQUES, José Oscar de Almeida. A Educação Musical de Emílio. In: *Rapsódia, almanaque de filosofia e arte*. São Paulo: Dep. Filosofia - USP, n.2, p.7-35, 2002.

PHILONENKO, A. Kant et le problème de l'éducation. In : KANT, Immanuel. *Réflexions sur l'éducation*. 2 ed. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1974.

SILVA, Washington Luiz Martins da. *Lendo Rousseau: subsídios para uma leitura filosófico pedagógica de suas obras*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1993.

STAROBINSKI, Jean. Introductions: Essai sur l'Origine des Langues. In: ROUSSEAU, Jean Jacques. *Oeuvres completes*. v.V. França: Gallimard, 1995.

VIEIRA, Epitácio Fragoso. *O senso antropológico em Jean-Jacques Rousseau*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1989.

VIEIRA, Luiz Vicente. A democracia em Rousseau: a recusa dos pressupostos liberais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.